

LEÃO XIV



HOMILIAS

2025

Editado por 



PAPA LEÃO XIV

HOMILIAS 2025

Fonte:
vatican.va

SANTA MISSA PRO ECCLESIA CELEBRADA PELO ROMANO PONTÍFICE COM OS
CARDEAIS ELEITORES

Capela Sistina

Sexta-feira, 9 de maio de 2025

[Multimídia]

Começarei com uma palavra em inglês. O resto será em italiano.

Desejo repetir as palavras do Salmo Responsorial: “Cantai ao Senhor um cântico novo, pelas maravilhas que Ele operou”. Na verdade, não só comigo, mas com todos nós

Caros irmãos Cardeais, enquanto celebramos [a Eucaristia] nesta manhã, convido-vos a reconhecer as maravilhas que o Senhor fez, as bênçãos que o Senhor continua a derramar sobre todos nós através do Ministério de Pedro.

Vós chamastes-me a carregar esta cruz e a ser abençoado com esta missão, e eu sei que posso contar com todos e cada um de vós para caminhardes comigo, enquanto continuamos, como Igreja, como comunidade dos amigos de Jesus e como fiéis, a anunciar a Boa Nova, a anunciar o Evangelho.

[A partir daqui, em italiano]

«Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16). Com estas palavras, Pedro, interrogado juntamente com os outros discípulos pelo Mestre, sobre a sua fé n’Ele, expressa em síntese o tesouro que a Igreja, através da sucessão apostólica, guarda, aprofunda e transmite há dois mil anos.

Jesus é o Messias, o Filho do Deus vivo, ou seja, o único Salvador, que revela o rosto do Pai.

N'Ele, para se tornar próximo e acessível aos homens, Deus revelou-se nos olhos confiantes de uma criança, na mente viva de um jovem, na fisionomia madura de um homem (cf. Conc. Vat. II, Const. Past. *Gaudium et spes*, 22), até aparecer aos seus, após a ressurreição, com o seu corpo glorioso. Mostrou-nos assim um modelo de humanidade santa que todos podemos imitar, juntamente com a promessa de um destino eterno, que ultrapassa todos os nossos limites e capacidades.

Na sua resposta, Pedro compreende ambas as coisas: o dom de Deus e o caminho a percorrer para se deixar transformar, dimensões inseparáveis da salvação, confiadas à Igreja para que as anuncie a bem da humanidade. Confiadas a nós, escolhidos por Ele antes de sermos formados no ventre materno (cf. *Jr* 1, 5), regenerados na água do Batismo e, apesar dos nossos limites e sem mérito nosso, conduzidos até aqui e daqui enviados, para que o Evangelho seja anunciado a toda a criatura (cf. *Mc* 16, 15).

E Deus, de modo particular, chamando-me através do vosso voto a suceder ao Primeiro dos Apóstolos, confia-me este tesouro para que, com a sua ajuda, eu seja seu fiel administrador (cf. *1 Cor* 4, 2) em benefício de todo o Corpo místico da Igreja; para que ela seja cada vez mais cidade colocada sobre o monte (cf. *Ap* 21, 10), arca de salvação que navega sobre as ondas da história, farol que ilumina as noites do mundo. E isto não tanto pela magnificência das suas estruturas e pela grandiosidade dos seus edifícios – como estes monumentos em que nos encontramos – mas pela santidade dos seus membros, do povo que Deus adquiriu, a fim de proclamar as maravilhas daquele que o chamou das trevas para a sua luz admirável (cf. *1 Pe* 2, 9).

No entanto, antes do diálogo em que Pedro faz a sua profissão de fé, há uma outra pergunta: «Quem dizem os homens», interpela Jesus «que é o Filho do Homem?» (*Mt* 16, 13). Não se trata de uma pergunta banal, diz antes respeito a um aspecto importante do nosso ministério: a realidade em que vivemos, com os seus limites e potencialidades, as suas interrogações e convicções.

«Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» (*Mt* 16, 13). Pensando nesta cena, refletindo sobre ela, poderíamos encontrar duas possíveis respostas a esta pergunta e traçar outras tantas atitudes.

Em primeiro lugar, há a resposta do mundo. Mateus sublinha que o diálogo entre Jesus e os seus sobre a identidade d'Ele tem lugar na belíssima cidade de Cesareia de Filipe, cheia de palácios luxuosos, inserida numa paisagem natural encantadora, no sopé do Hermon, mas também sede de círculos de poder cruéis e palco de traições e infidelidades. Esta imagem fala-nos de um mundo que considera Jesus uma pessoa totalmente desprovida de importância, quando muito uma personagem curiosa, capaz de suscitar admiração com a sua maneira invulgar de falar e agir. Por isso, quando a sua presença se tornará incômoda, devido aos pedidos de honestidade e às exigências morais que solicita, este “mundo” não hesitará em rejeitá-lo e eliminá-lo.

Depois, há uma outra possível resposta à pergunta de Jesus: a das pessoas comuns. Para elas, o Nazareno não é um “charlatão”: é

um homem justo, corajoso, que fala bem e que diz coisas certas, como outros grandes profetas da história de Israel. Por isso, seguem-no, pelo menos enquanto podem fazê-lo sem demasiados riscos ou inconvenientes. Porém, porque essas pessoas o consideram apenas um homem, no momento do perigo, durante a Paixão, também elas o abandonam e vão embora, desiludidas.

Impressiona a atualidade destas duas atitudes. Com efeito, elas encarnam ideias que poderíamos facilmente reencontrar – talvez expressas com uma linguagem diferente, mas essencialmente idênticas – nos lábios de muitos homens e mulheres do nosso tempo.

Ainda hoje não faltam contextos em que a fé cristã é considerada uma coisa absurda, para pessoas fracas e pouco inteligentes; contextos nos quais em vez dela se preferem outras seguranças, como a tecnologia, o dinheiro, o sucesso, o poder e o prazer.

São ambientes onde não é fácil testemunhar nem anunciar o Evangelho, e onde quem acredita se vê ridicularizado, contrastado, desprezado, ou, quando muito, suportado e digno de pena. No entanto, precisamente por isso, são lugares onde a missão se torna urgente, porque a falta de fé, muitas vezes, traz consigo dramas como a perda do sentido da vida, o esquecimento da misericórdia, a violação – sob as mais dramáticas formas –

da dignidade da pessoa, a crise da família e tantas outras feridas das quais a nossa sociedade sofre, e não pouco.

Ainda hoje, não faltam contextos nos quais Jesus, embora apreciado como homem, é simplesmente reduzido a uma espécie de líder carismático ou super-homem, e isto não apenas entre os não crentes, mas também entre muitos batizados, que acabam por viver, a este nível, num ateísmo prático.

Este é o mundo que nos está confiado e no qual, como tantas vezes nos ensinou o Papa Francisco, somos chamados a testemunhar a alegria da fé em Cristo Salvador. Por isso, também para nós, é essencial repetir: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16).

É essencial fazê-lo, primeiramente, na nossa relação pessoal com Ele, no empenho em percorrer um caminho quotidiano de conversão. Mas depois também, como Igreja, vivendo juntos a nossa pertença ao Senhor e levando a todos a sua Boa Nova (cf. Conc. Vat. II, Const. Dogm. Lumen gentium, 1).

Digo isto, em primeiro lugar, para mim mesmo, como Sucessor de Pedro, ao iniciar esta minha missão de Bispo da Igreja que está em Roma, chamada a presidir na caridade à Igreja universal, segundo a célebre expressão de Santo Inácio de Antioquia (cf. *Carta aos Romanos*, Proêmio). Ele, enquanto era conduzido como prisioneiro a esta cidade, lugar do seu iminente sacrifício, escrevia aos cristãos que aqui se encontravam: «Então serei verdadeiro discípulo de Jesus, quando o meu corpo for subtraído à vista do mundo» (*Carta aos Romanos*, IV, 1). Referia-se ao ser devorado pelas feras no circo – como aconteceu –; porém, as suas palavras recordam, num sentido mais amplo, um compromisso irrenunciável para quem, na Igreja, exerce um ministério de autoridade: desaparecer para que Cristo permaneça, fazer-se pequeno para que Ele seja conhecido e glorificado (cf. Jo 3, 30), gastar-se até ao limite para que a ninguém falte a oportunidade de O conhecer e amar.

Que Deus me dê esta graça, hoje e sempre, com a ajuda da terna intercessão de Maria, Mãe da Igreja.

Domingo, 11 de maio de 2025

[Multimídia]

Começarei com uma palavra em inglês e depois talvez outra em italiano..

O Evangelho que ouvimos, neste domingo do Bom Pastor, diz: «As minhas ovelhas ouvem a minha voz, conheço-as e elas seguem-me» (Jo 10, 27).

Penso no Bom Pastor, sobretudo no domingo de hoje, tão significativo no tempo pascal. Ao celebrarmos o início desta nova missão, do ministério para o qual a Igreja me chamou, não há melhor exemplo do que o próprio Jesus Cristo, a quem confiamos a nossa vida e de quem dependemos. Jesus Cristo, a quem seguimos, é o Bom Pastor, e é Ele que nos dá a vida: «O caminho, a verdade e a vida» (Jo 14, 6).

Por isso, celebramos este dia com alegria e apreciamos muito a vossa presença aqui.

Hoje é o Dia da Mãe. Creio que só há uma mãe presente: feliz Dia da Mãe! Uma das mais belas expressões do amor de Deus é o amor derramado pelas mães, especialmente sobre os seus filhos e netos.

Este domingo é considerado especial por vários motivos: um dos primeiros que mencionaria é o das vocações. Durante os recentes trabalhos dos Cardeais, antes e depois da eleição do novo Papa, falamos muito das vocações na Igreja e da importância de nos interrogarmos todos juntos. Antes de mais nada e sobretudo, dando o bom exemplo com a nossa vida, com alegria, vivendo o júbilo do Evangelho, sem desencorajar os outros mas, ao contrário, procurando maneiras de animar os jovens a escutar a voz do Senhor, a segui-la e a servir na Igreja. «Eu sou o Bom Pastor» (Jo 10, 11), diz-nos Jesus.

Agora acrescento também uma palavra em italiano, porque esta missão que cumprimos já não se dirige a uma única diocese, mas a toda a Igreja: este espírito universal é importante! E encontramos-lo também na primeira Leitura que ouvimos (cf. At 13, 14.43-52). Paulo e Barnabé vão a Antioquia, dirigem-se primeiro aos judeus, que não querem escutar a voz do Senhor, e assim começam a anunciar o Evangelho ao mundo inteiro, aos pagãos. Como sabemos, partem para esta grande missão. São Paulo vem a Roma, onde acaba por a levar a cabo. Mais um exemplo do testemunho de um bom pastor. Mas nesse exemplo há também um convite muito especial a todos nós. Aliás, digo-o de maneira muito pessoal: anunciar o Evangelho ao mundo inteiro!

Coragem! Sem medo! Tantas vezes Jesus diz no Evangelho: «Não tenhais medo!». Devemos ser corajosos no testemunho que damos, com a palavra e principalmente com a vida: dando a vida, servindo, às vezes com grandes sacrifícios, para viver precisamente esta missão.

Li uma pequena reflexão que me faz pensar muito, porque aparece também no Evangelho. Neste sentido, alguém perguntou: “Quando pensas na tua vida, como explicas onde chegaste?”. A resposta que dão nesta reflexão é, de certa forma, também a minha: com o verbo “escutar”. Como é importante escutar! Jesus diz: «As minhas ovelhas ouvem a minha voz» (Jo 10, 27). E penso que é importante que todos nós aprendamos a escutar cada vez mais, a entrar em diálogo. Em primeiro lugar, com o Senhor: escutar sempre a Palavra de Deus. Além disso, escutar também os outros: saber construir pontes, saber escutar para não julgar, não fechar as portas, pensando que possuímos toda a verdade e que mais ninguém nos pode dizer nada. É muito importante ouvir a voz do Senhor, escutar-nos a nós próprios, neste diálogo, e ver para onde o Senhor nos chama.

Caminhemos juntos na Igreja, peçamos ao Senhor que nos conceda esta graça: poder escutar a sua Palavra para servir todo o seu povo!

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA IMPOSIÇÃO DO PÁLIO E ENTREGA DO ANEL DO
PESCADOR PARA O INÍCIO DO MINISTÉRIO PETRINO DO BISPO DE ROMA

Praça de São Pedro

V Domingo de Páscoa, 18 de maio de 2025

[Multimídia]

Queridos irmãos Cardeais,
Irmãos no episcopado e no sacerdócio,
Distintas Autoridades e Membros do Corpo Diplomático!
Saúdo os peregrinos que vieram para o Jubileu das Irmandades!
Irmãos e irmãs,

no início do ministério que me foi confiado, a todos cumprimento com o coração cheio de gratidão. Escreveu Santo Agostinho: «Fizeste-nos para Vós, [Senhor,] e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Vós» (*Confissões*, 1,1.1).

Nos últimos dias, vivemos tempos particularmente intensos. A morte do Papa Francisco encheu os nossos corações de tristeza e, naquelas horas difíceis, sentimo-nos como as multidões que o Evangelho diz serem «como ovelhas sem pastor» (*Mt* 9, 36). No entanto, precisamente no dia de Páscoa, recebemos a sua última bênção e, à luz da ressurreição, enfrentámos este momento na certeza de que o Senhor nunca abandona o seu povo, mas congrega-o quando se dispersa e guarda-o «como o pastor ao seu rebanho» (*Jr* 31, 10).

Neste espírito de fé, o Colégio Cardinalício reuniu-se para o Conclave. Chegando com histórias diferentes e a partir de caminhos diversos, colocámos nas mãos de Deus o desejo de eleger o novo sucessor de Pedro, o Bispo de Roma, um pastor capaz de guardar o rico património da fé cristã e, ao mesmo tempo, de olhar para longe, para ir ao encontro das interrogações, das inquietações e dos desafios de hoje. Acompanhados pela vossa oração, sentimos a ação do Espírito Santo, que soube harmonizar os

diferentes instrumentos musicais e fez vibrar as cordas do nosso coração numa única melodia.

Fui escolhido sem qualquer mérito e, com temor e tremor, *venho até vós como um irmão* que deseja fazer-se servo da vossa fé e da vossa alegria, percorrendo convosco o caminho do amor de Deus, que nos quer a todos unidos numa única família.

Amor e unidade: estas são as duas dimensões da missão que Jesus confiou a Pedro.

É o que nos narra o trecho do Evangelho, que nos leva ao lago de Tiberíades, o mesmo onde Jesus iniciou a missão recebida do Pai: “pescar” a humanidade, resgatando-a das águas do mal e da morte. Ao passar pela margem daquele lago, chamou Pedro e os outros primeiros discípulos para serem como Ele, “pescadores de homens”, e agora, após a ressurreição, cabe-lhes precisamente a eles levar em frente esta missão, lançar sempre e novamente a rede imergindo nas águas do mundo a esperança do Evangelho, e navegar no mar da vida para que todos se possam reencontrar no abraço de Deus.

Como pode Pedro levar adiante essa tarefa? O Evangelho diz-nos que isso só é possível porque ele experimentou na própria vida o amor infinito e incondicional de Deus, mesmo na hora do fracasso e da negação. Por isso, quando Jesus se dirige a Pedro, o Evangelho usa o verbo grego *agapao*, que se refere ao amor que Deus tem por nós, à sua entrega sem reservas nem cálculos, diferente do usado na resposta de Pedro, que descreve o amor de amizade que cultivamos entre nós.

Quando Jesus pergunta a Pedro – «Simão, filho de João, tu amas-me?» (*Jo* 21, 16) – refere-se ao amor do Pai. É como se Jesus lhe dissesse: só se conheceste e experimentaste este amor de Deus, que nunca falha, poderás apascentar as minhas ovelhas; só no amor de Deus Pai poderás amar os teus irmãos com «algo mais», isto é, oferecendo a vida por eles.

A Pedro, portanto, é confiada a tarefa de «amar mais» e dar a sua vida pelo rebanho. O ministério de Pedro é marcado precisamente por este amor oblato, porque a Igreja de Roma preside na caridade e a sua verdadeira

autoridade é a caridade de Cristo. Não se trata nunca de capturar os outros com a prepotência, com a propaganda religiosa ou com os meios do poder, mas trata-se sempre e apenas de amar como fez Jesus.

Ele é – afirma o próprio apóstolo Pedro – «a pedra que vós, os construtores, desprezastes e que se transformou em pedra angular» (Act 4, 11). E se a pedra é Cristo, Pedro deve apascentar o rebanho sem nunca ceder à tentação de ser um líder solitário ou um chefe colocado acima dos outros, tornando-se dominador das pessoas que lhe foram confiadas (cf. *1 Pe* 5, 3); pelo contrário, é-lhe pedido que sirva a fé dos irmãos, caminhando com eles: todos nós, com efeito, somos «pedras vivas» (*1 Pe* 2, 5), chamados pelo nosso Batismo a construir o edifício de Deus na comunhão fraterna, na harmonia do Espírito, na convivência das diversidades. Como afirma Santo Agostinho: «A Igreja é constituída por todos aqueles que mantêm a concórdia com os irmãos e que amam o próximo» (*Sermão* 359, 9).

Irmãos e irmãs, gostaria que fosse este o nosso primeiro grande desejo: *uma Igreja unida, sinal de unidade e comunhão, que se torne fermento para um mundo reconciliado.*

No nosso tempo, ainda vemos demasiada discórdia, demasiadas feridas causadas pelo ódio, a violência, os preconceitos, o medo do diferente, por um paradigma económico que explora os recursos da Terra e marginaliza os mais pobres. E nós queremos ser, dentro desta massa, um pequeno fermento de unidade, comunhão e fraternidade. Queremos dizer ao mundo, com humildade e alegria: Olhai para Cristo! Aproximai-vos d'Ele! Acolhei a sua Palavra que ilumina e consola! Escutai a sua proposta de amor para vos tornardes a sua única família. *No único Cristo somos um.* E este é o caminho a percorrer juntos – entre nós, mas também com as Igrejas cristãs irmãs, com aqueles que percorrem outros caminhos religiosos, com quem cultiva a inquietação da busca de Deus, com todas as mulheres e todos os homens de boa vontade – para construirmos um mundo novo onde reine a paz.

Este é o espírito missionário que nos deve animar, sem nos fecharmos no nosso pequeno grupo nem nos sentirmos superiores ao mundo; somos chamados a oferecer a todos o amor de Deus, para que se realize aquela

unidade que não anula as diferenças, mas valoriza a história pessoal de cada um e a cultura social e religiosa de cada povo.

Irmãos, irmãs, esta é a hora do amor! A caridade de Deus, que faz de nós irmãos, é o coração do Evangelho e, com o meu predecessor Leão XIII, podemos hoje perguntar-nos: «Não se veria em breve prazo estabelecer-se a pacificação, se estes ensinamentos pudessem vir a prevalecer nas sociedades?» (Carta enc. Rerum novarum, 14).

Com a luz e a força do Espírito Santo, construamos uma Igreja fundada no amor de Deus e sinal de unidade, uma Igreja missionária, que abre os braços ao mundo, que anuncia a Palavra, que se deixa inquietar pela história e que se torna fermento de concórdia para a humanidade.

Juntos, como único povo, todos irmãos, caminhemos ao encontro de Deus e amemo-nos uns aos outros.

VISITA AO SEPULCRO DE SÃO PAULO

Basílica de São Paulo Extramuros

Terça-feira, 20 de maio de 2025

[Multimídia]

A passagem bíblica que ouvimos é o início de uma linda carta dirigida por São Paulo aos cristãos de Roma, cuja mensagem gira em torno de três grandes temas: *a graça, a fé e a justiça*. Ao confiarmos o início deste novo Pontificado à intercessão do Apóstolo dos Gentios, meditemos juntos sobre a sua mensagem.

São Paulo diz, primeiramente, que recebeu de Deus a graça da vocação (cf. *Rm* 1, 5). Ou seja, reconhece que o seu encontro com Cristo e o seu ministério estão ligados ao amor com que Deus o amou primeiro, chamando-o a uma nova existência, quando ele ainda estava longe do Evangelho e perseguia a Igreja. Santo Agostinho - também ele convertido - fala da mesma experiência, dizendo: «Mas o que podemos escolher, se antes não formos escolhidos? Porque não conseguiremos amar, se antes não formos amados» (*Sermão* 34, 2). Na raiz de toda a vocação está Deus: a sua misericórdia, a sua bondade, generosa como a de uma mãe (cf. *Is* 66, 12-14), que naturalmente, através do seu próprio corpo, alimenta o seu filho quando este ainda não é capaz de se alimentar a si mesmo (cf. Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos*, 130, 9).

Mas Paulo, no mesmo trecho, fala também da «obediência da fé» (*Rm* 1, 5), e também aqui partilha a sua experiência. Com efeito, o Senhor, ao aparecer-lhe no caminho de Damasco (cf. *Act* 9, 1-30), não o privou da liberdade, mas deixou-lhe a possibilidade de uma escolha, de uma obediência que era fruto do esforço, de lutas interiores e exteriores, que ele aceitou enfrentar. A salvação não acontece por magia, mas por um mistério de graça e de fé, do amor prévio de Deus e da adesão confiante e livre do homem (cf. *2Tm* 1, 12).

Ao mesmo tempo que agradecemos ao Senhor a vocação com que transformou a vida de Saulo, pedimos-lhe que saibamos responder do mesmo modo aos seus convites, tornando-nos testemunhas do amor «derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (*Rm* 5, 5). Pedimos-lhe que saibamos cultivar e difundir a sua caridade, tornando-nos próximos uns dos outros (cf. Francisco, *Homilia das segundas vésperas da Solenidade da Conversão de São Paulo*, 25 de janeiro de 2024), no mesmo combate de sentimentos que, a partir do encontro com Cristo, levou o antigo perseguidor a fazer-se «tudo para todos» (*1 Cor* 9, 22), até ao martírio. Assim, na fraqueza da carne, para nós como para ele, revelar-se-á o poder da fé no Deus que justifica (cf. *Rm* 5, 1-5).

Esta Basílica está confiada, há séculos, aos cuidados de uma comunidade beneditina. Falando, portanto, do amor como fonte e motor do anúncio do Evangelho, como não recordar os insistentes apelos de São Bento, na sua Regra, à caridade fraterna no mosteiro e à hospitalidade para com todos (*Regra*, capítulos LIII; LXIII)?

Mas gostaria de concluir recordando as palavras que, mais de mil anos depois, outro Bento, o Papa Bento XVI, dirigiu aos jovens: «Queridos amigos – disse – Deus ama-nos. Esta é a grande verdade da nossa vida e que dá sentido a tudo o mais. [...] na origem da nossa existência, há um projeto de amor de Deus» e a fé «nos leva a abrir o nosso coração a este mistério de amor e a viver como pessoas que se sabem amadas por Deus» (*Homilia na Vigília de Oração com os jovens*, Madrid, 20 de agosto de 2011).

Esta é a raiz, simples e única, de toda a missão, incluindo a minha, como sucessor de Pedro e herdeiro do zelo apostólico de Paulo. Que o Senhor me dê a graça de corresponder fielmente ao seu chamamento.

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E TOMADA
DE POSSE DA CÂTEDRA ROMANA
DO BISPO DE ROMA LEÃO XIV

Basílica de São João de Latrão

VI Domingo de Páscoa, 25 de maio de 2025

[Multimídia]

Dirijo uma cordial saudação aos senhores Cardeais presentes, em particular ao Cardeal Vigário, aos Bispos auxiliares e a todos os Bispos, aos queridos Sacerdotes – Párocos, Vigários paroquiais e todos aqueles que, de diferentes modos, cooperam com o cuidado pastoral das nossas comunidades –; saúdo também os diáconos, os religiosos e religiosas, as autoridades e todos vós, queridos fiéis.

A Igreja de Roma é herdeira de uma grande história, enraizada no testemunho de Pedro, de Paulo e de inúmeros mártires, e tem uma única missão, muito bem expressa pelo que está escrito na fachada desta Catedral: ser *Mater omnium Ecclesiarum*, Mãe de todas as Igrejas.

O Papa Francisco, frequentemente, convidou-nos a meditar sobre a dimensão materna da Igreja (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 46-49.139-141; *Catequese*, 13 de janeiro de 2016) e sobre as características que lhe são próprias: a ternura, a disponibilidade ao sacrifício e aquela capacidade de escuta que permite não só socorrer, mas muitas vezes prover às necessidades e às expectativas, antes mesmo que sejam manifestadas. Estes são traços que desejamos que cresçam em todo o povo de Deus, e também aqui, na nossa grande família diocesana: nos fiéis e nos pastores, a começar por mim. As leituras que ouvimos podem ajudar-nos a refletir sobre estes traços.

Nos Atos dos Apóstolos (cf. 15, 1-2.22-29) narra-se, em particular, como a comunidade primitiva enfrentou o desafio da abertura ao mundo pagão no anúncio do Evangelho. Não foi uma tarefa fácil: exigiu muita paciência e escuta recíproca; isto aconteceu, primeiramente, dentro da comunidade de Antioquia, onde os irmãos, dialogando – e também

discutindo –, chegaram juntos a uma definição sobre a questão. Depois, porém, Paulo e Barnabé subiram a Jerusalém. Não decidiram por conta própria: procuraram a comunhão com a Igreja mãe e foram até lá com humildade.

Ali encontraram Pedro e os Apóstolos, que os ouviram. Assim se iniciou o diálogo que finalmente levou à decisão correta: reconhecendo e considerando as dificuldades dos neófitos, concordou-se em não lhes impor encargos excessivos, mas limitar-se a pedir o essencial (cf. *Act* 15, 28-29). Assim, o que poderia parecer um problema, tornou-se para todos uma ocasião de reflexão e crescimento.

O texto bíblico, no entanto, nos diz mais, indo além da já rica e interessante dinâmica humana do evento.

Isso é revelado pelas palavras que os irmãos de Jerusalém dirigem, por carta, aos de Antioquia, comunicando-lhes as decisões tomadas. Eles escrevem: «o Espírito Santo e nós próprios resolvemos» (*Act* 15, 28). Enfatizam, portanto, que a atitude mais importante em toda a questão – aquela que tornou possível todo o resto – foi a escuta da voz de Deus. Assim, eles nos lembram que a comunhão se constrói primeiramente “de joelhos”, na oração e num compromisso contínuo de conversão. Na realidade, somente com esta atitude cada um pode ouvir dentro de si a voz do Espírito que clama: «Abbá! Pai!» (*Gal* 4, 6) e, conseqüentemente, ouvir e compreender os outros como irmãos.

Também o Evangelho nos reafirma esta mensagem (cf. *Jo* 14, 23-29), dizendo-nos que não estamos sozinhos nas escolhas da vida. O Espírito nos sustenta e nos indica o caminho a seguir, “ensinando-nos” e “lembrando-nos” tudo o que disse Jesus (cf. *Jo* 14, 26).

Em primeiro lugar, o Espírito nos ensina as palavras do Senhor, gravando-as profundamente em nós, segundo a imagem bíblica da lei escrita não mais em tábuas de pedra, mas nos nossos corações (cf. *Jr* 31, 33); um dom que nos ajuda a crescer até nos tornarmos “carta de Cristo” (cf. *2 Cor* 3, 3) uns para os outros. E é exatamente assim: somos tanto mais capazes de anunciar o Evangelho quanto mais nos deixamos conquistar e transformar por ele, permitindo que a força do Espírito nos purifique no

íntimo, torne simples as nossas palavras, honestos e transparentes os nossos desejos, generosas as nossas ações.

E aqui entra em cena o outro verbo: “recordar”, ou seja, voltar a dirigir a atenção do coração para o que vivemos e aprendemos, para penetrar mais profundamente no seu significado e saborear a sua beleza.

Penso, a este respeito, no exigente caminho que a Diocese de Roma está percorrendo nestes anos, articulado em vários níveis de escuta: em direção do mundo que a rodeia, para acolher os seus desafios, e dentro das comunidades, para compreender as necessidades e promover sábias e proféticas iniciativas de evangelização e caridade. É um caminho difícil, ainda em curso, que procura abranger uma realidade muito rica, mas também muito complexa. É, entretanto, digno da história desta Igreja, que tantas vezes demonstrou saber pensar de modo magnânimo, dedicando-se sem reservas a projetos corajosos e assumindo riscos, mesmo perante cenários novos e desafiadores.

Um sinal disto é o grande empenho com que toda a diocese, justamente nestes dias, tem se dedicado ao Jubileu, no acolhimento e cuidado dos peregrinos e em inúmeras outras iniciativas. Graças a tantos esforços, a cidade se apresenta àqueles que nela chegam – às vezes de muito longe – como uma grande casa aberta e acolhedora e, sobretudo, como um lar de fé.

Quanto a mim, expresso o desejo e o compromisso de entrar neste vasto canteiro, colocando-me, na medida do possível, à escuta de todos, para aprender, compreender e decidir juntos: «para vós sou Bispo, convosco sou cristão», como dizia Santo Agostinho (cf. *Sermão* 340, 1). Peço-vos que me ajudem a fazê-lo num esforço comum de oração e caridade, recordando as palavras de São Leão Magno: «Todo o bem realizado por nós no exercício do nosso ministério é obra de Cristo, e não nossa; pois nada podemos sem Ele, mas é n’Ele que nos gloriamos, d’Ele que provém toda a eficácia da nossa ação» (*Sermão* 5, *De natali ipsius*, 4).

Para concluir, gostaria de acrescentar a essas palavras aquilo que disse o Beato João Paulo I, que em 23 de setembro de 1978, com o rosto radiante e sereno que já lhe valera o apelido de “Papa do sorriso”, assim saudou a sua nova família diocesana: «São Pio X – dizia ele – entrando como Patriarca

em Veneza, exclamou em São Marcos: “Que seria de mim, venezianos, se não vos amasse?”. Eu digo aos Romanos coisa semelhante: posso assegurar-vos que vos amo, que só desejo começar a servir-vos e pôr à disposição de todos as minhas pobres forças, aquele pouco que tenho e sou» (Homilia na tomada de posse da Cátedra do Bispo de Roma, 23 de setembro de 1978).

Também eu vos expresso todo o meu carinho, com o desejo de partilhar convosco, no caminho comum, alegrias e dores, cansaços e esperanças. Também eu vos ofereço “o pouco que tenho e que sou”, e confio-o à intercessão dos Santos Pedro e Paulo e de tantos outros irmãos e irmãs, cuja santidade iluminou a história desta Igreja e as ruas desta cidade. Que a Virgem Maria nos acompanhe e interceda por nós.

SANTA MISSA PARA A ORDENAÇÃO DE
11 SACERDOTES PARA A DIOCESE DE ROMA

Basílica de São Pedro

Festa da Visitação de Nossa Senhora
Sábado, 31 de maio de 2025

[Multimídia]

Amados irmãos e irmãs!

Hoje é um dia de grande alegria para a Igreja e para cada um de vós, ordinandos presbíteros, com os vossos familiares, amigos e companheiros de caminho durante os anos de formação. Como o Rito da Ordenação realça em várias passagens, a relação entre o que hoje celebramos e o povo de Deus é fundamental. A profundidade, a amplitude e até a duração do júbilo divino que agora partilhamos são diretamente proporcionais aos vínculos que existem e crescerão entre vós, ordinandos, e o povo do qual provindes, do qual permaneceis parte e ao qual sois enviados. Meditarei sobre este aspeto, tendo sempre presente que a identidade do sacerdote depende da união com Cristo, sumo e eterno sacerdote.

Somos povo de Deus. O Concílio Vaticano II tornou mais viva esta consciência, praticamente antecipando um tempo em que a pertença se tornaria mais frágil e o sentido de Deus mais rarefeito. Sois testemunhas de que Deus não se cansou de reunir os seus filhos, por mais diversos que sejam, e de os constituir numa unidade dinâmica. Não se trata de uma ação impetuosa, mas daquela brisa suave que devolveu a esperança ao profeta Elias na hora do desânimo (cf. 1 Rs 19, 12). A alegria de Deus não é ruidosa, mas muda verdadeiramente a história, aproximando-nos uns dos outros. Um ícone disto é o mistério da Visitação, que a Igreja contempla no último dia de maio. Do encontro entre a Virgem Maria e a prima Isabel vemos brotar o Magnificat, cântico de um povo visitado pela graça.

As Leituras acabadas de proclamar ajudam-nos a interpretar o que acontece também entre nós. Em primeiro lugar, no Evangelho Jesus não nos

aparece esmagado pela morte iminente, nem pela desilusão de laços interrompidos ou inacabados. Pelo contrário, o Espírito Santo intensifica estes laços ameaçados. Na oração, eles tornam-se mais fortes do que a morte. Em vez de pensar no seu destino pessoal, Jesus coloca nas mãos do Pai os vínculos que construiu aqui na terra. Nós fazemos parte deles! Com efeito, o Evangelho chegou até nós através de laços que o mundo pode desgastar, mas não destruir.

Prezados ordinandos, concebei-vos, pois, a vós mesmos à maneira de Jesus! Ser de Deus - servos de Deus, povo de Deus - liga-nos à terra: não a um mundo ideal, mas ao real. Como Jesus, são pessoas de carne e osso que o Pai coloca no vosso caminho. Consagrai-vos a elas, sem vos separar delas, sem vos isolardes, sem fazer do dom recebido uma espécie de privilégio. O Papa Francisco advertiu-nos muitas vezes contra isso, pois a autorreferencialidade extingue o fogo do espírito missionário.

A Igreja é constitutivamente extrovertida, como extrovertidas são a vida, a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus. Fareis vossas as suas palavras em cada Eucaristia: é «por vós e por todos». Jamais alguém viu a Deus. Ele veio ao nosso encontro, saiu de si mesmo. O Filho tornou-se a exegese, a narração viva. E concedeu-nos o poder de nos tornarmos filhos de Deus. Não procureis, não procuremos outro poder!

O gesto da imposição das mãos, com o qual Jesus acolhia as crianças e curava os doentes, renove em vós o poder libertador do seu ministério messiânico. Nos Atos dos Apóstolos, aquele gesto que em breve repetiremos é a transmissão do Espírito criador. Assim, o Reino de Deus põe agora em comunhão as vossas liberdades pessoais, dispostas a sair de si mesmas, enxertando as vossas inteligências e as vossas forças jovens na missão jubilar que Jesus transmitiu à sua Igreja.

Na sua saudação aos anciãos da comunidade de Éfeso, da qual ouvimos alguns fragmentos na primeira Leitura, Paulo transmite-lhes o segredo de cada missão: «O Espírito Santo constituiu-vos guardiães» (At 20, 28). Não senhores, mas guardiães! A missão é de Jesus! Ele ressuscitou, portanto está vivo e precede-nos. Nenhum de nós é chamado a substituí-lo. O dia da Ascensão educa-nos para a sua presença invisível. Ele confia em nós, concede-nos espaço; chegou a dizer: «É bom para vós que eu parta» (Jo 16,

7). Estimados ordinandos, também nós Bispos, envolvendo-vos hoje na missão, vos concedemos espaço. E vós dai espaço aos fiéis e a cada criatura, de quem o Ressuscitado está próximo e em quem gosta de nos visitar e surpreender. O povo de Deus é mais numeroso do que vemos. Não definamos os seus confins!

De São Paulo, daquele seu comovente discurso de despedida, gostaria de frisar uma segunda palavra. Na realidade, ela precede todas as outras. Ele pode dizer: «Vós sabeis como me comportei convosco durante todo este tempo» (At 20, 18). Conservemos esta expressão bem gravada no coração e na mente! «Vós sabeis como me comportei»: a transparência da vida. Vidas conhecidas, vidas legíveis, vidas credíveis! Permanecemos no seio do povo de Deus, para poder estar diante dele, com testemunho credível.

Juntos, pois, reconstruiremos a credibilidade de uma Igreja ferida, enviada a uma humanidade ferida, no seio de uma criação ferida. Ainda não somos perfeitos, mas é preciso ser credível!

Jesus ressuscitado mostra-nos as suas feridas e, embora elas sejam sinal de rejeição por parte da humanidade, perdoa-nos e envia-nos. Não nos esqueçamos disto! Hoje Ele sopra também sobre nós (cf. Jo 20, 22), tornando-nos ministros de esperança. «Desde agora em diante, a ninguém conhecemos segundo a carne» (2 Cor 5, 16): tudo o que, aos nossos olhos, está quebrado e perdido aparece-nos agora no sinal da reconciliação.

«Porque o amor de Cristo nos possui», caros irmãos e irmãs! É uma posse que liberta e que nos permite não possuir ninguém. Libertar, não possuir! Somos de Deus: não há maior riqueza a apreciar e partilhar! É a única riqueza que, compartilhada, se multiplica. Queremos levá-la, juntos, ao mundo que Deus amou de tal modo que deu o seu Filho único (cf. Jo 3, 16).

Assim, está cheia de sentido a vida oferecida por estes irmãos, que em breve serão ordenados presbíteros. Agradecemos-lhes e demos graças a Deus que os chamou ao serviço de um povo inteiramente sacerdotal. Com efeito, juntos unimos o céu e a terra. Em Maria, Mãe da Igreja, resplandece este sacerdócio comum que eleva os humildes, une as gerações e nos faz

chamar bem-aventurados (cf. *Lc 1*, 48.52). Que Ela, Nossa Senhora da Confiança, Mãe da Esperança, interceda por nós!

JUBILEU DAS FAMÍLIAS, DAS
CRIANÇAS, DOS AVÓS E DOS IDOSOS

Praça de São Pedro

VII Domingo da Páscoa, 1 de junho de 2025

[Multimídia]

O Evangelho que acaba de ser proclamado mostra-nos Jesus rezando por nós na Última Ceia (cf. *Jo* 17, 20): o Verbo de Deus, feito homem, já perto do fim da sua vida terrena, pensa em nós, seus irmãos, tornando-se bênção, súplica e louvor ao Pai, com a força do Espírito Santo. E também nós, ao entrarmos na oração de Jesus cheios de admiração e confiança, somos envolvidos pelo seu próprio amor num grande projeto, que diz respeito a toda a humanidade.

Cristo pede, com efeito, que todos sejamos «um só» (v. 21). Trata-se do maior bem que possa ser desejado, porque esta união universal realiza entre as criaturas a comunhão eterna de amor em que se identifica o próprio Deus, como Pai que dá a vida, Filho que a recebe e Espírito que a partilha.

O Senhor não quer que nos juntemos numa massa indistinta, como um bloco sem nome, apenas com o fim de estarmos unidos, mas deseja que sejamos um: «como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós» (v. 21). A unidade pela qual Jesus reza é, portanto, uma comunhão fundada no mesmo amor com que Deus ama, do qual provêm a vida e a salvação. E, como tal é, primeiramente, um dom que Jesus vem trazer. É, pois, a partir do seu coração de homem que o Filho de Deus se dirige ao Pai dizendo: «Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim» (v. 23).

Ouçamos com admiração estas palavras: Jesus está a revelar-nos que Deus nos ama como ama a si mesmo. O Pai não nos ama menos do que ama o seu Filho Único, isto é, infinitamente. Deus não ama menos, porque ama antes, ama por primeiro! O próprio Cristo testemunha isso quando diz que o

Pai o amou «antes da criação do mundo» (v. 24). E é exatamente assim: na sua misericórdia, Deus sempre quis atrair todos os homens para si, e é a sua vida, entregue por nós em Cristo, que nos faz um, que nos une uns aos outros.

Ouvir hoje esse Evangelho, durante o Jubileu das Famílias, das Crianças, dos Avós e dos Idosos, enche-nos de alegria.

Caríssimos, recebemos a vida antes de a termos desejado. Como ensinou o Papa Francisco, «todos os homens são filhos, mas nenhum de nós escolheu nascer» (Angelus, 1 de janeiro de 2025). E não só. Assim que nascemos, tivemos necessidade dos outros para viver, já que sozinhos não teríamos conseguido: foi outra pessoa que nos ajudou, cuidando de nós, do nosso corpo e do nosso espírito. Assim sendo, todos nós vivemos graças a uma relação, ou seja, a um vínculo livre e libertador de humanidade e de cuidado recíproco.

É verdade que às vezes essa humanidade é traída. Por exemplo, cada vez que se invoca a liberdade não para dar a vida, mas para tirá-la; não para socorrer, mas para ofender. No entanto, mesmo diante do mal, que cria discórdia e mata, Jesus continua a interceder por nós junto ao Pai, e a sua oração age como um bálsamo nas nossas feridas, tornando-se para todos um anúncio de perdão e reconciliação. Essa oração do Senhor dá sentido pleno aos momentos luminosos do nosso querer bem aos outros, como pais, avós, filhos e filhas. E é isso que queremos anunciar ao mundo: estamos aqui para sermos “um”, como o Senhor nos quer “um”, nas nossas famílias e onde quer que vivamos, trabalhem e estudemos: diferentes, mas um; muitos, mas um; sempre, em todas as circunstâncias e em todas as etapas da vida.

Caríssimos, se nos amarmos assim, sobre o fundamento de Cristo, que é «o Alfa e o Ómega», «o Princípio e o Fim» (cf. *Ap* 22, 13), seremos sinal de paz para todos na sociedade e no mundo. E não esqueçamos: das famílias nasce o futuro dos povos.

Nas últimas décadas, recebemos um sinal que nos enche de alegria e, ao mesmo tempo, nos faz refletir: refiro-me à Beatificação e Canonização de casais, não separadamente, mas juntos, enquanto casais. Penso em Luís e Zélia Martin, pais de Santa Teresinha do Menino Jesus; como também os

Beatos Luís e Maria Beltrame Quattrocchi, cuja vida familiar transcorreu em Roma no século passado. E não nos esqueçamos da família polaca Ulma: pais e filhos unidos no amor e no martírio. Eu dizia que se trata de um sinal que faz pensar, pois a Igreja, apresentando-os como testemunhos exemplares dos cônjuges, diz-nos realmente que o mundo de hoje precisa da aliança conjugal para conhecer e acolher o amor de Deus e superar, com a sua força que une e reconcilia, as forças que desagregam as relações e as sociedades.

Por isso, digo a vós, esposos, com o coração cheio de gratidão e esperança: o casamento não é um ideal, mas a regra do verdadeiro amor entre o homem e a mulher; amor total, fiel, fecundo (cf. São Paulo VI, *Carta enc. Humanae vitae*, 9). Esse mesmo amor, ao transformar-vos numa só carne, torna-vos capazes de, à imagem de Deus, doar a vida.

Portanto, encorajo-vos a ser exemplos de coerência para os vossos filhos, comportando-vos como quereis que eles se comportem, educando-os para a liberdade através da obediência, procurando sempre os meios para aumentar o bem que existe neles. E vós, filhos, sede gratos aos vossos pais: dizer “obrigado” pelo dom da vida e pelos dons que recebemos todos os dias é a primeira forma de honrar o pai e a mãe (cf. *Ex* 20, 12). Por fim, a vós, queridos avós e idosos, recomendo que cuideis daqueles que amais, com sabedoria e compaixão, com a humildade e a paciência que os anos ensinam.

Na família, a fé é transmitida, de geração em geração, juntamente com a vida: é partilhada como o alimento da mesa e os afetos do coração. Isso torna-a um lugar privilegiado para encontrar Jesus, que nos ama e quer sempre o nosso bem.

Gostaria de acrescentar uma última coisa. A oração do Filho de Deus, que nos infunde esperança ao longo do caminho, lembra-nos também que um dia seremos todos *uno unum* (cf. Santo Agostinho, *Enarr. In. Ps.*, 127): uma só coisa no único Salvador, abraçados pelo amor eterno de Deus. Não somente nós, mas também os pais e as mães, as avós e os avôs, os irmãos, as irmãs e os filhos que já nos precederam na luz da Páscoa eterna e que sentimos presentes aqui, junto a nós, neste momento de festa.

VIGÍLIA DE PENTECOSTES COM OS MOVIMENTOS
ECLESIAIS, AS ASSOCIAÇÕES E AS NOVAS COMUNIDADES

Praça de São Pedro

Sábado, 7 de junho de 2025

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs!

O Espírito criador que invocamos no canto – *Veni creator Spiritus* – é o Espírito que desceu sobre Jesus, o protagonista silencioso da sua missão: «O Espírito do Senhor está sobre mim» (Lc 4, 18). Ao pedirmos que visite as nossas almas, multiplique as línguas, ilumine a nossa mente, infunda o amor, fortaleça os corpos, dê a paz, abrimo-nos ao Reino de Deus. Essa é a conversão segundo o Evangelho: voltarmo-nos para o Reino que já está próximo.

Em Jesus vemos e d’Ele ouvimos que tudo se transforma, porque Deus reina, porque Deus está perto. Nesta vigília de Pentecostes, estamos profundamente envolvidos na proximidade de Deus, pelo seu Espírito que une as nossas histórias com a de Jesus. Isto é, estamos envolvidos nas coisas novas que Deus faz, para que a sua vontade de vida se realize e prevaleça sobre os desejos de morte.

«Porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (Lc 4, 18-19). Sentimos aqui o perfume do Crisma, com o qual a nossa fronte também foi marcada. O Batismo e a Confirmação, queridos irmãos e irmãs, uniram-nos à missão transformadora de Jesus, ao Reino de Deus. Assim como o amor torna familiar o perfume de uma pessoa querida, reconhecemos, nesta noite, o perfume de Cristo uns nos outros. É um mistério que nos maravilha e nos faz pensar.

No Pentecostes, Maria, os Apóstolos, as discípulas e os discípulos que estavam com eles foram investidos de um Espírito de unidade, que enraizou para sempre as suas diversidades no único Senhor Jesus Cristo. Não muitas missões, mas uma única missão. Não introvertidos e conflituosos, mas extrovertidos e luminosos. Esta Praça de São Pedro, que é como um abraço aberto e acolhedor, expressa de modo magnífico a comunhão da Igreja, vivida por cada um de vós nas diversas experiências associativas e comunitárias, muitas das quais representam frutos do Concílio Vaticano II.

Na tarde da minha eleição, olhando com emoção para o povo de Deus aqui reunido, lembrei da palavra “sinodalidade”, que expressa muito bem o modo como o Espírito molda a Igreja. Nessa palavra, ressoa o *syn* – o “com” – que constitui o segredo da vida de Deus. Deus não é solidão. Deus é em si mesmo “com” – Pai, Filho e Espírito Santo – e é Deus conosco. Ao mesmo tempo, sinodalidade recorda-nos o caminho – *odós* – porque onde está o Espírito, há movimento, há caminho. Somos um povo em caminho. Essa consciência não nos afasta, mas faz-nos mergulhar na humanidade, como o fermento, que leveda toda a massa. O ano da graça do Senhor, do qual o Jubileu é expressão, traz em si este fermento. Num mundo dilacerado e sem paz, o Espírito Santo educa-nos verdadeiramente a caminhar juntos. Se não nos movermos mais como predadores, mas como peregrinos, a terra descansará, a justiça prevalecerá, os pobres se alegrarão e a paz voltará. Não mais cada um por si, mas harmonizando os nossos passos com os passos dos outros. Não consumindo o mundo com voracidade, mas cultivando e cuidando dele, como nos ensina a Encíclica Laudato si'.

Caríssimos, Deus criou o mundo para que pudéssemos estar juntos. “Sinodalidade” é o nome eclesial desta consciência. É o caminho que exige que cada um reconheça a sua dívida e o seu tesouro, sentindo-se parte de um todo, fora do qual tudo murcha, mesmo o mais original dos carismas. Reparai: toda a criação existe somente na modalidade do estar juntos, às vezes com perigos, mas sempre um estar juntos (cf. Laudato si', 16; 117). E o que chamamos de “história” toma forma somente na modalidade do reunir-se, do viver juntos, muitas vezes cheio de dissídios, mas sempre um viver juntos. O contrário é mortal, mas, infelizmente, está diante dos nossos olhos, todos os dias. Então, que as vossas agregações e comunidades sejam ginásios de fraternidade e participação, não apenas como locais de

encontro, mas como lugares de espiritualidade. O Espírito de Jesus muda o mundo porque muda os corações. Ele inspira, realmente, aquela dimensão contemplativa da vida que rejeita a autoafirmação, a murmuração, o espírito de contenda, o domínio das consciências e dos recursos. O Senhor é o Espírito e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade (cf. 2 *Cor* 3, 17). Portanto, a autêntica espiritualidade implica o compromisso com o desenvolvimento humano integral, atualizando entre nós a palavra de Jesus. Onde isso acontece, há alegria. Alegria e esperança.

A evangelização, queridos irmãos e irmãs, não é uma conquista humana do mundo, mas a graça infinita que se difunde a partir de vidas transformadas pelo Reino de Deus. É o caminho das Bem-aventuranças, uma estrada que percorremos juntos, na tensão entre “já” e o “ainda não”, famintos e sedentos de justiça, pobres de espírito, misericordiosos, mansos, puros de coração, construtores da paz. Para seguir Jesus neste percurso escolhido por Ele, não são necessários apoiadores poderosos, compromissos mundanos, estratégias emocionais. A evangelização é obra de Deus e, se por vezes passa através de nós, é pelos laços que ela torna possíveis. Portanto, permaneça profundamente ligados a cada uma das Igrejas particulares e das comunidades paroquiais onde alimentais e exerceis os vossos carismas. Em torno dos vossos bispos e em sinergia com todos os outros membros do Corpo de Cristo, agiremos, então, em harmoniosa sintonia. Se juntos obedecermos ao Espírito Santo, os desafios que a humanidade enfrenta serão menos assustadores, o futuro menos sombrio e o discernimento menos difícil!

Que Maria, Rainha dos Apóstolos e Mãe da Igreja, interceda por nós.

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE PENTECOSTES
JUBILEU DOS MOVIMENTOS, ASSOCIAÇÕES E NOVAS COMUNIDADES

Praça de São Pedro

Domingo, 8 de junho de 2025

[Multimídia]

Irmãos e irmãs,

«Este é o dia solene em que, depois de sua Ressurreição e depois da glória de sua Ascensão, Jesus Cristo Nosso Senhor enviou o Espírito Santo» (Santo Agostinho, *Sermão* 271, 1). Também hoje renova-se o que aconteceu no Cenáculo: como um vento impetuoso que nos agita, como um estrondo que nos desperta, como um fogo que nos ilumina, desce sobre nós o dom do Espírito Santo (cf. *Act* 2, 1-11).

Como ouvimos na primeira leitura, o Espírito realiza algo extraordinário na vida dos Apóstolos. Após a morte de Jesus, eles se enclausuraram no medo e na tristeza, mas agora recebem finalmente um olhar novo e uma inteligência do coração que os ajuda a interpretar o que havia acontecido e a fazer a experiência íntima da presença do Ressuscitado: o Espírito Santo vence o medo, quebra as correntes interiores, alivia as feridas, unge-os de força e lhes dá a coragem de sair ao encontro de todos para anunciar as obras de Deus.

O trecho dos Atos dos Apóstolos diz-nos que havia em Jerusalém, naquele momento, uma multidão proveniente de vários lugares, mas que «cada um os ouvia falar na sua própria língua» (v. 6). Eis que, então, na festa de Pentecostes, *as portas do cenáculo se abrem porque o Espírito abre as fronteiras*. Como afirmou Bento XVI: «O Espírito Santo concede o dom da compreensão. Ultrapassa a ruptura que teve início em Babel – a confusão dos corações, que nos faz ser uns contra os outros – e abre as fronteiras. [...] A Igreja deve tornar-se sempre de novo aquilo que ela já é: deve abrir as fronteiras entre os povos e romper as barreiras entre as classes e as raças. Nela não podem haver esquecidos nem desprezados. Na Igreja existem

unicamente irmãos e irmãs livres em Jesus Cristo» (Homilia em Pentecostes, 15 de maio de 2005).

Eis uma imagem eloquente de Pentecostes sobre a qual gostaria de meditar convosco.

O Espírito abre as fronteiras principalmente dentro de nós. É o Dom que desvela a nossa vida para o amor. E essa presença do Senhor desfaz a nossa dureza, o nosso fechamento, o egoísmo, os medos que nos bloqueiam e o narcisismo que faz-nos rodar apenas em torno de nós mesmos. O Espírito Santo vem para desafiar, em nós, o risco de uma vida que se atrofia, sugada pelo individualismo. É triste observar como num mundo onde se multiplicam as oportunidades de socialização, corremos o risco de ser paradoxalmente mais solitários, sempre conectados, mas incapazes de “fazer redes”, sempre imersos na multidão, mas permanecendo viajantes perdidos e solitários.

O Espírito de Deus, em vez disso, faz-nos descobrir uma nova maneira de ver e viver a vida: abre-nos ao encontro com nós mesmos, para além das máscaras que usamos; conduz-nos ao encontro com o Senhor, educando-nos a experimentar a sua alegria; convence-nos – segundo as próprias palavras de Jesus há pouco proclamadas – que só se permanecermos no amor, é que receberemos também a força para observar a sua Palavra e, assim, sermos transformados por ela. Ele abre as fronteiras dentro de nós, para que a nossa vida se torne um espaço de acolhimento.

O Espírito, além disso, abre as fronteiras também nas nossas relações. Com efeito, Jesus diz que este Dom é o amor entre Ele e o Pai que vem habitar em nós. E quando o amor de Deus habita em nós, tornamo-nos capazes de abrimo-nos aos irmãos, de vencer a nossa rigidez, de superar o medo em relação ao que é diferente, de educar as paixões que se agitam dentro de nós. Mas o Espírito transforma também os perigos mais ocultos que envenenam as nossas relações, como os mal-entendidos, os preconceitos, as instrumentalizações. Penso também – com muita dor – em quando uma relação é infestada pela vontade de dominar o outro, uma atitude que frequentemente desemboca na violência, como infelizmente demonstram os numerosos e recentes casos de feminicídio.

O Espírito Santo, ao contrário, faz amadurecer em nós os frutos que nos ajudam a viver relações verdadeiras e boas: «amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio» (Gl 5, 22-23). Dessa forma, o Espírito alarga as fronteiras das nossas relações com os outros e nos abre à alegria da fraternidade. E esse é um critério decisivo também para a Igreja: só somos verdadeiramente a Igreja do Ressuscitado e discípulos de Pentecostes se entre nós não houver fronteiras nem divisões, se na Igreja soubermos dialogar e acolher-nos mutuamente, integrando as nossas diversidades, e se, como Igreja, nos tornarmos um espaço acolhedor e hospitaleiro para todos.

Por fim, *o Espírito abre as fronteiras também entre os povos*. Em Pentecostes, os Apóstolos falam as línguas daqueles que encontram e o caos de Babel é finalmente pacificado pela harmonia gerada pelo Espírito. As diferenças, quando o Sopro divino une os nossos corações e faz-nos ver no outro o rosto de um irmão, não se tornam ocasião de divisão e conflito, mas um tesouro comum, do qual todos podemos tirar proveito e que nos coloca em caminho, todos juntos, na fraternidade.

O Espírito rompe fronteiras e derruba os muros da indiferença e do ódio, porque “nos ensina tudo” e “nos recorda as palavras de Jesus” (cf. Jo 14, 26); e, por isso, primeiramente ensina, recorda e grava nos nossos corações o mandamento do amor, que o Senhor colocou no centro e no ápice de tudo. E onde há amor, não há espaço para preconceitos, para distâncias de segurança que nos afastam do próximo, para a lógica da exclusão que vemos emergir, infelizmente, também nos nacionalismos políticos.

Justamente ao celebrar a Solenidade de Pentecostes, o Papa Francisco observou que «hoje, no mundo, há tanta discórdia, tanta divisão! Estamos conectados e, contudo, vivemos desligados uns dos outros, anestesiados pela indiferença e oprimidos pela solidão» (Homilia, 28 de maio de 2023). As guerras que agitam o nosso planeta são um sinal trágico de tudo isso. Invoquemos o Espírito do amor e da paz, a fim de que abra as fronteiras, derrube os muros, dissolva o ódio e nos ajude a viver como filhos do único Pai que está nos céus.

Irmãos e irmãs: Pentecostes renova a Igreja e o mundo! Que o vento vigoroso do Espírito desça sobre nós e em nós abra as fronteiras do coração, dê-nos a graça do encontro com Deus, amplie os horizontes do amor e sustente os nossos esforços pela construção de um mundo onde reine a paz.

Que Maria Santíssima, Mulher do Pentecostes, Virgem visitada pelo Espírito, Mãe cheia de graça, nos acompanhe e interceda por nós.

JUBILEU DA SANTA SÉ

Basílica de São Pedro

**Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe da Igreja
Segunda-feira, 9 de junho de 2025**

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs,,

Hoje temos a alegria e a graça de celebrar o Jubileu da Santa Sé na memória litúrgica de Maria Mãe da Igreja. Esta feliz coincidência é fonte de luz e de inspiração interior no Espírito Santo, que se derramou em abundância sobre o povo de Deus ontem, Domingo de Pentecostes. E neste clima espiritual vivemos hoje um dia especial, primeiro com a meditação que escutámos e agora aqui na Mesa da Palavra e da Eucaristia.

A Palavra de Deus nesta celebração faz-nos compreender o mistério da Igreja, e nela o da Santa Sé, à luz dos dois ícones bíblicos escritos pelo Espírito na página dos Atos dos Apóstolos (1, 12-14) e na do Evangelho de João (19, 25-34).

Comecemos pelo fundamental, que é a narração da morte de Jesus. João, o único dos Doze que estava presente no Calvário, viu e testemunhou que, aos pés da cruz, estava a mãe de Jesus, junto às outras mulheres (v. 25). E ouviu com os seus próprios ouvidos as últimas palavras do Mestre, entre as quais estas: «Mulher, eis o teu filho!», e depois, dirigidas a ele: «Eis a tua mãe!» (v. 26-27).

A m

aternidade de Maria, através do mistério da Cruz, deu um salto impensável: a mãe de Jesus tornou-se a nova Eva, porque o Filho a associou à sua morte redentora, fonte de vida nova e eterna para cada homem que vem a este mundo. O tema da fecundidade está bem presente nesta liturgia. A Oração Coleta põe-no imediatamente em evidência, fazendo-nos pedir ao

Pai que a Igreja, sustentada pelo amor de Cristo, seja «cada vez mais fecunda em seu amor materno».

A fecundidade da Igreja é a mesma fecundidade de Maria; e realiza-se na existência dos seus membros na medida em que eles revivem, em menor dimensão, o que a Mãe viveu, isto é, amam segundo o amor de Jesus. Toda a fecundidade da Igreja e da Santa Sé depende da Cruz de Cristo. Caso contrário, é só aparência, se não pior. Um grande teólogo contemporâneo escreveu: «Se a Igreja é a árvore que cresceu do pequeno grão de mostarda da cruz, esta árvore está destinada a produzir por sua vez grãos de mostarda, e portanto frutos que repetem a forma da cruz, porque é precisamente à cruz que estes grãos devem a sua existência» (H.U. von Balthasar, *Cordula ovverosia il caso serio*, Queriniana:Brescia, 1969, pp. 45-46).

Na Oração Coleta pedimos também que a Igreja «exulte com a santidade dos seus filhos e filhas». Com efeito, esta fecundidade de Maria e da Igreja está inseparavelmente ligada à sua santidade, ou seja, à sua conformação com Cristo. A Santa Sé é santa como o é a Igreja, no seu núcleo original, na fibra de que é tecida. Assim, a Sé Apostólica conserva a santidade das suas raízes enquanto é guardada por elas. Mas não é menos verdade que ela vive também na santidade de cada um dos seus membros. Por isso, a melhor maneira de servir a Santa Sé é esforçarmo-nos por ser santos, cada um de nós segundo o seu estado de vida e a tarefa que nos é confiada.

Por exemplo, um sacerdote que carrega pessoalmente uma pesada cruz por causa do seu ministério e, no entanto, todos os dias vai para o escritório e tenta fazer o seu trabalho o melhor que pode, com amor e fé, esse sacerdote participa e contribui para a fecundidade da Igreja. Assim também um pai ou uma mãe de família, que vive uma situação difícil em casa, um filho que gera certa preocupação, ou um pai ou uma mãe doente, e que realiza o seu trabalho com empenho, esse homem e essa mulher são fecundos na fecundidade de Maria e da Igreja.

Chegamos agora ao segundo ícone, aquele escrito por São Lucas no início dos Atos dos Apóstolos, que representa a mãe de Jesus juntamente com os Apóstolos e os discípulos no Cenáculo (1, 12-14). Mostra-nos a maternidade de Maria com a Igreja nascente, uma maternidade

“arquetípica”, que permanece atual em todos os tempos e lugares. E que é sempre e principalmente fruto do mistério pascal, do dom do Senhor crucificado e ressuscitado.

O Espírito Santo, que desce com poder sobre a primeira comunidade, é o mesmo que Jesus entregou-nos com o seu último suspiro (cf. *Jo* 19, 30). Este ícone bíblico é inseparável do primeiro: a fecundidade da Igreja está sempre ligada à Graça que jorrou do Coração trespassado de Jesus juntamente com o sangue e a água, símbolo dos Sacramentos (cf. *Jo* 19, 34).

Maria, no Cenáculo, graças à missão materna que recebeu aos pés da cruz, está ao serviço da comunidade nascente: ela é a memória viva de Jesus e, como tal, é, por assim dizer, o polo de atração que harmoniza as diferenças e torna concordante a oração dos discípulos.

Os Apóstolos, também neste texto, são elencados pelo nome, e como sempre o primeiro é Pedro (cf. v. 13). Mas ele próprio, efetivamente o primeiro, é apoiado por Maria no seu ministério. Do mesmo modo, a Mãe Igreja apoia o ministério dos sucessores de Pedro com o carisma mariano. A Santa Sé experimenta de modo muito especial a copresença dos dois polos, o mariano e o petrino. E é o mariano que garante a fecundidade e a santidade do petrino, com a sua maternidade, dom de Cristo e do Espírito.

Caríssimos, louvamos a Deus pela sua Palavra, lâmpada que ilumina os nossos passos, também a nossa vida quotidiana ao serviço da Santa Sé. E, iluminados por esta Palavra, renovemos a nossa oração: «[Ó Deus] Concedei que a vossa Igreja, cada dia mais fecunda em seu amor materno, exulte com a santidade dos seus filhos e filhas e atraia todos os povos para o seu convívio numa só família» (Oração Coleta). Amém.

SOLEINIDADE DA SANTÍSSIMA TRINDADE
JUBILEU DO ESPORTE

Basílica de São Pedro

Domingo, 15 de junho de 2025

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs,,

Na primeira Leitura, ouvimos as seguintes palavras: «Eis o que diz a Sabedoria de Deus: “O Senhor me criou como primícias da sua atividade, antes das suas obras mais antigas. [...] Quando Ele consolidava os céus, eu estava presente; [...] eu estava a seu lado como arquiteto, cheia de júbilo, dia após dia, deleitando-me continuamente na sua presença. Deleitava-me sobre a face da terra e as minhas delícias eram estar com os filhos dos homens”» (Pr 8, 22.27.30-31). Para Santo Agostinho, a Trindade e a sabedoria estão intimamente ligadas. A sabedoria divina é revelada na Santíssima Trindade e a sabedoria leva-nos sempre à verdade.

Hoje, enquanto celebramos a Solenidade da Santíssima Trindade, vivemos os dias do *Jubileu do Desporto*. O binómio *Trindade-desporto* não é usado com muita frequência, mas a associação não é descabida. Na verdade, toda boa atividade humana traz em si um reflexo da beleza de Deus, e certamente o desporto está entre elas. Afinal, Deus não é estático, nem está fechado em si mesmo. É comunhão, relação viva entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que se abre à humanidade e ao mundo. A teologia denomina essa realidade de pericorese, ou seja, “dança”: uma dança de amor recíproco.

A vida brota deste dinamismo divino. Fomos criados por um Deus que se compraz e se alegra em dar a existência às suas criaturas e que “brinca”, como nos recordou a primeira leitura (cf. Pr 8, 30-31). Alguns Padres da Igreja chegam mesmo a falar, com ousadia, de um Deus ludens, de um Deus que se diverte (cf. S. Salônio de Genebra, *In Parabolas Salomonis expositio mystica*; S. Gregório Nazianzeno, *Carmina*, I, 2, 589). Eis a razão pela qual

o desporto pode ajudar-nos a encontrar o Deus Trino: porque exige um movimento do eu para o outro, que é certamente exterior, mas também e sobretudo interior. Sem isso, ele se reduz a uma estéril competição de egoísmos.

Pensemos na expressão “Dá-lhe!”, que é comumente usada pelos espectadores para encorajar os atletas durante as competições. Talvez não seja evidente, mas é um incentivo muito bonito: é o imperativo do verbo “dar”. E isso nos provoca uma reflexão: não se trata apenas de oferecer uma performance física, mesmo que extraordinária, mas de dar-se, de “jogar-se”. Trata-se de dar-se aos outros – para o próprio crescimento, para os torcedores, para os entes queridos, para os treinadores, para os colaboradores, para o público, até mesmo para os adversários – e, em sendo verdadeiramente um desportista, isso vale além do resultado. São João Paulo II – que era, como sabemos, um desportista – assim falou: «O desporto é alegria de viver, jogo, festa, e como tal deve ser valorizado [...] mediante a recuperação da sua gratuidade, da sua capacidade de estreitar vínculos de amizade, de favorecer o diálogo e a abertura de uns aos outros [...] bem acima não só das duras leis da produção e do consumo, mas também de qualquer outra consideração puramente utilitarista e hedonista da vida» (*Homilia para o Jubileu Internacional dos Desportistas*, 4, 12 de abril de 1984).

Nesta perspectiva, gostaríamos de destacar três aspectos em particular que tornam o desporto, hoje, um meio precioso de formação humana e cristã.

Em primeiro lugar, numa sociedade marcada pela solidão, em que o individualismo exagerado deslocou o centro de gravidade do “nós” para o “eu”, fazendo com que o outro fosse ignorado, o desporto – especialmente quando é praticado em conjunto – ensina o valor da colaboração, do caminhar juntos, daquela partilha que, como já dissemos, está no coração mesmo da vida de Deus (cf. *Jo* 16, 14-15). Desse modo, pode tornar-se um instrumento importante de recomposição e de encontro: entre os povos, nas comunidades, nos ambientes escolares e profissionais, nas famílias!

Em segundo lugar, numa sociedade cada vez mais *digital* – em que as tecnologias, embora aproximando pessoas distantes, muitas vezes afastam

aqueles que estão próximos – o desporto valoriza a concretude do estar juntos, o sentido do corpo, do espaço, do esforço, do tempo real. Assim, contra a tentação de fugir para mundos virtuais, o desporto ajuda a manter um contato saudável com a natureza e com a vida concreta, único lugar onde é possível exercer o amor (cf. 1 Jo 3, 18).

Em terceiro lugar, numa sociedade *competitiva*, onde parece que apenas os fortes e os vencedores merecem viver, o desporto também ensina a perder, colocando o homem frente a frente, na *arte da derrota*, com uma das verdades mais profundas da sua condição: a fragilidade, o limite, a imperfeição. Isto é importante, porque é a partir da experiência dessa fragilidade que nos abrimos à esperança. O atleta que nunca erra, que nunca perde, não existe. Os campeões não são máquinas infalíveis, mas homens e mulheres que, mesmo derrotados, encontram a coragem para se reerguer. A esse respeito, recordemos, mais uma vez, as palavras de São João Paulo II, que dizia que Jesus é “o verdadeiro atleta de Deus” porque venceu o mundo não com a força, mas com a fidelidade do amor (cf. Homilia para o Jubileu Internacional dos Desportistas, 4, 29 de outubro de 2000).

Não é por acaso que o desporto teve um papel significativo na vida de muitos santos do nosso tempo, tanto como prática pessoal quanto como meio de evangelização. Pensemos no Beato Pier Giorgio Frassati, padroeiro dos desportistas, que será proclamado santo no próximo dia 7 de setembro. A sua vida, simples e luminosa, recorda-nos que assim como ninguém nasce campeão, ninguém nasce santo. É o treinamento diário do amor que nos aproxima da vitória definitiva (cf. Rm 5, 3-5) e nos torna capazes de trabalhar pela construção de um mundo novo. Afirmou-o também São Paulo VI, que vinte anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, recordava aos membros de uma associação desportiva católica o quanto o desporto tinha contribuído para trazer de volta a paz e a esperança a uma sociedade devastada pelas consequências da guerra (cf. *Discurso aos membros do Centro Desportivo Italiano*, 20 de março de 1965). Dizia ele: «Os vossos esforços visam a formação de uma nova sociedade: [...] conscientes de que o desporto, nos seus elementos formativos que valoriza, pode ser um instrumento muito útil para a elevação espiritual da pessoa humana, condição primeira e indispensável para uma sociedade ordenada, serena e construtiva» (*Ibid.*).

Caros desportistas, a Igreja confia-vos uma missão maravilhosa: ser reflexo do amor de Deus Trino nas vossas atividades, pelo vosso próprio bem e pelo bem dos vossos irmãos. Deixai-vos envolver com entusiasmo por esta missão: como atletas, como formadores, como sociedade, como grupos, como famílias. O Papa Francisco adorava sublinhar que, no Evangelho, Maria aparece ativa, em movimento, até mesmo “a correr” (cf. *Lc 1, 39*), pronta a partir para socorrer os seus filhos – como sabem fazer as mães – ao menor sinal de Deus (cf. *Discurso aos voluntários da JMJ*, 6 de agosto de 2023). Peçamos a Ela que acompanhe as nossas iniciativas e os nossos esforços, orientando-os sempre para o melhor, até à vitória definitiva: a da eternidade, o “campo infinito” onde o jogo não terá fim e a alegria será plena (cf. *1 Cor 9, 24-25*; *2 Tm 4, 7-8*).

SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO
SANTA MISSA, PROCISSÃO E BÊNÇÃO EUCARÍSTICA

Praça de São João de Latrão

Domingo, 22 de junho de 2025

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs, é bom estar com Jesus. Confirma-o o Evangelho que acabou de ser proclamado o confirma, contando que as multidões ficavam horas e horas com Ele, que falava do Reino de Deus e curava os doentes (cf. *Lc 9, 11*). A compaixão de Jesus pelos sofredores manifesta a amorosa proximidade de Deus, que vem ao mundo para nos salvar. Quando Deus reina, o homem é liberto de todo o mal. No entanto, a hora da prova chega também para aqueles que recebem de Jesus a boa nova. Naquele lugar deserto, onde as multidões ouviram o Mestre, cai a noite e não há nada para comer (cf. v. 12). A fome do povo e o pôr do sol são sinais de um limite que paira sobre o mundo e sobre cada criatura: o dia termina, assim como a vida dos homens. É nesta hora, no tempo da indigência e das sombras, que Jesus permanece entre nós.

Justamente quando o Sol se põe e a fome aumenta, enquanto os próprios apóstolos pedem para despedir a multidão, Cristo surpreende-nos com a sua misericórdia. Ele tem compaixão do povo faminto e convida os seus discípulos a cuidar dele: a fome não é uma necessidade alheia ao anúncio do Reino e ao testemunho da salvação. Pelo contrário, esta fome diz respeito à nossa relação com Deus. Cinco pães e dois peixes, no entanto, não parecem suficientes para alimentar o povo: aparentemente razoáveis, os cálculos dos discípulos evidenciam, em vez disso, a sua falta de fé. Porque, na realidade, com Jesus há tudo o que é necessário para dar força e sentido à nossa vida.

Perante o brado da fome, Ele responde com o sinal da partilha: *levanta os olhos, pronuncia a bênção, parte o pão e dá de comer* a todos os presentes (cf. v. 16). Os gestos do Senhor não inauguram um complexo ritual mágico, mas testemunham com simplicidade a gratidão para com o

Pai, a oração filial de Cristo e a comunhão fraterna que o Espírito Santo sustenta. Para multiplicar os pães e os peixes, Jesus divide os poucos que há, e assim mesmo são suficientes para todos, e ainda sobram. Depois de terem comido – e terem comido até ficarem saciados –, recolheram doze cestos (cf. v. 17).

Esta é a lógica que salva o povo faminto: Jesus age segundo o estilo de Deus, ensinando a fazer o mesmo. Hoje, no lugar das multidões recordadas no Evangelho estão povos inteiros, humilhados pela ganância alheia mais ainda do que pela própria fome. Diante da miséria de muitos, a acumulação de poucos é sinal de uma soberba indiferente, que produz dor e injustiça. Em vez de partilhar, a opulência desperdiça os frutos da terra e do trabalho do homem. Especialmente neste ano jubilar, o exemplo do Senhor continua a ser para nós um critério urgente de ação e serviço: partilhar o pão, para multiplicar a esperança, proclama o advento do Reino de Deus.

Ao salvar as multidões da fome, Jesus anuncia que salvará todos da morte. Este é o mistério da fé, que celebramos no sacramento da Eucaristia. Assim como a fome é sinal da nossa radical indigência de vida, assim também partir o pão é sinal do dom divino de salvação.

Caríssimos, Cristo é a resposta de Deus à fome do homem, porque o seu corpo é o pão da vida eterna: tomai todos e comei! O convite de Jesus abrange a nossa experiência quotidiana: para viver, precisamos nos alimentar da vida, tirando-a das plantas e dos animais. No entanto, comer algo morto lembra-nos que, por mais que comamos, também nós morreremos. Porém, quando nos alimentamos de Jesus, pão vivo e verdadeiro, vivemos por Ele. Oferecendo-se totalmente, o Crucificado Ressuscitado entrega-se a nós, que assim descobrimos que fomos feitos para nos alimentarmos de Deus. A nossa natureza faminta traz o sinal de uma indigência que é saciada pela graça da Eucaristia. Como escreve Santo Agostinho, Cristo é verdadeiramente «*panis qui reficit, et non deficit; panis qui sumi potest, consumi non potest*» (Sermo 130, 2): um pão que alimenta e não falta; um pão que se pode comer, mas não se esgota. Com efeito, a Eucaristia é a presença verdadeira, real e substancial do Salvador (cf. Catecismo da Igreja Católica, 1413), que transforma o pão em si mesmo,

para nos transformar n'Ele. O *Corpus Domini*, vivo e vivificante, torna-nos a nós, isto é, a própria Igreja, corpo do Senhor.

Portanto, segundo as palavras do apóstolo Paulo (cf. *1 Cor* 10, 17), o Concílio Vaticano II ensina que «pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo. Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos» (Const. dogm. Lumen Gentium, 3). A procissão, que em breve começaremos, é sinal deste caminho. Juntos, pastores e rebanho, alimentamo-nos do Santíssimo Sacramento, adoramo-lo e levamo-lo pelas ruas. Ao fazê-lo, apresentamo-lo ao olhar, à consciência e ao coração das pessoas: ao coração de quem acredita, para que acredite mais firmemente; ao coração de quem não acredita, para que se interogue sobre a fome que temos na alma e sobre o pão que a pode saciar.

Restaurados pelo alimento que Deus nos dá, levemos Jesus ao coração de todos, porque Jesus a todos envolve na obra da salvação, convidando cada um a participar da sua mesa. Felizes os convidados, que se tornam testemunhas deste amor!

SANTA MISSA E ORDENAÇÕES SACERDOTAIS NA SOLENIDADE DO SAGRADO
CORAÇÃO DE JESUS, JUBILEU DOS SACERDOTES

Basilica Vaticana, Altar da Confissão

Sexta-feira, 27 de junho de 2025

[Multimídia]

Hoje, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, Dia mundial de oração pela santificação sacerdotal, celebramos com alegria esta Eucaristia no Jubileu dos Sacerdotes.

Dirijo-me, portanto, em primeiro lugar a todos vós, queridos irmãos sacerdotes, que viestes ao túmulo do apóstolo Pedro para atravessar a Porta Santa e para mergulhar de novo as vossas vestes batismais e sacerdotais no Coração do Salvador. Para alguns dos presentes, este gesto realiza-se num dia único da sua vida: o da Ordenação.

Falar do Coração de Cristo neste contexto é falar de todo o mistério da encarnação, morte e ressurreição do Senhor, confiado a nós de modo especial para que o tornemos presente no mundo. Por isso, à luz das leituras que escutámos, meditemos juntos sobre o modo como podemos contribuir para esta obra de salvação.

Na primeira, o profeta Ezequiel fala-nos de Deus como um pastor que passa pelo meio do seu rebanho, contando as suas ovelhas uma a uma: vai à procura das perdidas, cura as feridas, ampara as fracas e doentes (cf. *Ez* 34, 11-16). Assim nos recorda, num tempo de grandes e terríveis conflitos, que o amor do Senhor, pelo qual somos chamados a deixar-nos abraçar e plasmar, é universal, e que, aos seus olhos – e consequentemente também aos nossos –, não há lugar para divisões e ódios de qualquer género.

Depois, na segunda leitura (cf. *Rm* 5, 5-11), recordando-nos que Deus nos reconciliou «quando ainda éramos fracos» (v. 6) e «pecadores» (v. 8), São Paulo convida a abandonar-nos à ação transformadora do Espírito que habita em nós, num caminho quotidiano de conversão. A nossa esperança

baseia-se na certeza de que o Senhor não nos abandona, mas acompanha-nos sempre. Somos chamados, porém, a colaborar com Ele, primeiramente colocando a Eucaristia no centro da nossa existência, «fonte e centro de toda a vida cristã» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. Lumen gentium, 11); depois, «pela frutuosa recepção dos sacramentos, especialmente pela frequente recepção do sacramento da penitência» (Id, Decr. Presbiterorum ordinis, 18); e, finalmente, através da oração, da meditação da Palavra e do exercício da caridade, conformando cada vez mais o nosso coração com o do «Pai das misericórdias» (*ibid.*).

E isto leva-nos ao Evangelho que ouvimos (cf. *Lc* 15, 3-7), que fala da alegria de Deus – e de todo o pastor que ama segundo o seu Coração – pelo regresso ao redil de uma só das suas ovelhas. É um convite a viver a caridade pastoral com a mesma magnanimidade do Pai, cultivando em nós o Seu desejo: que ninguém se perca (cf. *Jo* 6, 39), mas que todos, também através de nós, cheguem ao conhecimento de Cristo e n'Ele tenham a vida eterna (cf. *Jo* 6, 40). É um convite a tornar-nos intimamente unidos a Jesus (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decr. Presbiterorum Ordinis, 14), semente de concórdia no meio dos irmãos, carregando sobre os nossos ombros quem se perdeu, perdando quem errou, indo à procura de quem se afastou ou ficou excluído, cuidando de quem sofre no corpo e no espírito, numa grande troca de amor que, brotando do lado trespassado do Crucificado, envolve todos os homens e preenche o mundo. O Papa Francisco escreveu a este propósito: «Da ferida do lado de Cristo continua a correr aquele rio que nunca se esgota, que não passa, que se oferece sempre de novo a quem quer amar. Só o seu amor tornará possível uma nova humanidade» (Carta Enc. Dilexit nos, 219).

O ministério sacerdotal é um ministério de santificação e de reconciliação para a unidade do Corpo de Cristo (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. Lumen gentium, 7). Por isso, o Concílio Vaticano II pede aos presbíteros que se esforcem por «levar todos à unidade [...] com caridade» (Id, Decr. Presbiterorum Ordinis, 9), harmonizando as diferenças para «que ninguém se sinta estranho» (*ibid.*). E recomenda-lhes a união com o bispo e no presbitério (cf. *ibid.*, 7-8). Com efeito, quanto mais houver unidade entre nós, tanto mais saberemos também conduzir os outros ao redil do Bom Pastor, para viver como irmãos na única casa do Pai.

Santo Agostinho, a este respeito, num sermão proferido por ocasião do aniversário da sua ordenação, falou de um feliz fruto de comunhão que une os fiéis, os presbíteros e os bispos, e que tem a sua raiz no sentirmo-nos todos redimidos e salvos pela mesma graça e misericórdia. Foi precisamente neste contexto que pronunciou a célebre frase: «Para vós sou bispo, convosco sou cristão» (*Sermão 340, 1*).

Na Missa solene do início do meu pontificado, expressei diante do Povo de Deus um grande desejo: «Uma Igreja unida, sinal de unidade e comunhão, que se torne fermento para um mundo reconciliado» (*Homilia*, 18 de maio de 2025). Volto, hoje, a partilhá-lo com todos vós: reconciliados, unidos e transformados pelo amor que jorra copiosamente do Coração de Cristo, caminhemos juntos nas suas pegadas, humildes e decididos, firmes na fé e abertos a todos na caridade, levemos ao mundo a paz do Ressuscitado, com aquela liberdade que nasce da consciência de nos sabermos amados, escolhidos e enviados pelo Pai.

E agora, antes de terminar, dirijo-me a vós, queridos Ordinandos, que em breve, pela imposição das mãos do Bispo e com uma renovada efusão do Espírito Santo, vos tornareis sacerdotes. Digo-vos algumas coisas simples, mas que considero importantes para o vosso futuro e o das almas que vos serão confiadas. Amai a Deus e aos vossos irmãos, sede generosos, fervorosos na celebração dos Sacramentos, na oração, especialmente na Adoração, e no ministério; sede próximos do vosso rebanho, doai o vosso tempo e as vossas energias por todos, sem vos poupardes, sem fazer distinções, como nos ensinam o lado trespassado do Crucificado e o exemplo dos santos. E, a este propósito, lembrai-vos que a Igreja, na sua história milenar, teve – e as tem ainda hoje – figuras maravilhosas de santidade sacerdotal: a partir das comunidades das origens, ela gerou e conheceu, entre os seus sacerdotes, mártires, apóstolos incansáveis, missionários e campeões da caridade. Fazei desta riqueza um tesouro: interessai-vos pelas suas histórias, estudai as suas vidas e as suas obras, imitai as suas virtudes, deixai-vos inflamar pelo seu zelo, invocai a sua intercessão muitas vezes, com insistência! O nosso mundo frequentemente propõe modelos de sucesso e de prestígio duvidosos e inconsistentes. Não vos deixeis fascinar por eles! Em vez disso, olhai para o exemplo sólido e os frutos do apostolado, muitas vezes escondido e humilde, daqueles que na

sua vida serviram ao Senhor e aos irmãos com fé e dedicação, e continuai a sua memória com a vossa fidelidade.

Por fim, confiemo-nos todos à proteção materna da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe dos sacerdotes e Mãe da esperança: que Ela acompanhe e sustente os nossos passos, para que cada dia configuremos mais o nosso coração com o de Cristo, supremo e eterno Pastor.

SANTA MISSA E BÊNÇÃO DOS PÁLIOS PARA OS NOVOS ARCEBISPOS
METROPOLITANOS NA SOLENIDADE DOS SANTOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO

Basílica de São Pedro

Domingo, 29 de junho de 2025

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs:

Hoje celebramos dois irmãos na fé, Pedro e Paulo, que reconhecemos como colunas da Igreja e veneramos como patronos da diocese e da cidade de Roma.

A história destes dois Apóstolos interpela-nos de perto também a nós, Comunidade peregrina dos discípulos do Senhor no nosso tempo. Em particular, olhando para o seu testemunho, gostaria de sublinhar dois aspectos: a *comunhão eclesial* e a *vitalidade da fé*.

Em primeiro lugar, a *comunhão eclesial*. A liturgia desta solenidade mostra-nos como Pedro e Paulo foram chamados a viver um único destino, o do martírio, que os associou definitivamente a Cristo. Na primeira leitura, encontramos Pedro que, na prisão, aguarda a execução da sentença (cf. *Act* 12, 1-11); na segunda leitura, o apóstolo Paulo afirma, numa espécie de testamento e estando também ele preso, que o seu sangue está prestes a ser derramado e oferecido a Deus (cf. *2 Tim* 4, 6-8.17-18). Assim, tanto Pedro como Paulo dão a vida pela causa do Evangelho.

No entanto, esta comunhão na única confissão de fé não é uma conquista pacífica. Os dois Apóstolos alcançam-na como uma meta a que chegam depois de um longo caminho, no qual cada um abraçou a fé e viveu o apostolado de forma diferente. A sua fraternidade no Espírito não apaga as diferenças de onde partiram: Simão era um pescador da Galileia, Saulo um intelectual rigoroso pertencente ao grupo dos fariseus; o primeiro deixa imediatamente tudo para seguir o Senhor; o segundo persegue os cristãos

até ser transformado por Cristo Ressuscitado; Pedro prega sobretudo aos judeus; Paulo é impelido a levar a Boa Nova aos gentios.

Como sabemos, não faltaram conflitos entre os dois no que diz respeito à relação com os pagãos, a ponto de Paulo afirmar: «quando Cefas veio para Antioquia, opus-me frontalmente a ele, porque estava a comportar-se de modo condenável» (Gl 2, 11). E esta questão, conhecemo-lo bem, será tratada no Concílio de Jerusalém, no qual os dois Apóstolos voltarão a confrontar-se.

Caríssimos, a história de Pedro e Paulo ensina-nos que a comunhão a que o Senhor nos chama é uma harmonia de vozes e rostos, e não apaga a liberdade de cada um. Os nossos Padroeiros percorreram caminhos diferentes, tiveram ideias diferentes, por vezes confrontaram-se e discordaram com franqueza evangélica. Mas isso não os impediu de viver a concordia apostolorum, ou seja, uma viva comunhão no Espírito, uma sintonia fecunda na diversidade. Como afirma Santo Agostinho, «temos um só dia para as Paixões dos dois Apóstolos. Eles eram dois e formavam um só ser. Embora tivessem sofrido em dias diferentes, eles formavam um só ser» (*Sermão* 295, 7.7).

Tudo isto nos interroga sobre o caminho da comunhão eclesial. Ela nasce do impulso do Espírito, une a diversidade e constrói pontes de unidade na variedade de carismas, dons e ministérios. É importante aprender desta forma a viver a comunhão, como unidade na diversidade, para que a variedade dos dons, ligados na confissão da única fé, contribua para o anúncio do Evangelho. Por este caminho somos chamados a caminhar, olhando precisamente para Pedro e Paulo, porque todos temos necessidade desta fraternidade. A Igreja precisa dela, as relações entre os leigos e os presbíteros, entre os presbíteros e os Bispos, entre os Bispos e o Papa precisam dela; assim como precisam dela a vida pastoral, o diálogo ecuménico e a relação de amizade que a Igreja quer manter com o mundo. Empenhemo-nos em fazer da nossa diversidade um laboratório de unidade e comunhão, de fraternidade e reconciliação, para que cada pessoa na Igreja, com a sua história pessoal, aprenda a caminhar junto dos outros.

Os santos Pedro e Paulo interpelam-nos também sobre a *vitalidade da nossa fé*. Com efeito, na experiência do discipulado há sempre o risco de

cair no hábito, no ritualismo, em padrões pastorais que se repetem sem renovação e sem captar os desafios do presente. Na história dos dois Apóstolos, pelo contrário, inspiramo-nos na sua disponibilidade para se abrirem à mudança, para se deixarem interpelar pelos acontecimentos, pelos encontros e pelas situações concretas das comunidades, para procurarem novos caminhos de evangelização a partir dos problemas e das questões colocadas pelos seus irmãos e irmãs na fé.

E, no centro do Evangelho que escutámos, está a pergunta que Jesus faz aos seus discípulos, e que hoje dirige também a nós, para que possamos discernir se o caminho da nossa fé conserva ainda o dinamismo e a vitalidade, se a chama da nossa relação com o Senhor continua acesa: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» (*Mt 16, 15*)

Todos os dias, em cada hora da história, devemos estar sempre atentos a esta pergunta. Se não quisermos que o nosso ser cristão se reduza a uma herança do passado, como tantas vezes nos alertou o Papa Francisco, é importante sair do risco de uma fé cansada e estática, para nos perguntarmos: quem é Jesus Cristo para nós hoje? Que lugar ocupa ele na nossa vida e na ação da Igreja? Como podemos testemunhar esta esperança na vida quotidiana e anunciá-la àqueles que encontramos?

Irmãos e irmãs, o exercício do discernimento, que nasce destas perguntas, permite que a nossa fé e a Igreja continuamente se renovem e experimentem novos caminhos e novas práticas no anúncio do Evangelho. Isto, juntamente com a comunhão, deve ser o nosso primeiro desejo. Hoje, de modo particular, gostaria de me dirigir à Igreja que está em Roma, porque, mais do que qualquer outra, é chamada a tornar-se sinal de unidade e comunhão, uma Igreja que arde com uma fé viva, uma Comunidade de discípulos que testemunham a alegria e a consolação do Evangelho em todas as situações humanas.

Na alegria desta comunhão, que o caminho dos Santos Pedro e Paulo nos convida a cultivar, saúdo os meus irmãos Arcebispos que hoje recebem o Pálio. Caríssimos, este sinal, ao mesmo tempo que recorda a tarefa pastoral que vos está confiada, exprime a vossa comunhão com o Bispo de Roma, para que, na unidade da fé católica, cada um de vós a alimente nas Igrejas locais que vos foram confiadas.

Em seguida, gostaria de saudar os membros do Sínodo da Igreja Greco-Católica Ucrâniana: obrigado pela vossa presença aqui e pelo vosso zelo pastoral. Que o Senhor conceda a paz ao vosso povo!

E com sincera gratidão saúdo a Delegação do Patriarcado Ecuménico, aqui enviada pelo nosso querido irmão Sua Santidade Bartolomeu.

Queridos irmãos e irmãs, edificados pelo testemunho dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, caminhemos juntos na fé e na comunhão e invoquemos a sua intercessão para todos nós, para a cidade de Roma, para a Igreja e para o mundo inteiro.

SANTA MISSA

Paróquia São Tomás de Villanova, em Castel Gandolfo

XV domingo do tempo comum, 13 de julho de 2025

[Multimídia]

Irmãos e irmãs,

Compartilho convosco a alegria de celebrar esta Eucaristia e desejo saudar todos os presentes, a comunidade paroquial, os sacerdotes, o Bispo da Diocese, Sua Eminência, as autoridades civis e militares.

O Evangelho deste domingo, que acabámos de ouvir, é uma das mais belas e inspiradoras parábolas contadas por Jesus. Todos conhecemos a parábola do bom samaritano (*Lc 10, 25-37*).

Esta história continua a desafiar-nos hoje. Ela interpela a nossa vida, abala a tranquilidade das nossas consciências adormecidas ou distraídas e alerta-nos para o risco de uma fé acomodada, conformada com a observância exterior da lei, mas incapaz de sentir e agir com as mesmas entranhas de compaixão de Deus.

A compaixão, com efeito, está no centro da parábola. E se é verdade que no relato evangélico ela é descrita por meio das ações do samaritano, a primeira coisa que o trecho destaca é o olhar. Na verdade, diante de um homem ferido que se encontra à beira da estrada, depois de ter sido atacado por salteadores, tanto do sacerdote como do levita, diz: «ao vê-lo, passou adiante» (v. 32); ao contrário, do samaritano, o Evangelho diz: «vendo-o, encheu-se de compaixão» (v. 33).

Queridos irmãos e irmãs, o olhar faz a diferença, porque expressa aquilo que trazemos no coração: *ver e passar adiante* ou *ver e encher-se de compaixão*. Existe um modo de ver exterior, distraído e apressado, um olhar que finge não ver, isto é, sem nos deixarmos sensibilizar e interpelar pela situação; por outro lado, há um modo de ver com os olhos do coração, com

um olhar mais profundo, com uma empatia que nos põe no lugar do outro, nos faz participar interiormente, nos toca, comove, questiona a nossa vida e a nossa responsabilidade.

O primeiro olhar do qual a parábola quer falar-nos é aquele que Deus dirigiu para nós, a fim de que também nós aprendamos a ter os mesmos olhos que Ele, cheios de amor e compaixão uns pelos outros. Realmente, o bom samaritano é, antes de mais nada, a imagem de Jesus, o Filho eterno que o Pai enviou à história precisamente porque olhou para a humanidade sem passar adiante, com olhos, com coração e com entranhas movidos por emoção e compaixão. Como aquele homem do Evangelho que descia de Jerusalém para Jericó, a humanidade descia aos abismos da morte e, ainda hoje, muitas vezes tem de lidar com a escuridão do mal, com o sofrimento, com a pobreza, com o absurdo da morte; Deus, porém, olhou para nós com compaixão, quis fazer Ele mesmo o nosso caminho, desceu no meio de nós e, em Jesus, bom samaritano, veio curar as nossas feridas, derramando sobre nós o óleo do seu amor e da sua misericórdia.

O Papa Francisco lembrou-nos tantas vezes que Deus é misericórdia e compaixão, e afirmou que Jesus «é a compaixão do Pai por nós» (*Angelus*, 14 de julho de 2019). Ele é o bom samaritano que veio ao nosso encontro; Ele, diz Santo Agostinho, «quis ser chamado nosso próximo. Pois o Senhor Jesus Cristo representa-se a si próprio sob os traços daquele homem que socorreu o pobre caído no caminho, ferido, semimorto e abandonado pelos ladrões» (*A doutrina cristã*, I, 30.33).

Compreendemos, assim, por que a parábola instiga também cada um de nós: uma vez que Cristo é a manifestação de um Deus compassivo, acreditar n'Ele e segui-lo como seus discípulos significa deixar-se transformar para que também nós possamos ter os mesmos sentimentos d'Ele, ou seja, um coração que se comove, um olhar que vê e não passa adiante, duas mãos que socorrem e aliviam feridas, ombros fortes que carregam o fardo daqueles que estão em necessidade.

A primeira leitura de hoje, fazendo-nos ouvir as palavras de Moisés, diz-nos que obedecer aos mandamentos do Senhor e converter-se a Ele, não significa multiplicar atos exteriores, mas, pelo contrário, trata-se de voltar ao próprio coração, para descobrir que é precisamente ali que Deus

escreveu a lei do amor. Se no íntimo da nossa vida descobrimos que Cristo, como bom samaritano, nos ama e cuida de nós, também nós somos impelidos a amar da mesma forma e nos tornaremos compassivos como Ele. Curados e amados por Cristo, também nós nos tornamos sinais do seu amor e da sua compaixão no mundo.

Irmãos e irmãs, hoje precisamos desta revolução do amor. Hoje, aquele caminho que desce de Jerusalém até Jericó, uma cidade que se encontra abaixo do nível do mar, é o caminho percorrido por todos aqueles que se aprofundam no mal, no sofrimento e na pobreza; é o caminho de tantas pessoas oprimidas pelas dificuldades ou feridas pelas circunstâncias da vida; é o caminho de todos aqueles que “estão embaixo” até se perderem e tocarem o fundo; e é a estrada de tantos povos espoliados, roubados e saqueados, vítimas de sistemas políticos opressivos, de uma economia que os condena à pobreza, da guerra que mata os seus sonhos e as suas vidas.

E o que fazemos nós? Vemos e passamos adiante, ou deixamos que o nosso coração seja traspassado como o do samaritano? Às vezes, contentamo-nos em fazer apenas o nosso dever ou consideramos nosso próximo somente quem está no nosso círculo, quem pensa como nós, quem tem a mesma nacionalidade ou religião. Porém, Jesus inverte a perspectiva, apresentando-nos um samaritano, um estrangeiro e herege que se torna próximo daquele homem ferido. E pede-nos que façamos o mesmo.

O samaritano, escreveu Bento XVI, «não se pergunta até onde chegam os seus deveres de solidariedade nem sequer quais sejam os merecimentos necessários para a vida eterna. Acontece outra coisa: sente o coração despedaçar-se-lhe [...]. Se a pergunta tivesse sido: “O samaritano é também meu próximo?”, então, na referida situação, a resposta teria sido um “não” decididamente claro. Mas Jesus inverte a questão: o samaritano, o estrangeiro, faz-se a si mesmo próximo e mostra-me que é, a partir do meu íntimo, que devo aprender o ser-próximo e que trago a resposta já dentro de mim. Devo tornar-me uma pessoa que ama, uma pessoa cujo coração está aberto para deixar-se impressionar perante a necessidade do outro» (*Jesus de Nazaré*, 253).

Ver sem passar adiante, parar a nossa corrida apressada, deixar que a vida do outro, seja ele quem for, com as suas necessidades e sofrimentos,

me parta o coração. Isso aproxima-nos uns dos outros, gera uma verdadeira fraternidade, derruba muros e barreiras. E, finalmente, o amor abre caminho, tornando-se mais forte do que o mal e a morte.

Caríssimos, olhemos para Cristo, o bom Samaritano, e ouçamos ainda hoje a Sua voz que diz a cada um de nós: «Vai e faz tu também o mesmo» (v. 37).

Terça-feira, 15 Julho 2025

[Multimídia]

Irmãos e irmãs,

Queridos irmãos e irmãs,

O Evangelho que escutámos transmite-nos o verdadeiro significado cristão destas duas palavras: irmão e irmã. São nomes de relação, que repetimos frequentemente na liturgia como saudação, como sinais de proximidade e de afeto. Jesus, o Filho unigénito de Deus, explica o seu sentido em relação a Si e ao seu Pai, revelando um vínculo mais forte do que o do sangue, pois envolve-nos a todos, unindo cada homem e cada mulher. De facto, todos somos verdadeiramente irmãos e irmãs de Jesus quando fazemos a vontade de Deus, ou seja, quando vivemos amando-nos uns aos outros, como Deus nos amou.

Cada relação que Deus vive, em Si e connosco, torna-se assim um dom: quando o seu Filho único se torna nosso irmão, o seu Pai torna-se nosso Pai, e o Espírito Santo, que une o Pai e o Filho, vem habitar nos nossos corações. O amor de Deus é tão grande que Jesus nem sequer guarda para Si a sua Mãe, entregando Maria como nossa Mãe na hora da cruz (cf. Jo 19,27). Só quem vive com uma entrega tão plena pode afirmar: «Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe» (Mt 12,50). Em particular, estas palavras ajudam-nos a compreender que Maria se torna Mãe de Jesus porque escuta a Palavra de Deus com amor, acolhe-a no seu coração e vive-a com fidelidade. Comentando esta passagem do Evangelho, Santo Agostinho escreveu que «vale mais para Maria ter sido discípula de Cristo do que mãe de Cristo». Com efeito, «Maria foi bem-aventurada porque escutou a Palavra de Deus e a pôs em prática» (Sermo 72/A, 7). O sentido da vida de Maria está guardado na fidelidade à Palavra recebida de Deus: o Verbo da vida que ela acolheu, trouxe no seu seio e ofereceu ao mundo.

Caríssimos, há pouco tempo foi celebrado o 75.º aniversário da proclamação da Virgem fiel — Virgo fidelis — como Padroeira da Guarda Nacional (Arma dei Carabinieri). Foi precisamente de Castel Gandolfo, em 1949, que o meu venerado predecessor, o Papa Pio XII, acolheu esta bela proposta do Comando-Geral da Guarda. Após a tragédia da guerra, num tempo de reconstrução moral e material, a fidelidade de Maria para com Deus tornava-se modelo da fidelidade de cada Carabiniere à Pátria e ao povo italiano. Esta virtude exprime a dedicação, a pureza e a constância do compromisso pelo bem comum, que os Carabinieri protegem garantindo a segurança pública e defendendo os direitos de todos, especialmente daqueles que se encontram em situações de perigo.

Expresso, por isso, profunda gratidão pelo nobre e exigente serviço que a Guarda presta à Itália e aos seus cidadãos, bem como à Santa Sé e aos fiéis que visitam Roma: penso especialmente nos muitos peregrinos deste ano jubilar.

A devoção à Virgem fiel reflete também o lema dos Carabinieri — Fieis ao longo dos séculos (Nei secoli fedele) —, traduzindo o sentido de dever e a abnegação de cada membro da Guarda, até ao sacrifício de si mesmo. Agradeço, por isso, às Autoridades aqui presentes, civis e militares, pelo que fazem no cumprimento das suas funções: perante as injustiças que ferem a ordem social, não cedeis à tentação de pensar que o mal pode vencer. Especialmente neste tempo de guerras e de violência, permaneci fiéis ao vosso juramento: como servidores do Estado, respondi ao crime com a força da lei e da honestidade. É assim que a Guarda Nacional, a Benemerita, merecerá sempre a estima do povo italiano.

Nesta Eucaristia, enquanto celebramos a paixão, morte e ressurreição do Senhor, é justo e devido recordar os Carabinieri que deram a vida cumprindo o seu dever: confio-vos, como exemplo, o venerável Salvo D'Acquisto, condecorado com a medalha de ouro ao valor militar, cuja causa de beatificação está em curso. Em cada missão, que a Virgo fidelis vos acompanhe, velando com amor por cada um de vós, pelas vossas famílias e pelo vosso trabalho.

[*] Tradução do italiano por IA (ChatGPT)

SANTA MISSA

Catedral de Albano

XVI domingo do tempo comum, 20 de julho de 2025

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs,

Estou muito feliz por hoje me encontrar, aqui, a celebrar a Eucaristia dominical nesta linda Catedral. Como sabeis, a minha chegada estava prevista para o dia 12 de maio, porém o Espírito Santo fez de modo diverso. Mas estou verdadeiramente feliz e, com esta fraternidade e alegria cristã, saúdo todos os presentes, Sua Eminência, o Bispo da Diocese, as Autoridades presentes e todos vós.

Na liturgia hodierna, a Primeira Leitura e o Evangelho falam-nos de hospitalidade, de serviço e de escuta (cf. *Gn* 18, 1-10; *Lc* 10, 38-42).

No primeiro caso, Deus visita Abraão na pessoa de “três homens” que se dirigem à sua tenda «na hora mais quente do dia» (cf. *Gn* 18, 1-2). Podemos imaginar a cena: o sol escaldante, a calma do deserto, o calor intenso e os três desconhecidos que procuram abrigo. Abraão, sentado «à porta da sua tenda», está no lugar de anfitrião, e é muito bonito ver como exerce a sua função: reconhecendo nos visitantes a presença de Deus, levanta-se, corre ao seu encontro, prostra-se por terra, pede-lhes que se detenham. E assim, toda a cena ganha vida. A tranquilidade da tarde é preenchida com gestos de amor que envolvem não só o Patriarca, mas também Sara, sua mulher, e os servos. Abraão não está já sentado, mas «de pé junto dos estranhos, debaixo da árvore» (*Gn* 18, 8), e aí Deus dá-lhe a notícia mais bonita que poderia esperar: «Sara, tua mulher, terá já um filho» (*Gn* 18, 10).

A dinâmica deste encontro pode fazer-nos refletir: Deus escolhe o caminho da hospitalidade para encontrar Sara e Abraão e para lhes anunciar o dom da sua fecundidade, que eles tanto desejavam e já nem sequer

esperavam. Depois de tantos momentos de graça em que anteriormente os tinha visitado, volta a bater-lhes à porta, pedindo acolhimento e confiança. E aqueles dois idosos respondem positivamente, sem saber ainda o que está para acontecer. Reconhecem nos misteriosos visitantes a Sua bênção, a Sua própria presença. Oferecem-Lhe o que têm – comida, companhia, serviço e a sombra de uma árvore –, e recebem a promessa de uma vida nova e de uma descendência.

Embora em circunstâncias diferentes, o Evangelho fala do mesmo modo de agir de Deus. Também aqui, Jesus se apresenta como hóspede em casa de Marta e Maria. Não é um desconhecido: está em casa de amigos e o ambiente é de festa. Uma das irmãs acolhe-o com mil atenções, enquanto a outra o escuta sentada a seus pés, com a atitude típica do discípulo perante o mestre. Como sabemos, às queixas da primeira, que gostaria de receber alguma ajuda em questões práticas, Jesus responde convidando-a a apreciar o valor da escuta (cf. *Lc* 10, 41-42).

No entanto, seria errado ver estas duas atitudes como contrapostas entre si, bem como fazer comparações em termos de méritos entre as duas mulheres. Com efeito, o serviço e a escuta são duas dimensões gêmeas do acolhimento.

Em primeiro lugar, na nossa relação com Deus. Na verdade, se é importante que vivamos a nossa fé com ações concretas e com a fidelidade aos nossos deveres, segundo o estado e a vocação de cada um, é também fundamental que o façamos a partir da meditação da Palavra de Deus e da atenção ao que o Espírito Santo sugere ao nosso coração, reservando, para isso, momentos de silêncio, momentos de oração, tempos em que, silenciando ruídos e distrações, nos reunimos diante d'Ele e construímos a unidade em nós mesmos. Esta é uma dimensão da vida cristã que hoje temos particular necessidade de recuperar, seja como valor pessoal e comunitário seja como sinal profético para o nosso tempo: dar lugar ao silêncio, à escuta do Pai que fala e «vê o oculto» (*Mt* 6, 6). Neste sentido, os dias de verão podem ser um tempo providencial para experimentar como é bela e importante a intimidade com Deus, e como ela pode também ajudar-nos a ser mais abertos e acolhedores uns para com os outros.

São dias em que dispomos de mais tempo livre, tanto para nos recolhermos e meditarmos, como para nos encontrarmos, deslocando-nos e visitando-nos reciprocamente. Saindo do turbilhão dos compromissos e das preocupações, aproveitemo-los para saborear alguns momentos de sossego e recolhimento, bem como para, indo a algum lado, partilhar a alegria de nos vermos – como acontece comigo, hoje e aqui. Façamos disto uma oportunidade para cuidarmos uns dos outros, para trocarmos experiências, ideias, para nos compreendermos mutuamente e darmos bons conselhos: isto faz-nos sentir amados, e todos precisamos de tal. Façamo-lo com coragem. Deste modo, na solidariedade, na partilha da fé e da vida, promoveremos uma cultura de paz, ajudando também aqueles que nos rodeiam a superar divisões e hostilidades e a construir a comunhão entre pessoas, povos e religiões.

O Papa Francisco disse que «se quisermos saborear a vida com alegria, devemos associar estas duas atitudes: por um lado, “estar aos pés” de Jesus, para o ouvir enquanto Ele nos revela o segredo de tudo; por outro, estar atentos e prontos na hospitalidade, quando Ele passa e bate à nossa porta, com o rosto do amigo que tem necessidade de um momento de conforto e fraternidade» (*Angelus*, 21 de julho de 2019). Disse estas palavras, de resto, poucos meses antes que a pandemia começasse. E, neste sentido, quanto nos ensinou aquela longa e dura experiência, que ainda hoje recordamos.

Naturalmente, tudo isto implica fadiga. O serviço e a escuta não são sempre fáceis: exigem empenho, capacidade de renúncia. Por exemplo, na escuta e no serviço, a fidelidade e o amor com que um pai e uma mãe orientam a sua família implicam fadiga, o mesmo acontece com o empenho dos filhos, em casa e na escola, para corresponder aos seus esforços; é exigente o compreendermo-nos uns aos outros quando temos opiniões diferentes, o perdoarmo-nos quando se erra, o assistirmo-nos quando se está doente, o apoiarmo-nos quando se está triste. Mas só assim, com estes esforços, se constrói algo de bom na vida; só assim nascem e crescem relações autênticas e fortes entre as pessoas, e a partir de baixo, da quotidianidade, o Reino de Deus cresce, se difunde e se experimenta já presente (cf. *Lc* 7, 18-22).

Santo Agostinho, ao refletir sobre o episódio de Marta e Maria, comentou num dos seus discursos: «Nestas duas mulheres estão simbolizadas duas vidas: a presente e a futura; uma vivida na fadiga e a outra no repouso; uma atribulada, a outra bem-aventurada; uma temporária, a outra eterna» (*Sermão* 104, 4). E pensando no trabalho de Marta, Agostinho disse: «Quem na terra está isento deste serviço de cuidar dos outros? Quem na terra consegue descansar destas tarefas? Procuremos desempenhá-las de forma irrepreensível e com caridade [...]. O cansaço passará e o repouso chegará; mas o repouso só chegará por meio do cansaço. A barca passará e a pátria chegará; mas não se chegará à pátria senão por meio da barca» (*ibid.*, 6-7).

Abraão, Marta e Maria recordam-nos hoje precisamente isto: que a escuta e o serviço são duas atitudes complementares para, na vida, nos abirmos à presença abençoadora do Senhor. O seu exemplo convida-nos a conciliar com sabedoria e equilíbrio, ao longo de cada dia, contemplação e ação, repouso e fadiga, silêncio e trabalho, tendo sempre como medida a caridade de Jesus, como luz a sua Palavra e como manancial de força a sua graça, que nos sustenta para além das nossas próprias capacidades (cf. *Fl* 4, 13).

SANTA MISSA PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO

Burgo Laudato si' (Castel Gandolfo)

Quarta-feira, 9 de julho de 2025

[Multimídia]

Neste lindo dia, antes de mais nada, gostaria de convidar todos, começando por mim mesmo, a viver o que estamos a celebrar na beleza de uma catedral, que se poderia dizer “natural”, com as plantas e tantos elementos da criação que nos conduziram aqui para celebrar a Eucaristia, que significa: dar graças ao Senhor.

Há muitos motivos pelos quais queremos agradecer ao Senhor nesta Eucaristia: esta pode ser a primeira celebração com o uso do novο formulário da Santa Missa pelo cuidado da criação, que é expressão do trabalho dos diferentes Dicastérios do Vaticano.

A título pessoal, agradeço a tantas pessoas aqui presentes, que trabalharam neste sentido para a liturgia. Como sabeis, a liturgia representa a vida e vós sois a vida deste Centro Laudato si'. Gostaria de vos agradecer neste momento, nesta ocasião, por tudo o que fazem seguindo esta belíssima inspiração do Papa Francisco, que deu esta pequena porção dos jardins precisamente para continuar a tão importante missão relacionada com tudo o que conhecemos após 10 anos da publicação da Laudato si': a necessidade de cuidar da criação, da casa comum.

Aqui é como nas Igrejas antigas dos primeiros séculos, que tinham uma pia batismal pela qual era preciso passar para entrar na igreja. Não gostaria de ser batizado nesta água... mas o símbolo de passar pela água para que todos sejamos lavados dos nossos pecados, das nossas fraquezas, e assim poder entrar no grande mistério da Igreja, é algo que vivemos também hoje. No início da missa, rezámos pela conversão, a nossa conversão. Gostaria de acrescentar que devemos rezar pela conversão de tantas pessoas, dentro e fora da Igreja, que ainda não reconhecem a urgência de cuidar da nossa casa comum.

Inúmeros desastres naturais que ainda vemos no mundo quase todos os dias em muitos lugares e em muitos países, são em parte causados pelos excessos do ser humano, com o seu estilo de vida. Por isso, devemos perguntar-nos se nós mesmos estamos a viver ou não essa conversão: quanto ela é necessária!

Tendo dito tudo isto, tenham um pouco mais de paciência, pois tenho também uma homilia que preparei e que vou partilhar: há alguns elementos que realmente ajudam a continuar a reflexão desta manhã, compartilhando este momento familiar e sereno, num mundo em chamas, tanto pelo aquecimento global quanto pelos conflitos armados, que tornam tão atual a mensagem do Papa Francisco nas suas Encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti*. Podemos reconhecer-nos exatamente neste Evangelho que acabámos de ouvir, observando o medo dos discípulos no meio da tempestade, o mesmo medo de grande parte da humanidade. Todavia, no coração do ano do Jubileu, nós confessamos, e podemos repeti-lo várias vezes: há esperança! Encontramo-la em Jesus. Mais uma vez, Ele acalma a tempestade. O seu poder não traz agitação, antes cria algo; não destrói, mas faz ser, dando nova vida. E também nós nos perguntamos: «Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?» (Mt 8, 27).

A admiração que esta pergunta expressa é o primeiro passo que nos faz sair do medo. Jesus tinha vivido e rezado nos arredores do lago da Galileia. Ali, nos seus locais de vida e de trabalho, chamou os primeiros discípulos. As parábolas com que anunciava o Reino de Deus revelam uma profunda ligação com aquela terra e com aquelas águas, com o ritmo das estações e com a vida das criaturas.

O evangelista Mateus descreve a tempestade como uma “agitação da terra” (a palavra *seismos*): ele usará o mesmo termo para o terremoto no momento da morte de Jesus e ao amanhecer da sua ressurreição. Cristo se eleva, de pé, sobre esta agitação: já aqui o Evangelho nos faz perceber o Ressuscitado, presente na nossa história às avessas. A repreensão que Jesus dirige ao vento e ao mar manifesta o seu poder de vida e salvação, que supera aquelas forças diante das quais as criaturas se sentem perdidas.

Assim, voltemos então a perguntar-nos: «Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?» (Mt 8, 27). O hino que ouvimos da carta aos

Colossenses parece responder precisamente a esta pergunta: «É Ele a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas, no céu e na terra» (Cl 1, 15-16). Naquele dia, os seus discípulos, à mercê da tempestade e dominados pelo medo, ainda não podiam professar este conhecimento sobre Jesus. Hoje, na fé que nos foi transmitida, podemos continuar: «É Ele a cabeça do Corpo, que é a Igreja. É Ele o princípio, o primogénito de entre os mortos, para ser Ele o primeiro em tudo» (v. 18). Essas são palavras que nos comprometem ao longo da história, que fazem de nós um corpo vivo, o corpo do qual Cristo é cabeça. A nossa missão de cuidar a criação, de levar-lhe paz e reconciliação, é a sua própria missão: a missão que o Senhor nos confiou. Nós ouvimos o clamor da terra, nós ouvimos o clamor dos pobres porque esse clamor chegou ao coração de Deus. A nossa indignação é a sua indignação e o nosso trabalho é o seu trabalho.

O canto do salmista inspira-nos a este respeito: «A voz do Senhor ressoa sobre as águas, o Deus glorioso faz ecoar o seu trovão, o Senhor está sobre a vastidão das águas. A voz do Senhor é poderosa» (Sl 29, 3-4). Esta voz compromete a Igreja com a profecia, mesmo quando exige a audácia de nos opormos ao poder destrutivo dos príncipes deste mundo. Com efeito, a aliança indestrutível entre o Criador e as criaturas move a nossa inteligência e os nossos esforços a fim que o mal se transforme em bem, a injustiça em justiça e a ganância em comunhão.

O único Deus criou todas as coisas com amor infinito e deu-nos a vida: por esta razão, São Francisco de Assis chama as criaturas de irmão, irmã e mãe. Somente um olhar contemplativo pode mudar a nossa relação com as coisas criadas e tirar-nos da crise ecológica que, devido ao pecado, tem como causa a ruptura das relações com Deus, com o próximo e com a terra (cf. Papa Francisco, Carta Enc. *Laudato si'*, 66).

Caríssimos irmãos e irmãs, o Borgo Laudato si', onde nos encontramos, pretende ser, por intuição do Papa Francisco, um “laboratório” onde é possível viver aquela harmonia com a criação que é cura e reconciliação para nós, elaborando novas e eficazes formas de cuidar da natureza que nos foi confiada. Portanto, a todos vós, que vos dedicais com empenho à realização deste projeto, asseguro a minha oração e o meu encorajamento.

A Eucaristia, que estamos a celebrar, dá sentido e sustenta o nosso trabalho. Assim, como escreve o Papa Francisco, «a criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo a Ele no nosso próprio mundo» (Papa Francisco, Carta Enc. Laudato si', 236). Sendo assim, a partir deste lugar, desejo concluir estes pensamentos, confiando-vos as palavras com que Santo Agostinho, nas últimas páginas das suas *Confissões*, associa as coisas criadas e o homem num louvor cósmico: ó Senhor, «tuas obras te louvam para que te amemos. E nós te amamos, para que tuas obras te louvem» (Santo Agostinho, *Confissões*, XIII, 33,48). Que seja esta a harmonia que transmitimos ao mundo.

JUBILEU DOS JOVENS

Tor Vergata

XVIII domingo do tempo comum, 3 de agosto de 2025

[Multimídia]

Bom dia a todos! Bom domingo!

Good morning! Buenos dias! Bonjour! Guten Morgen!

Espero que todos tenham descansado um pouco. Em breve, começaremos a maior celebração que Cristo nos deixou, a Sua própria presença na Eucaristia. Deus abençoe todos vocês. E que esta seja uma ocasião verdadeiramente memorável para cada um de nós, quando juntos, como Igreja de Cristo, seguimos, caminhamos juntos, vivemos com Jesus Cristo.

Boa celebração a todos!

Queridos jovens,

Depois da Vigília que vivemos juntos ontem à noite, reunimo-nos hoje para celebrar a Eucaristia, Sacramento do dom total de Si mesmo que o Senhor fez por nós. Nesta experiência, podemos imaginar que estamos a percorrer o caminho feito pelos discípulos de Emaús na tarde do dia de Páscoa (cf. *Lc* 24, 13-35): antes, eles afastavam-se de Jerusalém assustados e desiludidos; partiam convencidos de que, após a morte de Jesus, não havia mais nada a aguardar, nada em que esperar. Em vez disso, encontraram precisamente a Ele, acolheram-no como companheiro de viagem, ouviram-no explicar-lhes as Escrituras e, finalmente, reconheceram-no ao partir o pão. Os seus olhos abriram-se e o anúncio alegre da Páscoa encontrou lugar nos seus corações.

A liturgia de hoje não nos fala diretamente sobre este episódio, mas ajuda-nos a refletir sobre o que nele se narra: o encontro com Cristo Ressuscitado que muda a nossa existência e que ilumina os nossos afetos, desejos e pensamentos.

A primeira leitura, tirada do Livro de Eclesiastes, convida-nos a entrar em contacto, como os dois discípulos de que falámos, com a experiência dos nossos limites, da finitude das coisas que passam (cf. *Ecl* 1, 2; 2, 21-23); e o Salmo responsorial, que ecoa a mesma mensagem, propõe-nos a imagem da «erva que de manhã brota vicejante, mas à tarde está murcha e seca» (*Sl* 90, 5-6). São duas advertências fortes, talvez um pouco chocantes, mas que não devem assustar-nos, como se fossem temas “tabu” a evitar. Na verdade, a fragilidade de que nos falam faz parte da maravilha que somos. Pensemos no símbolo da erva: não é lindo um campo florido? Claro, é delicado, feito de caules finos, vulneráveis, sujeitos a secar, dobrar-se, partir-se, mas, ao mesmo tempo, imediatamente substituídos por outros que brotam depois deles e dos quais os primeiros se tornam generosamente alimento e adubo, ao desfazerem-se no solo. É assim que vive o campo, renovando-se continuamente e, mesmo durante os meses gelados do inverno, quando tudo parece silencioso, a sua energia vibra sob a terra e prepara-se para, na primavera, explodir em milhares de cores.

Queridos amigos, nós também somos assim: fomos feitos para isto. Não para uma vida onde tudo é óbvio e parado, mas para uma existência que se renova constantemente no dom, no amor. E assim aspiramos continuamente a um “algo mais” que nenhuma realidade criada nos pode dar. Sentimos uma sede tão grande e ardente que nenhuma bebida deste mundo pode saciar. Diante dela, não enganemos o nosso coração, tentando extinguí-la com subterfúgios ineficazes! Antes, ouçamo-la! Façamos dela um estrado para subir e espreitar na ponta dos pés, como crianças, pela janela do encontro com Deus. Encontrar-nos-emos diante d’Ele, que nos espera, ou melhor, que bate gentilmente ao vidro da nossa alma (cf. *Ap* 3, 20). E, mesmo aos vinte anos, é bom abrir-lhe o coração, deixá-lo entrar, para depois nos aventurarmos com Ele rumo aos espaços eternos do infinito.

Santo Agostinho, falando da sua intensa busca por Deus, perguntava-se: «Qual é, então, o objeto da nossa esperança [...]»? É a terra? Não. Algo que

deriva da terra, como o ouro, a prata, as árvores, a messe, a água [...] Estas coisas agradam, são belas, são boas» (*Sermo* 313/F, 3). E concluía: «Procura quem as fez. Ele é a tua esperança» (ibid.). Em seguida, pensando no caminho que tinha percorrido, rezava dizendo: «Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! [...] Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei (cf. *Sl* 33, 9; *1 Pee* 2, 3), e agora tenho fome e sede de ti (cf. *Mt* 5, 6; *1 Cor* 4, 11). Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz» (*Confissões*, 10, 27).

Irmãs e irmãos, essas são lindas palavras que lembram o que o Papa Francisco disse a outros jovens como vós em Lisboa, durante a Jornada Mundial da Juventude: «todos somos chamados a confrontar-nos com grandes interrogativos que [...] não têm uma resposta simplista ou imediata, mas convidam a realizar uma viagem, superando-se a si mesmo, indo mais além [...], uma decolagem sem a qual não há voo. Portanto, não nos alarmemos se nos encontramos intimamente sedentos, inquietos, incompletos, desejosos de sentido e de futuro [...] Não estamos doentes, estamos vivos!» (Discurso no Encontro com os Jovens Universitários, 3 de agosto de 2023).

Há uma solicitação importante no nosso coração, uma necessidade de verdade que não podemos ignorar, que nos leva a perguntar: o que é realmente a felicidade? Qual é o verdadeiro sabor da vida? O que nos liberta dos pântanos do absurdo, do tédio, da mediocridade?

Nos últimos dias, vivestes muitas experiências bonitas. Encontrastes-vos com jovens da vossa idade, vindos de várias partes do mundo, pertencentes a diferentes culturas. Trocastes conhecimentos, partilhastes expectativas, dialogastes com a cidade através da arte, da música, da informática, do desporto. No Circo Massimo, aproximando-vos do Sacramento da Penitência, recebestes o perdão de Deus e pedistes a sua ajuda para uma vida boa.

Em tudo isto, podeis encontrar uma resposta importante: a plenitude da nossa existência não depende do que acumulamos nem do que possuímos, como ouvimos no Evangelho (cf. *Lc* 12, 13-21). Em vez disso, está ligada

ao que sabemos acolher e partilhar com alegria (cf. *Mt* 10, 8-10; *Jo* 6, 1-13). Comprar, acumular, consumir não basta. Necessitamos levantar os olhos, olhar para cima, para as «coisas do alto» (*Cl* 3, 2), para perceber que, entre as realidades do mundo, tudo tem sentido apenas na medida em que serve para nos unir a Deus e aos irmãos na caridade, fazendo crescer em nós «sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência» (*Cl* 3, 12), de perdão (cf. *ibid.*, v. 13), de paz (cf. *Jo* 14, 27), como os de Cristo (cf. *Fl* 2, 5). E neste horizonte compreenderemos cada vez melhor o que significa «a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (cf. *Rm* 5, 5).

Queridos jovens, a nossa esperança é Jesus. É Ele, como dizia São João Paulo II, «quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande [...], no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna» (XV Jornada Mundial da Juventude, Vigília de Oração, 19 de agosto de 2000). Mantenhamo-nos unidos a Ele, permaneçamos sempre na sua amizade, cultivando-a com a oração, a adoração, a Comunhão eucarística, a Confissão frequente, a caridade generosa, como nos ensinaram os beatos Piergiorgio Frassati e Carlo Acutis, que em breve serão proclamados Santos. Onde quer que estejais, aspirai a coisas grandes, à santidade. Não vos contenteis com menos. Então, vereis crescer todos os dias, em vós e à vossa volta, a luz do Evangelho.

Confio-vos a Maria, Virgem da Esperança. Com a sua ajuda, ao regressarem nos próximos dias aos vossos países, em todas as partes do mundo, continuai a caminhar com alegria seguindo as pegadas do Salvador e contagiai com o vosso entusiasmo e o testemunho da vossa fé todos aqueles que encontrardes! Bom caminho!

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM
MARIA

Paróquia São Tomás de Villanova, em Castel Gandolfo

Sexta-feira, 15 de agosto de 2025

[Multimídia]

Irmãs e irmãos caríssimos, hoje não é domingo, mas estamos a celebrar de maneira diversa a Páscoa de Jesus, que muda a história. Em **Maria de Nazaré** está a nossa história, está a história da Igreja imersa na humanidade comum. Tendo encarnado nela, o Deus da vida, o Deus da liberdade venceu a morte. Sim, hoje contemplamos como Deus vence a morte, sem nunca prescindir de nós. É d'Ele o reino, mas o “sim” ao seu amor, que tudo pode mudar, é nosso. Na cruz, Jesus pronunciou livremente o “sim” que deveria esvaziar o poder da morte, aquela morte que continua a alastrar quando as nossas mãos crucificam e os nossos corações estão prisioneiros do medo e da desconfiança. Na cruz, venceu a confiança, venceu o amor que vê o que ainda não existe, venceu o perdão.

E **Maria** estava presente: estava lá, unida ao Filho. Hoje podemos intuir que **Maria** somos nós quando não fugimos, somos nós quando respondemos com o nosso “sim” ao seu “sim”. Nos mártires do nosso tempo, nas testemunhas da fé e da justiça, da mansidão e da paz, aquele “sim” continua vivo e ainda contraria a morte. Assim, este dia de alegria é um dia que nos compromete a escolher como e para quem viver.

A liturgia desta solenidade da Assunção propôs-nos o trecho evangélico da Visitação. Nesta página, São Lucas transmite a memória de um momento crucial na vocação de **Maria**. É bonito voltar a esse momento no dia em que celebramos a meta da sua existência. Na terra, todas as histórias, mesmo a da Mãe de Deus, são breves e têm um fim. No entanto, nada se perde. Assim, quando uma vida se encerra, a sua unicidade brilha com mais clareza. O *Magnificat*, que o Evangelho coloca nos lábios da jovem **Maria**, agora irradia a luz de todos os seus dias. Um único dia, o do encontro com a sua prima Isabel, contém o segredo de todos os outros dias, de todas as

outras estações. E as palavras não bastam: é preciso um cântico, que na Igreja continua a ser cantado, «de geração em geração» (Lc 1, 50), ao pôr do sol de cada dia. A surpreendente fecundidade da estéril Isabel confirmou Maria na sua confiança: antecipou a fecundidade do seu “sim”, que se prolonga na fecundidade da Igreja e de toda a humanidade, quando a Palavra renovadora de Deus é acolhida. Naquele dia, duas mulheres encontraram-se na fé e, depois, permaneceram juntas três meses a apoiar-se mutuamente, não só nas coisas práticas, mas numa nova maneira de ler a história.

Assim, irmãs e irmãos, a Ressurreição entra também hoje no nosso mundo. As palavras e as escolhas de morte parecem prevalecer, mas a vida de Deus interrompe o desespero através de experiências concretas de fraternidade e de novos gestos de solidariedade. Com efeito, antes de ser o nosso destino último, a Ressurreição modifica – alma e corpo – o nosso modo de habitar a terra. O cântico de Maria, o seu *Magnificat*, fortalece na esperança os humildes, os famintos, os dedicados servos de Deus. São as mulheres e os homens das Bem-aventuranças, que ainda no meio da tribulação veem já o invisível: os poderosos derrubados dos tronos, os ricos de mãos vazias, as promessas de Deus realizadas. São experiências que, em cada comunidade cristã, todos devemos poder dizer que já vivemos. Parecem impossíveis, mas a Palavra de Deus ainda vem à luz: quando nascem os vínculos com os quais opomos o bem ao mal, a vida à morte, então vemos que com Deus nada é impossível (cf. Lc 1, 37).

Às vezes, infelizmente, onde prevalecem as seguranças humanas, com um certo bem-estar material e a acomodação que adormece as consciências, a fé pode envelhecer. É então que surge a morte, sob a forma de resignação e lamentação, nostalgia e insegurança. Em vez de ver acabar o mundo antigo, continua a procurar-se o seu amparo: o amparo dos ricos e dos poderosos, que geralmente acompanha o desprezo pelos pobres e humildes. A Igreja, porém, vive nos seus membros frágeis e rejuvenesce graças ao *Magnificat* deles. Também hoje as comunidades cristãs pobres e perseguidas, os testemunhos de ternura e perdão nos locais de conflito, os construtores da paz e os edificadores de pontes num mundo despedaçado são a alegria da Igreja, a sua fecundidade permanente, os primeiros frutos do Reino que vem. Muitos deles são mulheres, como a idosa Isabel e a

jovem **Maria**: mulheres pascaís, apóstolas da Ressurreição. Deixemo-nos converter pelo seu testemunho!

Irmãos e irmãs, quando nesta vida «escolhemos a vida» (cf. *Dt* 30, 19), temos então motivos para ver, em **Maria**, assunta ao Céu, o nosso destino. Ela é-nos dada como sinal de que a Ressurreição de Jesus não foi um evento isolado, uma exceção. Todos nós, em Cristo, podemos tragar a morte (cf. *1 Cor* 15, 54). Certamente, é obra de Deus, não nossa. No entanto, **Maria** é aquele entrelaçamento de graça e liberdade que impele cada um de nós à confiança, à coragem, ao envolvimento na vida de um povo. «O Todo-poderoso fez em mim maravilhas» (*Lc* 1, 49): possa cada um de nós experimentar esta alegria e testemunhá-la com um cântico novo. Não tenhamos medo de escolher a vida! Pode parecer perigoso, imprudente. Quantas vozes estão sempre lá a sussurrar-nos: «Quem te obriga a fazer isso? Deixa estar! Pensa aos teus próprios interesses». Estas são vozes de morte. Em contrapartida, nós somos discípulos de Cristo. É o seu amor que nos impele, corpo e alma, no nosso tempo. Como indivíduos e como Igreja, já não vivemos para nós mesmos. É precisamente isto – e só isto – que difunde a vida e a faz prevalecer. A nossa vitória sobre a morte começa precisamente agora.

SANTA MISSA

Santuário de Santa Maria della Rotonda (Albano)

XX Domingo do Tempo Comum, 17 de agosto de 2025

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs,

É uma alegria estarmos juntos a celebrar a Eucaristia dominical, que nos dá uma alegria ainda mais profunda. Se hoje, com efeito, já é um dom estar próximos e vencer a distância olhando-nos nos olhos como verdadeiros irmãos e irmãs, um dom ainda maior é, no Senhor, vencer a morte. Jesus venceu a morte – o domingo é o seu dia, o dia da Ressurreição – e nós já começamos a vencê-la com Ele. É precisamente assim: cada um de nós vem à igreja com alguns cansaços e medos – às vezes pequenos, outras vezes grandes – e imediatamente sentimo-nos menos sozinhos, estamos juntos e encontramos a Palavra e o Corpo de Cristo. Deste modo, o nosso coração recebe uma vida que vai para além da morte. É o Espírito Santo, o Espírito do Ressuscitado, que faz isto entre nós e em nós, silenciosamente, domingo após domingo, dia após dia.

Estamos num antigo santuário cujas paredes nos abraçam. Chama-se «Rotonda» e a sua forma circular, tal como a Praça de São Pedro e outras igrejas antigas e novas, faz-nos sentir acolhidos no colo de Deus. Do lado de fora, a Igreja, como qualquer realidade humana, pode parecer-nos cheia de arestas. Porém, a sua realidade divina manifesta-se quando atravessamos a soleira e encontramos acolhimento. Então, a nossa pobreza, a nossa vulnerabilidade e, sobretudo, os fracassos pelos quais podemos ser desprezados e julgados – e, por vezes, nós mesmos nos desprezamos e julgamos – são finalmente acolhidos na doce força de Deus, um amor sem arestas, incondicional. Maria, a mãe de Jesus, é para nós sinal e antecipação da maternidade de Deus. Nela tornamo-nos uma Igreja mãe, que gera e regenera não em virtude de um poder mundano, mas com a virtude da caridade.

Talvez tenhamos ficado surpreendidos com as palavras que Jesus nos dirigiu no Evangelho que acabou de ser lido. Nós buscamos a paz, porém ouvimos: «Julgais que Eu vim estabelecer a paz na Terra? Não, Eu vo-lo digo, mas antes a divisão» (*Lc 12, 51*). Quase lhe responderíamos: «Mas como, Senhor? Também Vós? Já temos demasiadas divisões. Não fostes Vós que dissestes na última ceia: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz”?». «Sim – poderia responder-nos o Senhor –, fui eu. Mas lembrai-vos que naquela noite, na minha última noite, acrescentei imediatamente a propósito da paz: «Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde» (*Jo 14, 27*).

Queridos amigos, o mundo habitua-nos a confundir a paz com a comodidade e o bem com a tranquilidade. Por isso, para que a sua paz, o shalom de Deus, venha até nós, Jesus precisa de nos dizer: «Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado!» (*Lc 12, 49*). Talvez os nossos próprios familiares, como anuncia o Evangelho, e até mesmo os amigos se dividirão sobre isto. Alguém recomendar-nos-á não arriscar, pouparmo-nos, porque o importante é ficar tranquilos e os outros não merecem ser amados. Jesus, pelo contrário, mergulhou corajosamente na nossa humanidade. Eis o «batismo» de que fala (v. 50): é o batismo da cruz, uma imersão total nos riscos que o amor comporta. E nós, quando comungamos, nutrimo-nos deste seu dom audaz. A Missa alimenta esta decisão. É a decisão de não viver já para nós mesmos, de levar o fogo ao mundo. Não o fogo das armas, nem o das palavras que queimam os outros. Este não. Mas o fogo do amor, que se inclina e serve, que opõe à indiferença o cuidado e à prepotência a mansidão; o fogo da bondade, que não tem custos como as armas, mas que gratuitamente renova o mundo. Pode custar incompreensão, escárnio e até perseguição, mas não há paz maior do que ter dentro de si a sua chama

Por isso, hoje gostaria de agradecer, em conjunto com o vosso bispo D. Vincenzo, a todos os que, na Diocese de Albano, vos empenhais em levar o fogo da caridade. E encorajo-vos a não fazer distinção entre quem assiste e quem é assistido, entre quem parece dar e quem parece receber, entre quem aparece pobre e quem sente que oferece tempo, competências, ajuda. Somos a Igreja do Senhor, uma Igreja de pobres, todos preciosos, todos sujeitos, cada um portador de uma Palavra singular de Deus. Cada um é um dom

para os outros. Derrubemos os muros. Agradeço a quem trabalha em todas as comunidades cristãs para facilitar o encontro entre pessoas diferentes devido à sua origem, situação económica, psíquica, afetiva: só juntos, só transformando-nos num único Corpo, no qual também o mais frágil participa com plena dignidade, somos o Corpo de Cristo, a Igreja de Deus. Isto acontece quando o fogo que Jesus veio trazer queima os preconceitos, as prudências e os medos que ainda marginalizam aqueles que levam escrita a pobreza de Cristo na sua história. Não deixemos o Senhor fora das nossas igrejas, das nossas casas e da nossa vida. Em vez disso, deixemo-Lo entrar nos pobres e, então, faremos as pazes também com a nossa pobreza, aquela que tememos e negamos quando buscamos a todo custo tranquilidade e segurança.

Interceda por nós a Virgem Maria, que ouviu do santo velho Simeão que o seu filho Jesus era «sinal de contradição» (Lc 2, 34). Sejam revelados os pensamentos dos nossos corações e que o fogo do Espírito Santo possa transformá-los de corações de pedra em corações de carne.

Santa Maria della Rotonda, rogai por nós.

SANTA MISSA

Basílica de Santo Agostinho em Roma

Segunda-feira, 1 de setembro de 2025

[Multimídia]

Minhas queridas irmãs e irmãos,

Padre Alejandro Moral, Prior Geral, irmãos no Episcopado, Luis e Wilder, e todos vós, meus irmãos Agostinianos, irmãos e irmãs aqui presentes. Antes de iniciar a homilia formal que está preparada, gostaria apenas de saudar todos vós. E para aqueles que compreendem inglês, mas não compreendem italiano: rezai para receber um dom do Espírito Santo! E talvez, durante este breve momento de reflexão sobre a Palavra de Deus e sobre o que o Senhor pede a todos vós, vós que estais prestes a iniciar este Capítulo Geral Ordinário, que vos seja concedido, não necessariamente o dom de compreender ou falar todas as línguas, mas o dom de ouvir, o dom de ser humilde e o dom de promover a unidade, dentro da Ordem e por toda a Ordem, em toda a Igreja e no mundo.

Celebramos esta Eucaristia no início do Capítulo Geral, momento de graça para a Ordem Agostiniana e momento de graça para toda a Igreja.

Nesta Santa Missa votiva do Espírito Santo, peçamos que seja Ele, pelo qual o amor de Cristo habita nos nossos corações (cf. *Rm* 5, 5), a guiar dia a dia o vosso trabalho.

Um autor antigo, falando do Pentecostes (cf. *At* 2, 1-11), descreve-o como uma «*abundante e irresistível prevalência do Espírito*» (Dídimo o cego, *De Trinitate*, 6, 8: PG 39, 533). Peçamos ao Senhor que assim seja também para vós: que o seu Espírito prevaleça sobre toda a lógica humana, de forma “*abundante e irresistível*”, para que a Terceira Pessoa divina se torne verdadeiramente a protagonista dos dias que virão.

O Espírito Santo fala, hoje como no passado. Ele fá-lo no “*penetralia cordis*” e através dos irmãos e das circunstâncias da vida. Por isso é importante que o clima do Capítulo, em harmonia com a tradição secular da Igreja, seja um clima de escuta, escuta de Deus, escuta dos outros.

Meditando sobre o Pentecostes, o nosso Padre Santo Agostinho, respondendo à provocadora pergunta de quem questionava por que razão, hoje, não se repete, como um dia em Jerusalém, o sinal extraordinário da “*glossolalia*”, faz uma reflexão que penso vos possa ser muito útil na missão que estais prestes a cumprir. Agostinho diz: «*No início, cada fiel [...] falou todas as línguas [...]. Agora, o conjunto dos crentes fala em todas as línguas. Por isso, também agora todas as línguas são nossas, pois somos membros do corpo que fala*» (Sermão 269, 1).

Caríssimos, aqui, juntos, vós sois membros do Corpo de Cristo, que fala todas as línguas. Se não todas as do mundo, certamente todas aquelas que Deus sabe serem necessárias para a realização do bem que, na sua providencial sabedoria, vos confia.

Vivei, portanto, estes dias num esforço sincero de comunicar e de compreender, e fazei-o como resposta generosa ao grande e único dom, de luz e de graça, que o Pai dos Céus vos faz ao convocar-vos aqui, precisamente a vós, para o bem de todos.

E chegamos a um segundo ponto: fazei tudo isto com humildade. Santo Agostinho, comentando a variedade das formas em que o Espírito Santo, ao longo dos séculos, se derramou sobre o mundo, interpreta essa multiplicidade como um convite para nos tornarmos pequenos diante da liberdade e da imperscrutabilidade da ação de Deus (*ibid.*, 2). Ninguém pense ter todas as respostas. Cada um partilhe com abertura o que tem. Todos acolham com fé o que o Senhor inspira, conscientes de que «*quanto os céus estão elevados acima da terra*» (Is 55, 9), tanto os seus caminhos se elevam acima dos nossos caminhos e os seus pensamentos acima dos nossos pensamentos. Só assim o Espírito poderá “*ensinar*” e “*recordar*” o que Jesus disse (cf. Jo 14, 26), gravando-o nos vossos corações para que deles se difunda o eco na singularidade e irrepetibilidade de cada batimento.

Há, porém, ainda um ponto de reflexão que gostaria de sublinhar sobre o que a Liturgia da Palavra nos propõe hoje: o valor da unidade.

Na primeira leitura, São Paulo, falando da comunidade de Corinto, faz uma descrição que se pode facilmente aplicar ao vosso Capítulo. Também aqui, de facto, *«a manifestação do Espírito é dada a cada um para proveito comum»* (1Cor 12, 7), também aqui *«tudo isto, porém, o opera o mesmo e único Espírito, que distribui a cada um, conforme entende»* (v. 11) e também de vós se pode dizer que *«como [...] o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora sejam muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo»* (v. 12).

A unidade seja um objetivo irrenunciável dos vossos esforços, mas não só: que seja também o critério de verificação do vossa agir e trabalhar em conjunto, porque o que une vem Dele, mas o que divide não pode vir Dele.

A este respeito, vem-nos em auxílio, também aqui, Santo Agostinho que, comentando o milagre de Pentecostes, observa: *«Assim como naquela altura as diferentes línguas que um homem podia falar eram o sinal da presença do Espírito Santo, agora é o amor pela unidade [...] o sinal da sua presença (ibid., 3). E continua depois: «Assim como, de facto, os homens espirituais desfrutam da unidade, os carnaís procuram sempre os contrastes» (ibid.). Pergunta-se, portanto: «Qual a força maior da piedade do que o amor pela unidade?» E conclui: «Tereis o Espírito Santo quando consentirdes que o vosso coração adira à unidade através de uma caridade sincera» (ibid.).*

Escuta, humildade e unidade, eis três sugestões, espero úteis, que a liturgia vos oferece para estes próximos dias.

O convite é para que os façam vossos, renovando a oração que dirigimos ao Senhor no início desta Celebração: *«O Espírito Paráclito, que procede de ti, ó Pai, ilumine as nossas mentes e, segundo a promessa do teu Filho, nos guie a toda a verdade»* (cf. Missal Romano, Santa Missa votiva do Espírito Santo, B, Coleta).

CELEBRAÇÃO INAUGURAL DO BORGO LAUDATO SI'

Borgo Laudato si' (Vilas Pontifícias de Castel Gandolfo)

Sexta-feira, 5 de setembro de 2025

[Multimedia]

Caríssimas irmãs e irmãos,

No texto do Evangelho de Mateus que acabámos de escutar, Jesus dirige diversos ensinamentos aos seus discípulos. Gostaria de me deter sobre um deles, que parece particularmente adequado a esta celebração. Diz assim: «*Olhai as aves do céu ... Reparaí como crescem os lírios do campo*» (Mt 6,26.28).

Não é raro que o Mestre de Nazaré faça referência à natureza nos seus ensinamentos. A flora e a fauna são frequentemente protagonistas nas suas parábolas. Mas, neste caso, há um claro convite à observação e à contemplação da criação, ações destinadas a compreender o desígnio original do Criador.

Tudo foi sabiamente ordenado, desde o início, a fim de que todas as criaturas concorram para a realização do Reino de Deus. Cada criatura tem um papel importante e específico no seu projeto, e cada uma é “*coisa boa*”, como sublinha o Livro do Génesis (cf. *Gen* 1,1-29).

No mesmo trecho evangélico, referindo-se às aves e aos lírios, Jesus dirige aos seus discípulos duas perguntas: «*Não valeis vós muito mais do que elas?*»; e depois: «*Se Deus veste assim a erva do campo, ... não far Ele muito mais por vós?*» (Mt 6,30).

Quase retomando implicitamente o relato do Génesis, Jesus sublinha o lugar especial reservado, no ato criador, ao ser humano: a criatura mais bela, feita à imagem e semelhança de Deus. Mas a tal privilégio está associada uma grande responsabilidade: a de guardar todas as outras criaturas, no respeito pelo desígnio do Criador (cf. *Gen* 2,15).

O cuidado da criação, portanto, representa uma verdadeira vocação para cada ser humano, um compromisso a realizar dentro da própria criação, sem nunca esquecer que somos criaturas entre as criaturas e não criadores. Por isso é importante, como escrevia o meu Predecessor, «recuperar a serena harmonia com a criação, para refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, para contemplar o Criador, que vive entre nós e no que nos rodeia» (*Enc. Laudato si'*, 225).

O *Borgo Laudato si'*, que hoje inauguramos, apresenta-se como uma das iniciativas da Igreja destinadas a realizar esta «vocação de ser guardiães da obra de Deus» (*Exort. ap. Laudato si'*, 217): uma tarefa exigente mas bela, fascinante, que constitui um aspeto primário da experiência cristã.

O *Borgo Laudato si'* é uma semente de esperança, que o Papa Francisco nos deixou como herança, uma «semente que pode dar frutos de justiça e de paz» (*Mensagem para o X Dia Mundial de Oração pela Cuidado da Criação*). E fá-lo-á permanecendo fiel ao seu mandato: ser um modelo tangível de pensamento, de estrutura e de ação, capaz de favorecer a conversão ecológica através da educação e da catequese.

O que vemos hoje é uma síntese de extraordinária beleza, onde espiritualidade, natureza, história, arte, trabalho e tecnologia pretendem coabitar em harmonia. Esta é, em definitivo, a ideia do “borgo”, um lugar de proximidade e convivência.

E tudo isto não pode deixar de nos falar de Deus.

SANTA MISSA E CANONIZAÇÃO DOS BEATOS:
- PIER GIORGIO FRASSATI
- CARLO ACUTIS

Praça de São Pedro

SXXIII Domingo do Tempo Comum, 7 de setembro de 2025

[Multimedia]

**PALAVRAS IMPROVISADAS ANTES DA SANTA MISSA COM O RITO DAS
CANONIZAÇÕES**

Bom dia a todos! Fepz domingo e bem-vindos! Obrigado!

Irmãos e irmãs, hoje é um dia de grande festa para toda a Itápa, para toda a Igreja, para todo o mundo!

Antes de começar a solene celebração da canonização, gostaria de saudar e dizer algumas palavras a todos vós, porque, se por um lado a celebração é muito solene, por outro é também um dia de grande alegria!

Gostaria de saudar especialmente os muitos jovens e adolescentes que vieram para esta Santa Missa! É realmente uma bênção do Senhor: encontrarmo-nos juntos com todos vocês que vieram de diferentes países. É realmente um dom da fé que queremos partilhar.

Após a Santa Missa, se puderem ter um pouco de paciência, espero poder ir até à praça para vos cumprimentar. Então, se agora estais longe, esperamos pelo menos poder cumprimentar-nos...

Saúdo os famipares dos dois Beatos quase Santos, as delegações oficiais, tantos Bispos e sacerdotes que vieram. Um aplauso para todos eles! Obrigado também a vós por estardes aqui, repgiosos, repgiosas e a Ação Catópca!

Preparemo-nos para esta celebração ptúrgica com a oração, com o coração aberto, desejando receber verdadeiramente esta graça do Senhor. E

sintamos todos no coração o mesmo que Pier Giorgio e Carlo viveram: este amor por Jesus Cristo, sobretudo na Eucaristia, mas também nos pobres, nos irmãos e nas irmãs. Todos vós, todos nós, somos chamados a ser santos. Deus vos abençoe! Boa celebração! Obrigado por estardes aqui!

Queridos irmãos e irmãs,

Na primeira leitura, ouvimos uma pergunta: «[Senhor,] quem conhecerá a tua vontade, se não lhe deres a sabedoria, e não enviases o teu santo espírito lá do céu?» (*Sb* 9,17). Ouvimos essa pergunta depois que dois jovens beatos, Pier Giorgio Frassati e Carlo Acutis, foram proclamados santos, e isso é providencial. Com efeito, no Livro da Sabedoria, essa pergunta é atribuída justamente a um jovem como eles: o rei Salomão. Ele, com a morte de Davi, seu pai, percebeu que tinha muitas coisas: poder, riqueza, saúde, juventude, beleza e realeza. Mas justamente essa grande abundância de meios fez surgir em seu coração uma outra pergunta: “O que devo fazer para que nada disso se perca?”. E compreendeu que a única maneira de encontrar uma resposta era pedir a Deus um dom ainda maior: a sua Sabedoria, para conhecer os seus projetos e aderir fielmente a eles. Na verdade, ele percebeu que só assim tudo encontraria o seu lugar no grande desígnio do Senhor. Sim, porque o maior risco da vida é desperdiçá-la fora do projeto de Deus.

Também Jesus, no Evangelho, fala-nos de um projeto ao qual devemos aderir totalmente. Ele diz: «Quem não tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo» (*Lc* 14,27); e ainda: «Qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo» (v. 33). Assim, convida-nos a aderir sem hesitação à aventura que Ele nos propõe, com a integridade e a força que vêm do seu Espírito e que podemos acolher na medida em que nos despojamos de nós mesmos, das coisas e ideias às quais estamos apegados, para nos colocarmos à escuta da sua palavra.

Muitos jovens, ao longo dos séculos, tiveram de enfrentar esta encruzilhada na vida. Pensemos em São Francisco de Assis: tal como Salomão, também ele era jovem e rico, sedento de glória e fama. Por isso partiu para a guerra, na esperança de ser nomeado “cavaleiro” e cobrir-se de

honras. Mas Jesus apareceu-lhe ao longo do caminho e fez-lhe refletir sobre o que estava a fazer. Recuperando a lucidez, dirigiu a Deus uma pergunta simples: «*Senhor, o que queres que eu faça?*»^[1]. E a partir daí, voltando atrás, começou a escrever uma história diferente: a maravilhosa história de santidade que todos conhecemos, despojando-se de tudo para seguir o Senhor (cf. *Lc 14,33*), vivendo na pobreza e preferindo o amor pelos irmãos, especialmente os mais fracos e os mais pequenos, ao ouro, à prata e aos tecidos preciosos do seu pai.

E quantos outros santos e santas poderíamos recordar! Às vezes, nós os retratamos como grandes personagens, esquecendo que tudo começou para eles quando, ainda jovens, responderam “sim” a Deus e se entregaram totalmente a Ele, sem guardar nada para si mesmos. Santo Agostinho conta, a este respeito, que, no «nó tão complicado e emaranhado» da sua vida, uma voz, no seu íntimo, lhe dizia: «*Eu quero a ti*»^[2]. E assim Deus deu-lhe uma nova direção, um novo caminho, uma nova lógica, em que nada da sua existência se perdeu.

Neste contexto, hoje olhamos para São Pier Giorgio Frassati e São Carlo Acutis: um jovem do início do século XX e um adolescente dos nossos dias, ambos apaixonados por Jesus e prontos a dar tudo por Ele.

Pier Giorgio encontrou o Senhor através da escola e dos grupos eclesiais – a Ação Católica, as Conferências Vicentinas, a FUCI, a Ordem Terceira Dominicana – e testemunhou-O com a sua alegria de viver e de ser cristão na oração, na amizade, na caridade. A tal ponto que, ao vê-lo circular pelas ruas de Turim com carrinhos cheios de ajuda para os pobres, os amigos o rebatizaram de “Empresa de Transportes Frassati”! Ainda hoje, a vida de Pier Giorgio representa uma luz para a espiritualidade leiga. Para ele, a fé não era uma devoção privada: impulsionado pela força do Evangelho e pela pertença a associações eclesiais, comprometeu-se generosamente na sociedade, deu o seu contributo à vida política, dedicou-se com ardor ao serviço dos pobres.

Carlo, por sua vez, encontrou Jesus na família, graças aos seus pais, Andrea e Antonia – presentes aqui hoje com os dois irmãos, Francesca e Michele –, depois também na escola, e sobretudo nos sacramentos,

celebrados na comunidade paroquial. Assim, cresceu integrando naturalmente nas suas jornadas de criança e adolescente a oração, o desporto, o estudo e a caridade.

Ambos, Pier Giorgio e Carlo, cultivaram o amor a Deus e aos irmãos através de meios simples, ao alcance de todos: a Santa Missa diária, a oração, especialmente a Adoração Eucarística. Carlo dizia: «*Diante do sol, bronzeamo-nos. Diante da Eucaristia, torna-se santo!*», e ainda: «*A tristeza é o olhar voltado para si mesmo, a felicidade é o olhar voltado para Deus. A conversão nada mais é do que desviar o olhar de baixo para cima, basta um simples movimento dos olhos*». Outra coisa essencial para eles era a Confissão frequente. Carlo escreveu: «*A única coisa que devemos realmente temer é o pecado*»; e admirava-se porque – são sempre palavras suas – «*os homens preocupam-se tanto com a beleza do próprio corpo e não se preocupam com a beleza da própria alma*». Ambos, finalmente, tinham uma grande devoção pelos santos e pela Virgem Maria, e praticavam generosamente a caridade. Pier Giorgio dizia: «*Em torno dos pobres e dos doentes, vejo uma luz que nós não temos*»^[3]. Definia a caridade como «*o fundamento da nossa repgiação*» e, tal como Carlo, praticava-a sobretudo através de pequenos gestos concretos, muitas vezes ocultos, vivendo aquela que o Papa Francisco chamou de «*a santidade “ao pé da porta”*» Exort. ap. Gaudete et exultate, 7).

Quando a doença os atingiu e ceifou as suas jovens vidas, nem mesmo isso os impediu de amar, de se oferecerem a Deus, de O bendizer e de rezar por si mesmos e por todos. Um dia, Pier Giorgio disse: «*O dia da morte será o dia mais bonito da minha vida*»^[4]; e na última foto, que o retrata a escalar uma montanha do Val di Lanzo, com o rosto voltado para o objetivo, ele escreveu: «*Para cima*»^[5]. Além disso, ainda mais jovem, Carlo gostava de dizer que o Céu nos espera desde sempre, e que amar o amanhã é dar hoje o melhor de nós mesmos.

Queridos, os santos Pier Giorgio Frassati e Carlo Acutis são um convite dirigido a todos nós – especialmente aos jovens – a não desperdiçar a vida, mas a orientá-la para cima e a fazer dela uma obra-prima. Eles encorajam-nos com as suas palavras: «*Não eu, mas Deus*», dizia Carlo. E Pier Giorgio: «*Se tiveres Deus no centro de todas as tuas ações, então chegarás até ao*

fim». Esta é a fórmula simples, mas vencedora, da sua santidade. E é também o testemunho que somos chamados a seguir, para saborear a vida até ao fim e ir ao encontro do Senhor na festa do Céu.

Notas

1. *Lenda dos três companheiros*, cap. I: *Fontes Franciscanas*, 1401. ↩ voltar
2. *Confissões*, II, 10,18. ↩ voltar
3. Nicola Gori, *Al prezzo della vita*: “L’Osservatore Romano”, 11 de fevereiro de 2021. ↩ voltar
4. Irene Funghi, *I giovani assieme a Frassati: un compagno nei nostri cammini tortuosi*: “Avvenire”, 2 de agosto de 2025. ↩ voltar
5. *Ibid.* ↩ voltar

COMEMORAÇÃO DOS MÁRTIRES E DAS TESTEMUNHAS DA FÉ DO SÉCULO XXI

Basílica de São Paulo Extramuros

XXIV Domingo do Tempo Comum, 14 de setembro de 2025

[Multimedia]

Irmãos e irmãs,

«Quanto a mim, porém, de nada me quero gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo» (*Gal 6, 14*). As palavras do apóstolo Paulo, estando reunidos em torno ao seu túmulo, introduzem-nos à comemoração dos mártires e testemunhas da fé do século XXI, na festa da Exaltação da Santa Cruz.

Aos pés da cruz de Cristo, nossa salvação, descrita como a “esperança dos cristãos” e a “glória dos mártires” (cf. *Vésperas da Liturgia bizantina para a Festa da Exaltação da Cruz*), saúdo os Representantes das Igrejas Ortodoxas, das Antigas Igrejas Orientais, das Comunhões cristãs e das Organizações ecumênicas, a quem agradeço por terem aceitado o meu convite para esta celebração. A vós todos aqui presentes, dirijo o meu abraço de paz!

Estamos convencidos de que o *martyria* (testemunho) até à morte é «a comunhão mais verdadeira que possa existir com Cristo que derrama o seu Sangue e, neste sacrifício, aproxima aqueles que outrora estavam longe (cf. *Ef 2, 13*)» (Carta enc. *Ut unum sint*, 84). Também hoje podemos afirmar com João Paulo II que, onde o ódio parecia permear todos os aspectos da vida, estes audaciosos servos do Evangelho e mártires da fé demonstraram de forma evidente que «o amor é mais forte que a morte» (*Comemoração dos Testemunhos da fé no século XX*, 7 de maio de 2000).

Recordemos estes nossos irmãos e irmãs com o olhar voltado para o Crucificado. Com a sua cruz, Jesus revelou-nos o verdadeiro rosto de Deus, a sua infinita compaixão pela humanidade; tomou sobre si o ódio e a violência do mundo, para compartilhar o destino de todos aqueles que são

humilhados e oprimidos: «Ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores» (Is 53, 4).

Muitos irmãos e irmãs, ainda hoje, por causa do seu testemunho de fé em situações difíceis e contextos hostis, carregam a mesma cruz do Senhor: como Ele, são perseguidos, condenados, mortos. Sobre eles, Jesus diz: «Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa» (Mt 5, 10-11). São mulheres e homens, religiosos e religiosas, leigos e sacerdotes, que pagam com a vida a fidelidade ao Evangelho, o compromisso com a justiça, a luta pela liberdade religiosa onde ela ainda é violada, a solidariedade com os mais pobres. Segundo os critérios do mundo, eles foram “*derrotados*”. Na realidade, como nos diz o Livro da Sabedoria: «Se aos olhos dos homens foram castigados, a sua esperança estava cheia de imortalidade» (Sab 3, 4).

Irmãos e irmãs, durante o Ano Jubilar, celebramos a esperança destes corajosos testemunhos de fé. É uma esperança cheia de imortalidade, porque o seu martírio continua a difundir o Evangelho num mundo marcado pelo ódio, pela violência e pela guerra; é uma esperança cheia de imortalidade, porque, apesar de terem sido mortos no corpo, ninguém poderá silenciar a sua voz ou apagar o amor que deram; é uma esperança cheia de imortalidade, porque o seu testemunho permanece como profecia da vitória do bem sobre o mal.

Sim, a deles é uma “*esperança desarmada*”. Eles testemunharam a fé sem nunca usar as armas da força e da violência, mas abraçando a força frágil e mansa do Evangelho, segundo as palavras do apóstolo Paulo: «De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. [...] Pois quando sou fraco, então é que sou forte» (2Cor 12, 9-10).

Penso na força evangélica da Irmã Dorothy Stang, empenhada na causa dos sem-terra na Amazônia: quando aqueles que se preparavam para matá-la lhe perguntaram se estava armada, ela mostrou-lhes a Bíblia, respondendo: «Esta é a minha única arma». Penso no Padre Ragheed Ganni, sacerdote caldeu de Mossul, no Iraque, que renunciou à luta para

testemunhar como se comporta um verdadeiro cristão. Penso no irmão Francis Tofi, anglicano e membro da *Melanesian Brotherhood*, que deu a vida pela paz nas Ilhas Salomão. Os exemplos seriam muitos, porque, infelizmente, apesar do fim das grandes ditaduras do século XX, ainda hoje não acabou a perseguição aos cristãos; pelo contrário, em algumas partes do mundo, aumentou.

Estes audaciosos servos do Evangelho e mártires da fé «constituem como que um grande afresco da humanidade cristã [...]. Um afresco do Evangelho das Bem-Aventuranças, vivido até ao derramamento do sangue» (S. João Paulo II, *Comemoração dos Testemunhos da fé no século XX*, 7 de maio de 2000).

Queridos irmãos e irmãs, não podemos, não queremos esquecer. Queremos recordar. Fazemo-lo, certos de que, tal como nos primeiros séculos, também no terceiro milénio o sangue dos mártires é semente de novos cristãos (cf. Tertuliano, *Apologeticum* 50, 13). Queremos preservar a memória juntamente com os nossos irmãos e irmãs das outras Igrejas e Comunidades cristãs. Desejo, portanto, reiterar o compromisso da Igreja Católica em guardar a memória dos testemunhos da fé de todas as tradições cristãs. A Comissão para os Novos Mártires, junto ao Dicastério para as Causas dos Santos, cumpre essa tarefa, colaborando com o Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos.

Como reconhecemos durante o recente Sínodo, o ecumenismo do sangue une os «cristãos de diferentes filiações que, juntos, dão a vida pela fé em Jesus Cristo. O testemunho do seu martírio é mais eloquente do que quaisquer palavras: a unidade vem da Cruz do Senhor» (XVI Assembleia Sinodal, *Documento final*, n. 23). Que o sangue de tantos testemunhos aproxime o dia abençoado em que beberemos do mesmo cálice da salvação!

Queridos irmãos, um pequeno paquistanês, Abish Masih, morto num atentado contra a Igreja Católica, tinha escrito no seu caderno: «*Making the world a better place*», «tornar o mundo um lugar melhor». Que o sonho desta criança nos incentive a testemunhar com coragem a nossa fé, para sermos juntos fermento de uma humanidade pacífica e fraterna.

JUBILEU DA CONSOLAÇÃO

Basílica de São Pedro

Segunda-feira, 15 de setembro de 2025

[Multimedia]

«Consolai, consolai o meu povo» (Is 40, 1). Este é o convite do profeta Isaías que, de modo desafiante, chega também hoje a nós: ele chama-nos a partilhar a consolação de Deus com tantos irmãos e irmãs que vivem situações de fraqueza, tristeza e dor. Para aqueles que estão em pranto, desespero, doença e luto, ressoa claro e forte o anúncio profético da vontade do Senhor de pôr fim ao sofrimento e transformá-lo em alegria. Neste sentido, gostaria de agradecer novamente às duas pessoas que deram o seu testemunho. É possível transformar toda dor com a graça de Jesus Cristo. Obrigado! Esta Palavra compassiva, que se fez carne em Cristo, é o bom samaritano de que nos fala o Evangelho: é Ele que alivia as nossas feridas, é Ele que cuida de nós. Nos momentos de escuridão, mesmo contra todas as evidências, Deus não nos deixa sozinhos; pelo contrário, é precisamente nestas circunstâncias que, mais do que nunca, somos chamados a pôr a nossa esperança na proximidade do Salvador que jamais nos abandona.

Procuramos quem nos console e muitas vezes não encontramos. Às vezes, torna-se até insuportável a voz daqueles que, com sinceridade, pretendem partilhar a nossa dor. E isto é verdade: há situações em que as palavras não servem e tornam-se quase supérfluas. Nestes momentos, talvez restem apenas as lágrimas do choro, se é que estas não se esgotaram. O Papa Francisco recordava as lágrimas de Maria Madalena, desorientada e sozinha, junto ao túmulo vazio de Jesus: «Ela simplesmente chora – dizia ele. Vede, às vezes, na nossa vida, os óculos para ver Jesus são as lágrimas. Há um momento na nossa vida em que só as lágrimas nos preparam para ver Jesus. E qual é a mensagem desta mulher? “Eu vi o Senhor”». [1]

Queridas irmãs e queridos irmãos, as lágrimas são uma linguagem que expressa os sentimentos profundos do coração ferido. As lágrimas são um grito mudo que implora compaixão e conforto. Mas, antes de mais nada, são

libertação e purificação dos olhos, do sentir, do pensar. Não devemos ter vergonha de chorar; é uma forma de expressar a nossa tristeza e a necessidade de um mundo novo; é uma linguagem que fala da nossa humanidade fraca e posta à prova, mas chamada à alegria.

Onde há dor, surge inevitavelmente a pergunta: porquê todo este mal? De onde vem? Porquê me aconteceu precisamente a mim? Nas suas *Confissões*, Santo Agostinho escreve: «Eu pesquisava a origem do mal [...]. Qual a sua raiz, qual a sua semente? [...] Mas, criador e criaturas, todos são bons. De onde então vem o mal? [...] Tais eram as reflexões que agitavam meu pobre espírito [...]. Permanecia, no entanto, firmemente enraizada em meu coração a fé na Igreja católica do teu Cristo; Senhor e Salvador nosso. Fé incerta ainda em muitos pontos e que flutuava para além do limite da justa doutrina, porém não abandonada pelo meu espírito» (VII, 5).

A passagem das perguntas à fé é aquilo que a Sagrada Escritura nos ensina. Com efeito, há perguntas que nos debruçam sobre nós mesmos, nos dividem interiormente e nos separam da realidade. Há pensamentos dos quais nada pode nascer. Se nos isolam e nos desesperam, também humilham a inteligência. Melhor é que, como nos Salmos, a pergunta seja protesto, lamento, invocação daquela justiça e daquela paz que Deus nos prometeu. Então, lançamos uma ponte para o céu, mesmo quando ele parece mudo. Na Igreja, procuramos o céu aberto, que é Jesus, a ponte de Deus até nós. Existe uma consolação que nos alcança, quando aquela fé, que nos parece “incerta e flutuante” como um barco na tempestade, permanece “firme e estável”.

Onde existe o mal, aí devemos procurar o conforto e a consolação que o vencem e não lhe dão trégua. Na Igreja, isso significa que nunca o fazemos sozinhos. Apoiar a cabeça num ombro que te consola, que chora contigo e te dá força, é um remédio do qual ninguém pode prescindir, porque é sinal de amor. Onde a dor é profunda, ainda mais forte deve ser a esperança que nasce da comunhão. E esta esperança não engana.

Os testemunhos que ouvimos transmitem esta certeza: que a dor não deve gerar violência; que a violência não é a última palavra, porque é vencida pelo amor que sabe perdoar. Que maior libertação podemos esperar alcançar senão aquela que provém do perdão, que pela graça pode abrir o

coração apesar de ter sofrido todo o tipo de brutalidade? A violência sofrida não pode ser apagada, mas o perdão concedido àqueles que a geraram é, na terra, uma antecipação do Reino de Deus, é o fruto da sua ação que põe fim ao mal e estabelece a justiça. A redenção é misericórdia e pode tornar melhor o nosso futuro, enquanto ainda aguardamos o regresso do Senhor. Só Ele enxugará todas as lágrimas e abrirá o livro da história, permitindo-nos ler as páginas que hoje não podemos justificar nem compreender (cf. Ap 5).

Também a vós, irmãos e irmãs que sofrestes a injustiça e a violência do abuso, Maria repete hoje: «Eu sou tua mãe». E o Senhor, no segredo do coração, diz-vos: «Tu és meu filho, tu és minha filha». Ninguém pode tirar este dom pessoal oferecido a cada um. E a Igreja, da qual alguns membros infelizmente vos feriram, hoje ajoelha-se convosco diante da Mãe. Que todos possamos aprender dela a proteger com ternura os mais frágeis e pequenos! Que aprendamos a ouvir as vossas feridas, a caminhar juntos. Que possamos receber de Nossa Senhora das Dores a força para reconhecer que a vida não é definida apenas pelo mal sofrido, mas pelo amor de Deus que nunca nos abandona e que guia toda a Igreja.

As palavras de São Paulo sugerem-nos que, quando recebemos consolação de Deus, tornamo-nos capazes de oferecer consolação também aos outros: «Ele – escreve o Apóstolo – nos consola em toda a nossa tribulação, para que também nós possamos consolar aqueles que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus» (2 Cor 1, 4). Os segredos do nosso coração não estão escondidos aos olhos de Deus: não devemos impedi-lo de nos consolar, iludindo-nos de que podemos contar apenas com as nossas forças.

Irmãos e irmãs, no final desta Vigília, ser-vos-á oferecido um pequeno presente: o *Agnus Dei*. É um sinal que poderemos levar para nossas casas para lembrar que o mistério de Jesus, da sua morte e ressurreição, é a vitória do bem sobre o mal. Ele é o Cordeiro que nos dá o Espírito Santo Consolador, que nunca nos abandona, que nos conforta nas necessidades e que nos fortalece com a sua graça (cf. At 15,31).

Aqueles que amamos e que nos foram arrancados pela irmã morte não estão perdidos nem desaparecem no nada. A sua vida pertence ao Senhor

que, como Bom Pastor, os abraça e os mantém junto a si, e um dia no-los há de devolver para que possamos gozar de uma felicidade eterna e partilhada.

Caríssimos irmãos, assim como existe a dor pessoal, também existe, nos nossos dias, a dor coletiva de populações inteiras que, esmagadas pelo peso da violência, da fome e da guerra, imploram pela paz. É um grito imenso, que nos compromete a rezar e a agir, para que cesse toda a violência e aqueles que sofrem possam reencontrar a serenidade; e compromete, antes de tudo, Deus, cujo coração estremece de compaixão, a vir até nós no seu Reino. A verdadeira consolação que devemos ser capazes de transmitir é mostrar que a paz é possível e que brota em cada um de nós, se não a sufocarmos. Que os responsáveis das nações escutem de modo particular o grito de tantas crianças inocentes, para lhes garantir um futuro que as proteja e console.

No meio de tanta prepotência, temos a certeza que Deus não deixará faltar corações e mãos que levem ajuda e consolo, agentes da paz capazes de animar aqueles que estão na dor e na tristeza. E juntos, como Jesus nos ensinou, invocaremos com mais verdade: «Venha a nós o vosso Reino!».

[1] Francisco, *Meditação matinal na Capela da Domus Sanctae Marthae* (2 de abril de 2013).

Igreja de Santa Ana, no Vaticano

Domingo, 21 de setembro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e irmãs!

Estou particularmente feliz por presidir esta Eucaristia na paróquia pontifícia de Santa Ana. Saúdo com gratidão os religiosos agostinianos que aqui prestam o seu serviço, em particular o pároco, padre Mario Millardi, bem como o novo Prior-Geral da Ordem, que está hoje aqui connosco, padre Joseph Farrell; e quero também saudar o padre Gioele Schiavella, que acabou de completar a venerável idade de 103 anos.

Esta igreja ergue-se numa posição especial, que é também uma chave para o ministério pastoral que aqui se desempenha: estamos, de facto, por assim dizer, “na fronteira”, e diante de Santa Ana passam quase todos aqueles que entram e saem da Cidade do Vaticano. Há quem passe por trabalho, quem como hóspede ou peregrino, quem com pressa, quem com ansiedade ou serenidade. Que cada um possa experimentar que aqui há portas e corações abertos à oração, à escuta e à caridade!

A propósito, o Evangelho que acaba de ser proclamado leva-nos a examinar com atenção a nossa ligação com o Senhor e, portanto, entre nós. Jesus coloca uma alternativa muito clara entre Deus e a riqueza, pedindo-nos que tomemos uma posição clara e coerente. «Nenhum servo pode servir a dois senhores», portanto «não podeis servir a Deus e à riqueza» (cf. *Lc* 16, 13). Não se trata de uma escolha contingente, como tantas outras, nem de uma opção revisível ao longo do tempo, dependendo das situações. É preciso decidir um verdadeiro estilo de vida. Trata-se de escolher onde colocar o nosso coração, de esclarecer quem amamos sinceramente, a quem servimos com dedicação e qual é realmente o nosso bem.

É por isso que Jesus contrapõe precisamente a riqueza a Deus: o Senhor fala assim porque sabe que somos criaturas indigentes, que a nossa vida está cheia de necessidades. Desde que nascemos, pobres e nus, todos precisamos

de cuidados e afeto, de uma casa, de comida, de roupa. A sede de riqueza corre o risco de tomar o lugar de Deus no nosso coração, quando pensamos que é ela que salva a nossa vida, como pensa o administrador desonesto da parábola (cf. *Lc* 16, 3-7). A tentação é esta: pensar que sem Deus poderíamos viver bem, enquanto que sem riqueza seríamos tristes e afligidos por mil necessidades. Diante da prova da necessidade, sentimo-nos ameaçados, mas em vez de pedir ajuda com confiança e partilhar com fraternidade, somos levados a calcular, a acumular, tornando-nos suspeitosos e desconfiados em relação aos outros.

Estes pensamentos transformam o próximo num concorrente, num rival ou em alguém de quem se pode tirar proveito. Como adverte o profeta Amós, aqueles que querem fazer da riqueza um instrumento de domínio estão ansiosos por «comprar os pobres com dinheiro» (*Am* 8, 6), explorando a sua pobreza. Pelo contrário, Deus destina os bens da criação a todos. A nossa indignação como criaturas atesta, então, uma promessa e um vínculo, dos quais o Senhor se ocupa pessoalmente. O salmista descreve este estilo providencial: Deus «inclina-se para olhar para os céus e a terra»; Ele «levanta do pó o fraco, do lixo levanta o pobre» (*Sl* 113, 6-7). Assim se comporta o bom Pai, sempre e para com todos: não só para com aqueles que são pobres de bens terrenos, mas também para com aquela miséria espiritual e moral que aflige tanto os poderosos como os fracos, os indigentes como os ricos.

A palavra do Senhor, de facto, não opõe os homens em classes rivais, mas exorta todos a uma revolução interior, uma conversão que começa no coração. Então, as nossas mãos abrir-se-ão: para dar, não para se apoderar. Então, as nossas mentes abrir-se-ão: para projetar uma sociedade melhor, não para encontrar negócios ao melhor preço. Como escreve São Paulo, «recomendo, antes de tudo, que se façam pedidos, súplicas, orações e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão no poder» (*1 Tm* 2, 1). Hoje, em particular, a Igreja reza para que os governantes das nações sejam livres da tentação de usar a riqueza contra o homem, transformando-a em armas que destroem os povos e em monopólios que humilham os trabalhadores. Quem serve a Deus torna-se livre da riqueza, mas quem serve a riqueza permanece escravo dela! Quem

busca a justiça transforma a riqueza em bem comum; quem busca o domínio transforma o bem comum em presa da sua própria ganância.

As Sagradas Escrituras esclarecem este apego aos bens materiais, que confunde o nosso coração e distorce o nosso futuro.

Queridos, agradeço-vos porque, de várias maneiras, cooperais para manter viva a comunidade desta paróquia e exerceis também um generoso apostolado. Encorajo-vos a perseverar com esperança num tempo seriamente ameaçado pela guerra. Povos inteiros são hoje esmagados pela violência e ainda mais por uma indiferença descarada, que os abandona a um destino de miséria. Perante estes dramas, não queremos ser submissos, mas anunciar com palavras e obras que Jesus é o Salvador do mundo, Aquele que nos liberta de todo o mal. Que o seu Espírito converta os nossos corações para que, alimentados pela Eucaristia, tesouro supremo da Igreja, possamos tornar-nos testemunhas de caridade e de paz.

Praça de São Pedro

XXVI Domingo do Tempo Comum, 28 de setembro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e irmãs!

As palavras de Jesus falam-nos de como Deus olha para o mundo, em todos os tempos e lugares. No Evangelho que ouvimos (*Lc 16, 19-31*), os seus olhos observam: um pobre e um rico; quem morre de fome e quem diante dele se banqueteia; as vestes elegantes dum e, doutro, as chagas que os cães lambiam (cf. *Lc 16, 19-21*). Mas não só: o Senhor vê o coração dos homens e, através dos seus olhos, nós mesmos reconhecemos um indigente e um indiferente. Lázaro é esquecido por quem está à sua frente, mesmo à porta de casa, no entanto Deus está perto dele e lembra-se do seu nome. Não tem nome, porém, o homem que vive na abundância, porque se perde a si mesmo, esquecendo-se do próximo. Está perdido nos pensamentos do seu coração, cheio de coisas mas vazio de amor. Os seus bens não o tornam bom.

Infelizmente, a história que Cristo nos conta é muito atual. Às portas da opulência jaz hoje a miséria de povos inteiros, atormentados pela guerra e pela exploração. Com o passar dos séculos, parece que nada mudou: quantos Lázaros morrem diante da sofreguidão que esquece a justiça, do lucro que espezinha a caridade, da riqueza cega diante da dor dos miseráveis! No entanto, o Evangelho assegura que os sofrimentos de Lázaro têm um fim. As suas dores terminam, tal como terminam os festins do rico, e Deus faz justiça a ambos: «O pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado» (v. 22). Sem se cansar, a Igreja anuncia esta palavra do Senhor, para que converta os nossos corações.

Caríssimos, por uma singular coincidência, este mesmo trecho evangélico foi proclamado precisamente durante o Jubileu dos Catequistas no Ano Santo da Misericórdia. Dirigindo-se aos peregrinos que vieram a

Roma por essa ocasião, o Papa Francisco destacou que Deus redime o mundo de todo o mal, dando a sua vida pela nossa salvação. A sua ação é o início da nossa missão, porque nos convida a dar-mo-nos a nós mesmos pelo bem de todos. O Papa disse aos catequistas: «Este centro à volta do qual tudo gira, este coração pulsante que a tudo dá vida é o anúncio pascal, o primeiro anúncio: O Senhor Jesus ressuscitou, o Senhor Jesus ama-te, por ti deu a sua vida; ressuscitado e vivo, está ao teu lado e interessa-Se por ti todos os dias» (*Homilia*, 25 de setembro de 2016). Estas palavras fazem-nos refletir sobre o diálogo entre o homem rico e Abraão, que ouvimos no Evangelho: trata-se de uma súplica que o rico faz para salvar os seus irmãos e que para nós constitui um desafio.

Ao falar com Abraão, ele afirma: «Se algum dos mortos for ter com eles, hão de arrepender-se» (*Lc* 16, 30). E Abraão responde: «Se não dão ouvidos a Moisés e aos Profetas, tão-pouco se deixarão convencer, se alguém ressuscitar dentre os mortos» (v. 31). Com efeito, houve um que ressuscitou dos mortos: Jesus Cristo. As palavras da Escritura não querem, então, desiludir ou desanimar-nos, mas despertam a nossa consciência. Escutar Moisés e os Profetas significa recordar os mandamentos e as promessas de Deus, cuja providência nunca abandona ninguém. O Evangelho anuncia-nos que a vida de todos pode mudar, porque Cristo ressuscitou dos mortos. Este acontecimento é a verdade que nos salva: por isso, deve ser conhecida e anunciada. Mas não basta. Deve ser amada: é este amor que nos leva a compreender o Evangelho, porque nos transforma, abrindo o coração à palavra de Deus e ao rosto do próximo.

A este respeito, vós, catequistas, sois aqueles discípulos de Jesus que se tornam suas testemunhas: o nome do ministério que exerceis vem do verbo grego *katēchein*, que significa *instruir de viva voz, fazer ressoar*. Isto quer dizer que o catequista é uma pessoa de palavra, uma palavra que pronuncia com a própria vida. Por isso, os primeiros catequistas são os pais, aqueles que primeiro nos falaram e nos ensinaram a falar. Assim como aprendemos a nossa língua materna, também o anúncio da fé não pode ser delegado a outros, mas acontece no lugar onde vivemos. Em primeiro lugar, nas nossas casas, à volta da mesa: quando há uma voz, um gesto, um rosto que conduz a Cristo, a família experimenta a beleza do Evangelho.

Todos nós fomos educados na fé através do testemunho daqueles que acreditaram antes de nós. Enquanto crianças, adolescentes, jovens, depois como adultos e também como idosos, os catequistas acompanham-nos na fé, partilhando um caminho constante, como vós fizestes durante estes dias, na peregrinação jubilar. Esta dinâmica envolve toda a Igreja: efetivamente, enquanto o Povo de Deus gera homens e mulheres para a fé, «progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer mercê da contemplação e estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cf. *Lc* 2, 19. 51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade» (Const. dogm. *Dei Verbum*, 8). Nesta comunhão, o Catecismo é o «instrumento de viagem» que nos protege do individualismo e das discórdias, porque atesta a fé de toda a Igreja católica. Cada fiel colabora na sua obra pastoral, ouvindo questões, partilhando provações, servindo o desejo de justiça e verdade que habita a consciência humana.

É assim que os catequistas ensinam, ou seja, deixam um sinal interior: quando educamos na fé, não damos uma lição, mas plantamos no coração a palavra da vida, para que ela dê frutos de vida boa. Ao diácono Deogratias, que lhe perguntou como ser um bom catequista, Santo Agostinho respondeu: «Expõe tudo de modo que quem te ouça, ouvindo, acredite; acreditando, espere; e esperando, ame» (*De catechizandis rudibus*, 4, 8).

Queridos irmãos e irmãs, façamos nosso este convite! Lembremo-nos: ninguém dá o que não tem. Se o rico do Evangelho tivesse caridade para com Lázaro, teria feito o bem, não só ao pobre, mas também a si mesmo. Se aquele homem sem nome tivesse fé, Deus tê-lo-ia salvado de todo o tormento: foi o apego às riquezas mundanas que lhe tirou a esperança do bem verdadeiro e eterno. Quando também nós somos tentados pela ganância e pela indiferença, os muitos Lázaros de hoje recordam-nos a palavra de Jesus, tornando-se para nós uma ainda mais eficaz catequese durante este Jubileu, que é para todos tempo de conversão e perdão, de empenho pela justiça e de busca sincera da paz.

Praça de São Pedro

XXVII domingo do Tempo Comum, 5 de outubro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje celebramos o Jubileu do mundo Missionário e dos Migrantes. É uma bonita ocasião para reavivar em nós a consciência da vocação missionária, que nasce do desejo de levar a alegria e a consolação do Evangelho a todos, especialmente a quem está a viver uma história difícil e ferida. Penso em particular nos irmãos migrantes, que tiveram de abandonar a sua terra, muitas vezes deixando os seus entes queridos, atravessando noites de medo e solidão, vivendo na pele a discriminação e a violência.

Estamos aqui para que, junto ao túmulo do Apóstolo Pedro, cada um de nós diga com alegria: toda a Igreja é missionária e – como afirmou o Papa Francisco – é urgente que «saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 23).

O Espírito envia-nos para continuarmos a obra de Cristo nas periferias do mundo, por vezes marcadas pela guerra, pela injustiça e pelo sofrimento. Perante estes cenários sombrios, ressurge o grito que tantas vezes na história se elevou a Deus: por que razão, Senhor, não intervindes? Por que razão pareceis ausente? Este grito de dor é uma forma de oração que permeia toda a Escritura e que, esta manhã, ouvimos do profeta Habacuque: «Até quando, Senhor, pedirei socorro, sem que me escuteis? [...] Porque me fazeis ver a iniquidade e contemplar a desgraça?» (cf. Hab 1, 2.3).

O Papa Bento XVI, que tinha retomado estas perguntas durante a sua histórica visita a Auschwitz, voltou ao tema numa catequese, afirmando: «Deus cala-se, e este silêncio dilacera a alma do orante, que chama

incessantemente, mas sem encontrar uma resposta. [...] Deus parece tão distante, tão esquecido, tão ausente!» (*Catequese*, 14 de setembro de 2011).

A resposta do Senhor, porém, abre-nos à esperança. Se o profeta denuncia a força inevitável do mal que parece prevalecer, o Senhor, por sua vez, anuncia-lhe que tudo isso terá um fim, uma data-limite, porque a salvação virá e não tardará: «Eis que sucumbe o que não tem a alma reta, mas o justo viverá pela sua fidelidade». (Hab 2, 4).

Existe uma vida, uma nova possibilidade de vida e salvação que provém da fé, porque ela não só nos ajuda a resistir ao mal, perseverando no bem, mas transforma a nossa existência de tal forma que a torna um instrumento da salvação que Deus ainda hoje quer realizar no mundo. Trata-se, como nos diz Jesus no Evangelho, da força da mansidão: a fé não se impõe com os meios do poder e de forma extraordinária; basta que seja como um grão de mostarda para fazer coisas impensáveis (cf. Lc 17, 6), porque traz em si a força do amor de Deus que abre caminhos de salvação.

É uma salvação que se realiza quando nos comprometemos pessoalmente e nos interessamos, com a compaixão do Evangelho, pelo sofrimento do próximo; é uma salvação que, silenciosa e aparentemente ineficaz, abre caminho através dos gestos e das palavras quotidianas, que se tornam como a pequena semente de que nos fala Jesus; é uma salvação que cresce lentamente quando nos tornamos “servos inúteis”, ou seja, quando nos colocamos ao serviço do Evangelho e dos irmãos sem procurar os nossos interesses, mas apenas para levar ao mundo o amor do Senhor.

Com essa confiança, somos chamados a renovar em nós o fogo da vocação missionária. Como afirmou São Paulo VI, «devemos, pois, anunciar o Evangelho, neste extraordinário período da história humana, época realmente sem precedentes, na qual, aos vértices do progresso, nunca dantes atingidos, se associam abismos de perplexidade e desespero, também eles sem precedentes» (*Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, 25 de junho de 1971).

Irmãos e irmãs, hoje inaugura-se na história da Igreja uma nova era missionária.

Se durante muito tempo associávamos a missão ao “partir”, ao ir para terras distantes que não conheciam o Evangelho ou se encontravam na pobreza, hoje as fronteiras da missão já não são geográficas, porque a pobreza, o sofrimento e o desejo de uma esperança maior vêm ao nosso encontro. Testemunham-no a história de tantos nossos irmãos migrantes, o drama da sua fuga da violência, o sofrimento que os acompanha, o medo de não conseguirem, o risco de travessias perigosas ao longo das costas marítimas, o seu grito de dor e desespero. Irmãos e irmãs, aqueles barcos que desejam avistar um porto seguro onde atracar e aqueles olhos cheios de angústia e esperança que procuram terra firme onde desembarcar não podem nem devem encontrar a frieza da indiferença ou o estigma da discriminação!

Não se trata tanto de “partir”, mas sim de “ficar” para anunciar Cristo através do acolhimento, da compaixão e da solidariedade: ficar sem nos refugiarmos no conforto do nosso individualismo, ficar para olhar nos olhos aqueles que chegam de terras distantes e martirizadas, ficar para lhes abrir os braços e o coração, para os acolher como irmãos e ser para eles uma presença de consolação e esperança.

São numerosos as missionárias e os missionários, mas também os crentes e as pessoas de boa vontade que trabalham ao serviço dos migrantes e na promoção de uma nova cultura de fraternidade em torno do tema da migração, para além de estereótipos e preconceitos. Mas este precioso serviço interpela cada um de nós, dentro das nossas pequenas possibilidades: este é o momento – como afirmou o Papa Francisco – de nos constituirmos todos num «estado permanente de missão» (Exort. ap. Evangelii gaudium, 25).

Tudo isso exige pelo menos dois grandes compromissos missionários: a *cooperação missionária* e a *vocação missionária*.

Em primeiro lugar, peço-vos que promovais uma renovada cooperação missionária entre as Igrejas. Nas comunidades de antiga tradição cristã, como as ocidentais, a presença de tantos irmãos e irmãs do sul do mundo deve ser encarada como uma oportunidade para um intercâmbio que renove o rosto da Igreja e suscite um cristianismo mais aberto, vivo e dinâmico. Ao mesmo tempo, cada missionário que parte para outras terras é chamado a

habitar as culturas que encontra com respeito sagrado, direcionando ao bem tudo o que encontra de bom e nobre, e levando-lhes a profecia do Evangelho.

Gostaria ainda de recordar a beleza e a importância das vocações missionárias. Dirijo-me em particular à Igreja europeia: hoje há necessidade de um novo impulso missionário, de leigos, religiosos e presbíteros que ofereçam o seu serviço nas terras de missão, de novas propostas e experiências vocacionais capazes de suscitar este desejo, especialmente nos jovens.

Caríssimos, envio com carinho a minha bênção ao clero local das Igrejas particulares, aos missionários e missionárias, e àqueles que estão em discernimento vocacional. Aos migrantes, por sua vez, digo: sede sempre bem-vindos! Os mares e os desertos que atravessastes são, nas Escrituras, “lugares de salvação”, onde Deus se fez presente para salvar o seu povo. Espero que descubrais este rosto de Deus nas missionárias e nos missionários que encontrareis!

Confio-vos a todos à intercessão de Maria, primeira missionária do seu Filho, que caminha apressadamente em direção às montanhas da Judeia, levando Jesus no seu ventre e colocando-se ao serviço de Isabel. Que ela nos ampare, para que cada um de nós se torne colaborador do Reino de Cristo, Reino de amor, de justiça e de paz.

JUBILEU DA VIDA CONSAGRADA

Praça de São Pedro

Quinta-feira, 9 de outubro de 2025

[Multimedia]

«Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á»(Lc 11, 9). Com estas palavras, Jesus convida a dirigirmo-nos com confiança ao Pai, sejam quais forem as nossas necessidades.

Escutamo-las enquanto celebramos o *Jubileu da Vida Consagrada*, que vos trouxe aqui em tão grande número e desde tantas partes do mundo – religiosos e religiosas, monges e contemplativas, membros de institutos seculares e do *Ordo virginum*, eremitas e membros de «novos institutos» – vindos a Roma para viver juntos a Peregrinação jubilar, para confiar a vida à Misericórdia da qual vos comprometestes ser sinal profético através da profissão religiosa, porque viver os votos é abandonar-se como crianças nos braços do Pai.

«Pedir», «procurar», «bater» – os verbos da oração usados pelo evangelista Lucas – são para vós atitudes familiares, habituados que estais, dóceis à ação de Deus, a pedir sem exigir, praticando os conselhos evangélicos. Não por acaso, o Concílio Vaticano II fala dos votos como de um meio útil «para poder recolher frutos mais abundantes da graça batismal» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 44). Com efeito, «Pedir» é reconhecer, na pobreza, que tudo é dom do Senhor e de tudo se deve dar graças; «procurar» é abrir-se, na obediência, à descoberta quotidiana da via a seguir no caminho da santidade, segundo os desígnios de Deus; «bater» é pedir e oferecer aos irmãos, com coração casto, os dons recebidos, esforçando-se por amar a todos com respeito e gratuidade.

Podemos interpretar neste sentido as palavras que Deus dirige ao profeta Malaquias na primeira leitura. Ele chama os habitantes de Jerusalém de “minha propriedade” e diz ao profeta: «Terei compaixão deles, como um pai se compadece do filho» (Ml 3, 17). São expressões que nos recordam o

amor com que o Senhor, chamando-nos, nos precedeu, e constituem para vós, em particular, uma ocasião para recordar a gratuidade da vossa vocação, desde a origem das Congregações a que pertenceis até ao momento presente, desde os primeiros passos do vosso percurso pessoal até este instante. Todos nós estamos aqui porque, em primeiro lugar, Ele nos desejou e nos escolheu desde toda a eternidade.

«Pedir», «procurar», «bater» significa também olhar para trás, para a própria existência, trazendo à mente e ao coração o que o Senhor realizou, ao longo dos anos, para multiplicar os talentos, para aumentar e purificar a fé, para tornar mais generosa e livre a caridade. Por vezes, isto aconteceu em circunstâncias alegres, outras vezes por caminhos mais difíceis de compreender, talvez passando até pelo misterioso crisol do sofrimento; porém, sempre abraçados por aquela bondade paterna que caracteriza a sua ação em nós e através de nós, para o bem da Igreja (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 43).

E isto leva-nos a uma segunda reflexão sobre Deus como plenitude e sentido da nossa vida: para vós, para nós, o Senhor é tudo, sendo-o de várias maneiras: como Criador e fonte da existência, como amor que chama e interpela, como força que impulsiona e anima à doação. Sem Ele nada existe, nada tem sentido, nada tem valor, e o vosso «pedir», «procurar» e «bater», tanto na oração como na vida, diz respeito também a esta verdade. A tal propósito, Santo Agostinho descreve com imagens belíssimas a presença de Deus na sua existência. Ele fala de uma luz que vai além do espaço, de uma voz que não é arrebatada pelo tempo, de um sabor que a sofreguidão não estraga, de uma fome que a saciedade nunca apaga, e conclui: «Eis o que amo, quando amo o meu Deus» (Confissões, 10, 6). São palavras de um místico, mas muito próximas também da nossa experiência, manifestando a necessidade de infinito que habita no coração de cada homem e mulher deste mundo. Precisamente por isso, a Igreja confia-vos a tarefa de ser, com o vosso despojamento de tudo, testemunhas vivas da primazia de Deus na vossa existência, ajudando do melhor modo possível também os irmãos e irmãs que encontrais a cultivar semelhante amizade.

Além disso, a história ensina-nos que de uma experiência autêntica de Deus brotam sempre generosos impulsos de caridade, como aconteceu na

vida dos vossos fundadores e fundadoras, homens e mulheres enamorados do Senhor e, por isso, prontos a tornar-se, dos modos e nos campos mais diversos, «tudo para todos» (1 Cor 9, 22), sem distinções.

É verdade que ainda hoje, como no tempo do profeta Malaquias, há quem diga: «De que vale servir a Deus?» (Ml 3, 14). É um modo de pensar que conduz a uma autêntica paralisia da alma, contentando-se com uma vida feita de momentos fugazes, de relações superficiais e intermitentes, de modas passageiras: tudo coisas que deixam no coração um vazio. Para ser verdadeiramente feliz, o ser humano não precisa disso, mas de experiências de amor consistentes, duradouras, sólidas, e vós, com o exemplo da vossa vida consagrada, como as árvores frondosas que cantámos no Salmo responsorial (cf. Sl 1, 3), podeis espalhar pelo mundo o oxigénio desta forma de amar.

Há, porém, uma última dimensão da vossa missão sobre a qual gostaria de me deter. Ouvimos o Senhor dizer aos habitantes de Jerusalém: «Brilhará o sol de justiça, trazendo a cura nos seus raios» (Ml 3, 20), convidando-os a esperar no cumprimento do seu destino que vai além do tempo presente. Isto remete para a dimensão escatológica da vida cristã, que nos quer empenhados no mundo, mas ao mesmo tempo constantemente orientados para a eternidade. É, para vós, um convite a alargar o «pedir», o «procurai» e o «bater» da oração e da vida ao horizonte eterno que transcende as realidades deste mundo, orientando-as para o domingo que não tem ocaso, «quando toda a humanidade entrar no [...] descanso [de Deus]» (Missal Romano, *Prefácio dos domingos do Tempo Comum X*). A este respeito, o Concílio Vaticano II confia-vos uma tarefa específica, ao dizer que os consagrados são chamados de modo particular a ser testemunhas dos “bens futuros” (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 44).

Queridos irmãos e irmãs, o Senhor, a quem destes tudo, retribuiu-vos com uma tal beleza e riqueza, que gostaria de vos exortar a valorizá-las e cultivá-las, recordando, para concluir, algumas palavras de São Paulo VI: «Conservai – escrevia ele aos religiosos – a simplicidade dos “mais pequeninos” do Evangelho. Esforçai-vos por encontrá-la numa relação interior e o mais cordial possível com Cristo, ou nos contactos diretos com os vossos irmãos. Conhecereis então “o alvoroço da alegria, pela ação do

Espírito Santo”, próprio daqueles que são introduzidos nos segredos do Reino. Não procureis entrar a fazer parte daqueles “sábios e prudentes”, [...] para os quais esses segredos estão escondidos. Sede verdadeiramente pobres, mansos, famintos de santidade, misericordiosos, puros de coração e daqueles graças aos quais o mundo conhecerá a paz de Deus» (Exort. ap. *Evangelica testificatio*, 29 de junho de 1971, 54).

Praça de São Pedro

XXVIII domingo do Tempo Comum, 12 de outubro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e irmãs,

O apóstolo Paulo dirige-se hoje a cada um de nós, como a Timóteo: «Tem sempre bem presente Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos e nascido da linhagem de David» (2 Tm 2, 8). A espiritualidade mariana, que alimenta a nossa fé, tem Jesus como centro. Como o domingo, que abre cada nova semana no horizonte da sua Ressurreição dos mortos. «Tem sempre bem presente Jesus Cristo»: só isso importa e faz a diferença entre as espiritualidades humanas e o caminho de Deus. Acorrentado «como se fosse um malfeitor» (v. 9), Paulo recomenda-nos que não percamos o centro, que não esvaziemos o nome de Jesus da sua história, da sua cruz. O que consideramos excessivo e crucificamos, Deus ressuscita porque «não pode negar-se a si mesmo» (v. 13). Jesus é a fidelidade de Deus, a fidelidade de Deus a si mesmo. É preciso, portanto, que o domingo nos faça cristãos, ou seja, que encha o nosso sentir e o nosso pensar com a memória incandescente de Jesus, modificando a nossa convivência, a nossa habitação na terra. Toda a espiritualidade cristã se desenvolve a partir deste fogo e contribui para torná-lo mais vivo.

A leitura do Segundo Livro dos Reis (5, 14-17) recordou-nos a cura de Naaman, o Sírio. O próprio Jesus comenta este trecho na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4, 27), e o efeito da sua interpretação sobre as pessoas da sua terra foi desconcertante. Dizer que Deus salvou aquele estrangeiro leproso em vez dos que estavam em Israel foi colocá-los contra Ele: «todos, na sinagoga, se encheram de furor. E, erguendo-se, lançaram-no fora da cidade e levaram-no ao cimo do monte sobre o qual a cidade estava edificada, a fim de o precipitarem dali abaixo» (Lc 4, 28-29). O Evangelista não faz menção à presença de Maria, que poderia estar lá e provar o que lhe fora anunciado pelo velho Simeão, quando levou o recém-nascido Jesus ao

Templo: «Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma. Assim hão-de revelar-se os pensamentos de muitos corações» (*Lc* 2, 34-35).

Sim, caríssimos, «a palavra de Deus é viva, eficaz e mais afiada que uma espada de dois gumes; penetra até à divisão da alma e do corpo, das articulações e das medulas, e discerne os sentimentos e intenções do coração» (*Heb* 4, 12). Assim, o Papa Francisco viu, por sua vez, na história de Naaman, o Sírio, uma palavra penetrante e atual para a vida da Igreja. Falando à Cúria Romana, disse: «Este homem vive um drama terrível: é leproso. A sua armadura, a mesma que lhe proporciona fama, na realidade cobre uma humanidade frágil, ferida, doente. Esta contradição, encontramos frequentemente na nossa vida: às vezes, os grandes dons constituem a armadura para encobrir grandes fragilidades. [...] Se Naaman tivesse continuado apenas a acumular medalhas para dependurar na sua armadura, acabaria por ser consumido pela lepra: aparentemente vivo, sim, mas fechado e isolado na sua doença».[1] Jesus nos liberta desse perigo; Ele que não usa armaduras, mas nasce e morre nu; Ele que oferece o seu dom sem obrigar os leprosos curados a reconhecê-lo: apenas um samaritano, no Evangelho, parece perceber que foi salvo (cf. *Lc* 17, 11-19). Talvez, quanto menos títulos se possa ostentar, mais claro aparece que o amor é gratuito. Deus é puro dom, somente graça, mas quantas vozes e convicções podem separar-nos ainda hoje desta verdade nua e disruptiva!

Irmãos e irmãs, a espiritualidade mariana está a serviço do Evangelho, revelando a sua simplicidade. O afeto por Maria de Nazaré torna-nos, com Ela, discípulos de Jesus, educa-nos a voltar para Ele, a meditar e a relacionar os acontecimentos da vida nos quais o Ressuscitado ainda nos visita e chama. A espiritualidade mariana mergulha-nos na história sobre a qual o céu se abriu, ajuda-nos a ver os soberbos dispersos nos pensamentos do seu coração, os poderosos derrubados dos tronos, os ricos despedidos de mãos vazias. Ela compromete-nos a saciar os famintos, a exaltar os humildes, a recordar a misericórdia de Deus e a confiar no poder do seu braço (cf. *Lc* 1, 51-54). Realmente, o seu Reino chega envolvendo-nos, tal como a Maria pediu o “sim”, pronunciado uma só vez, mas renovado dia após dia.

Com efeito, os leprosos que, no Evangelho, não voltam para agradecer lembram-nos que a graça de Deus também pode vir até nós e não encontrar resposta, pode curar-nos e não nos envolver. Tenhamos cuidado, portanto, com aquele subir ao templo que não nos faz seguir Jesus. Existem formas de culto que não nos ligam aos outros e anestesiavam o nosso coração. Então, não vivemos verdadeiros encontros com aqueles que Deus coloca no nosso caminho; não participamos, como fez Maria, na mudança do mundo e na alegria do *Magnificat*. Tenhamos cuidado com toda instrumentalização da fé, que faz correr o risco de transformar os diferentes – muitas vezes os pobres – em inimigos, em “leprosos” a evitar e rejeitar.

O caminho de Maria é seguir Jesus, e o caminho de Jesus é dirigir-se a todos os seres humanos, especialmente aos pobres, aos feridos, aos pecadores. Por isso, a autêntica espiritualidade mariana torna atual na Igreja a ternura de Deus, a sua maternidade. «Porque – como lemos na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* – sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N’Ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. Fixando-a, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque “derrubou os poderosos de seus tronos” e “aos ricos despediu de mãos vazias”» (Lc 1, 52-53) «é mesma que assegura o aconchego dum lar à nossa busca de justiça» (n. 288).

Caríssimos, neste mundo que busca justiça e paz, mantenhamos viva a espiritualidade cristã, a devoção popular aos acontecimentos e aos lugares que, abençoados por Deus, mudaram para sempre a face da terra. Façamos disso um motor de renovação e transformação, como pede o Jubileu, tempo de conversão e restituição, de reavaliação e libertação. Que Maria Santíssima, nossa esperança, interceda por nós e oriente-nos sempre e para sempre para Jesus, o Senhor crucificado. N’Ele, há salvação para todos.

[1] Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana para as felicitações de Natal, 23 de dezembro de 2021

SANTA MISSA E CANONIZAÇÃO DOS BEATOS: - Ignazio Choukrallah Maloyan

- Peter To Rot

- Vincenza Maria Poloni

- Maria del Monte Carmelo Rendiles Martínez

- Maria Troncatti

- José Gregorio Hernández Cisneros

- Bartolo Longo

Praça de São Pedro

XXIX Domingo do Tempo Comum, 19 de outubro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e irmãs,

A pergunta que encerra o Evangelho acabado de proclamar abre esta nossa reflexão: «Quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?» (Lc 18, 8). Esta interrogação revela-nos o que é mais precioso aos olhos do Senhor: a fé, ou seja, o vínculo de amor entre Deus e o ser humano. Hoje, temos precisamente diante de nós sete testemunhas, os novos santos e as novas santas, que mantiveram acesa, com a graça de Deus, a lâmpada da fé, ou melhor, tornaram-se eles mesmo lâmpadas capazes de difundir a luz de Cristo.

Em relação aos grandes bens materiais e culturais, científicos e artísticos, a fé sobressai não porque estes se devam desprezar, mas porque sem fé perdem sentido. A relação com Deus é da maior importância porque Ele, no início dos tempos, criou todas as coisas do nada e, no tempo, salva do nada tudo o que simplesmente acaba. Uma terra sem fé seria povoada por filhos que vivem sem Pai, ou seja, por criaturas sem salvação.

Eis por que Jesus, o Filho de Deus feito homem, se interroga sobre a fé: o que aconteceria se ela desaparecesse do mundo? O céu e a terra permaneceriam como antes, mas não haveria mais esperança nos nossos corações; a liberdade de todos seria derrotada pela morte; o nosso desejo de vida precipitaria no nada. Sem fé em Deus, não podemos ter esperança na salvação. Por isso, a pergunta de Jesus inquieta-nos, sim, mas só se esquecemos que é o próprio Jesus que a pronuncia. Com efeito, as palavras

do Senhor permanecem sempre Evangelho, ou seja, alegre anúncio de salvação. Esta salvação é o dom da vida eterna que recebemos do Pai, por meio do Filho, com a força do Espírito Santo.

Caríssimos, é precisamente por isso que Cristo fala aos seus discípulos «sobre a obrigação de orar sempre, sem desfalecer» (*Lc 18, 1*): tal como não nos cansamos de respirar, também não nos cansemos de orar! Do mesmo modo que a respiração sustenta a vida do corpo, a oração sustenta a vida da alma: a fé, com efeito, expressa-se na oração e a oração autêntica vive da fé.

Jesus mostra-nos essa ligação com uma parábola: um juiz mantém-se surdo perante os pedidos insistentes de uma viúva, cuja persistência, por fim, o leva a agir. Tal tenacidade, à primeira vista, torna-se para nós um bonito exemplo de esperança, especialmente nos momentos de provação e tribulação. Porém, a perseverança da mulher e o comportamento do juiz, que age contra vontade, preparam uma provocante pergunta de Jesus: Deus, Pai bom, «não fará justiça aos seus eleitos, que a Ele clamam dia e noite?» (*Lc 18, 7*).

Deixemos que estas palavras ressoem na nossa consciência: o Senhor pergunta-nos se acreditamos que Deus é um juiz justo para com todos. O Filho pergunta-nos se acreditamos que o Pai quer sempre o nosso bem e a salvação de todas as pessoas. A este propósito, duas tentações põem à prova a nossa fé: a primeira ganha força a partir do escândalo do mal, levando-nos a pensar que Deus não ouve o clamor dos oprimidos nem tem piedade do sofrimento dos inocentes. A segunda tentação é a pretensão de que Deus deve agir como nós desejamos: a oração cede então lugar a uma ordem dirigida a Deus, para lhe ensinar o modo de ser justo e eficaz.

Jesus, testemunha perfeita da confiança filial, liberta-nos de ambas as tentações. Ele é o inocente que, sobretudo durante a sua Paixão, reza assim: “Pai, faça-se a tua vontade” (cf. *Lc 22, 42*). São as mesmas palavras que o Mestre nos entrega na oração do Pai Nosso. Aconteça o que acontecer, Jesus confia-se como Filho ao Pai; por isso, nós, como irmãos e irmãs em seu nome, proclamamos: «Senhor, Pai santo, Deus eterno e onipotente, é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação, dar-Vos graças sempre e em toda a parte, por Jesus Cristo, vosso amado Filho» (*Missal Romano, Oração Eucarística II, Prefácio*).

A oração da Igreja lembra-nos que Deus, ao dar a sua vida por todos, faz justiça a todos. Assim, quando clamamos ao Senhor: “Onde estás?”, transformamos essa invocação em oração e reconhecemos, então, que Deus está precisamente ali onde o inocente sofre. A cruz de Cristo revela a justiça de Deus e a justiça de Deus é o perdão: Ele vê o mal e redime-o, tomando-o sobre si. Quando somos crucificados pela dor e pela violência, pelo ódio e pela guerra, Cristo já está ali, na cruz por nós e conosco. Não há choro que Deus não console, nem lágrima que esteja longe do seu coração. O Senhor escuta-nos, abraça-nos como somos, para nos transformar como Ele é. Quem, pelo contrário, recusa a misericórdia de Deus, permanece incapaz de misericórdia para com o próximo. Quem não acolhe a paz como um dom, não saberá dar a paz.

Caríssimos, compreendemos agora que as perguntas de Jesus são um vigoroso convite à esperança e à ação: quando o Filho do homem vier, encontrará fé na providência de Deus? Na verdade, é esta fé que sustenta o nosso empenho pela justiça, precisamente porque acreditamos que Deus salva o mundo por amor, libertando-nos do fatalismo. Perguntemo-nos, então: quando ouvimos o apelo de quem está em dificuldade, somos testemunhas do amor do Pai, como Cristo o foi para com todos? Ele é o humilde que chama os prepotentes à conversão, o justo que nos torna justos, como atestam os novos santos de hoje: não são heróis, nem paladinos de um ideal qualquer, mas homens e mulheres autênticos.

Estes fiéis amigos de Cristo são mártires pela sua fé, como o Bispo *Ignazio Choukrallah Maloyan* e o catequista *Pietro To Rot*; são evangelizadores e missionários, como a Irmã *Maria Troncatti*; são fundadoras carismáticas, como a Irmã *Vincenza Maria Poloni* e a Irmã *Carmen Rendiles Martinez*; são benfeitores da humanidade, com coração ardente de devoção, como *Bartolo Longo* e *José Gregorio Hernández Cisneros*. Que a sua intercessão nos assista nas provações e o seu exemplo nos inspire na comum vocação à santidade. Enquanto peregrinamos rumo a esta meta, rezemos sem nos cansarmos, firmes naquilo que aprendemos e acreditamos resolutamente (cf. 2 Tm 3, 14). A fé sobre a terra sustenta assim a esperança do céu.

JUBILEU DAS EQUIPAS SINODAIS E DOS ÓRGÃOS DE PARTICIPAÇÃO

Basílica de São Pedro

XXX domingo do Tempo Comum, 26 de outubro de 2025

[Multimedia]

Irmãos e irmãs,,

ao celebrarmos o Jubileu das equipas sinodais e dos órgãos de participação, somos convidados a contemplar e redescobrir o mistério da Igreja, que não é uma simples instituição religiosa nem se identifica com as hierarquias e as suas estruturas. Pelo contrário, a Igreja, como nos recordou o Concílio Vaticano II, é o sinal visível da união entre Deus e a humanidade, do seu projeto de nos reunir a todos numa única família de irmãos e irmãs e de nos tornar o seu povo: um povo de filhos amados, todos unidos no único abraço do seu amor.

Observando o mistério da comunhão eclesial, gerada e preservada pelo Espírito Santo, podemos compreender também o significado das equipas sinodais e dos órgãos de participação. Eles expressam o que acontece na Igreja, onde as relações não respondem à lógica do poder, mas à do amor. A primeira é lógica “mundana” – para recordar uma advertência constante do Papa Francisco –, enquanto na Comunidade cristã, o primado diz respeito à vida espiritual, que nos faz descobrir que somos todos filhos de Deus e irmãos entre nós, chamados a servir-nos uns aos outros.

A regra suprema na Igreja é o amor: ninguém é chamado a comandar, todos são chamados a servir; ninguém deve impor as próprias ideias, todos devemos ouvir-nos reciprocamente; ninguém é excluído, todos somos chamados a participar; ninguém possui toda a verdade, todos devemos procurá-la juntos e humildemente.

A própria palavra “juntos” expressa o apelo à comunhão na Igreja. O Papa Francisco recordou-nos isso também na sua última Mensagem para a

Quaresma: «Caminhar juntos, ser sinodal, é esta a vocação da Igreja. Os cristãos são chamados a percorrer o caminho em conjunto, jamais como viajantes solitários. O Espírito Santo impele-nos a sair de nós mesmos para ir ao encontro de Deus e dos nossos irmãos, e nunca a fechar-nos em nós mesmos. Caminhar juntos significa ser tecelões de unidade, partindo da nossa dignidade comum de filhos de Deus» (Francisco, Mensagem para a Quaresma, 25 de fevereiro de 2025).

Caminhar juntos. Aparentemente, é isso que fazem os dois personagens da parábola que acabámos de ouvir no Evangelho. O fariseu e o publicano sobem ambos ao Templo para rezar. Poderíamos dizer que «sobem juntos»; em todo o caso, se encontram juntos no lugar sagrado. No entanto, estão divididos e não há qualquer comunicação entre eles. Ambos percorrem o mesmo caminho, mas não caminham juntos; ambos se encontram no Templo, mas um ocupa o primeiro lugar e o outro fica em último; ambos rezam ao Pai, mas sem serem irmãos e nada partilhando.

Isso acontece sobretudo por causa da atitude do fariseu. A sua oração, aparentemente dirigida a Deus, é somente um espelho no qual ele se olha, se justifica e se elogia. Ele «subiu para rezar, mas não quis rezar a Deus; quis sim louvar-se a si mesmo» (Agostinho, *Sermão* 115, 2), sentindo-se melhor do que o outro, julgando-o com desprezo e olhando-o de cima para baixo. Ele está obcecado pelo seu próprio eu e, dessa forma, acaba por andar em torno de si mesmo, sem ter uma relação nem com Deus nem com os outros.

Irmãos e irmãs, o mesmo também pode ocorrer na comunidade cristã. Acontece quando o “eu” prevalece sobre o “nós”, gerando personalismos que impedem relações autênticas e fraternas; quando a pretensão de ser melhor do que os outros, como faz o fariseu com o publicano, cria divisão e transforma a Comunidade num lugar de julgamento e exclusão; quando se aproveita da própria função para exercer poder e ocupar espaços.

Ao contrário, é para o publicano que devemos olhar. Com a sua mesma humildade, também na Igreja todos devemos reconhecer-nos necessitados de Deus e uns dos outros, exercitando-nos no amor mútuo, na escuta recíproca, na alegria de caminhar juntos, sabendo que «Cristo pertence

àqueles que se sentem humildes, não àqueles que se elevam acima do rebanho» (São Clemente Romano, *Carta aos Coríntios*, c. XVI).

As equipas sinodais e os órgãos de participação são imagem desta Igreja que vive na comunhão. E hoje gostaria de vos exortar: na escuta do Espírito, no diálogo, na fraternidade e na parrésia, ajudai-nos a compreender que, na Igreja, antes de qualquer diferença, somos chamados a caminhar juntos em busca de Deus, para nos revestirmos dos sentimentos de Cristo; ajudai-nos a ampliar o espaço eclesial para que se torne colegial e acolhedor.

Essa atitude ajudar-nos-á a viver com confiança e com um novo ânimo as tensões que atravessam a vida da Igreja – entre unidade e diversidade, tradição e novidade, autoridade e participação –, deixando que o Espírito as transforme, para que não se tornem oposições ideológicas e polarizações prejudiciais. Não se trata de resolvê-las reduzindo uma à outra, mas de deixar que o Espírito as fecunde, para que sejam harmonizadas e orientadas para um discernimento comum. Como equipas sinodais e membros dos órgãos de participação, vós sabeis, realmente, que o discernimento eclesial requer «liberdade interior, humildade, oração, confiança recíproca, abertura à novidade e abandono à vontade de Deus. Nunca é a afirmação de um ponto de vista pessoal ou de grupo, nem se resolve na simples soma de opiniões individuais» (Documento final, 26 de outubro de 2024, n. 82). Ser Igreja sinodal significa reconhecer que não se possui a verdade, mas que juntos a procuramos, deixando-nos guiar por um coração inquieto e enamorado do Amor.

Caríssimos, devemos sonhar e construir uma Igreja humilde. Uma Igreja que não se mantém de pé como o fariseu, triunfante e cheia de si mesma, mas que se abaixa para lavar os pés da humanidade; uma Igreja que não julga como o fariseu faz com o publicano, mas que se torna um lugar acolhedor para todos e para cada um; uma Igreja que não se fecha em si mesma, mas permanece à escuta de Deus para poder, da mesma forma, ouvir todos. Comprometamo-nos a construir uma Igreja totalmente sinodal, totalmente ministerial, totalmente atraída por Cristo e, portanto, voltada para o serviço ao mundo.

Invoco a intercessão da Virgem Maria sobre vós, sobre todos nós, sobre a Igreja espalhada pelo mundo, com as palavras do Servo de Deus Tonino Bello: «Santa Maria, mulher convivial, alimentai nas nossas Igrejas o anseio de comunhão. [...] Ajudai-as a superar as divisões internas. Intervinde quando o demónio da discórdia se insinua no seu seio. Apagai os focos de facções. Reconciliai as mútuas disputas. Atenuai as rivalidades. Impedi-as quando decidirem seguir por sua própria conta, negligenciando a convergência em projetos comuns» (*Maria, Donna dei nostri giorni*, Cinisello Balsamo 1993, 99).

Que o Senhor nos conceda esta graça: estar enraizados no amor de Deus para vivermos em comunhão uns com os outros. E sermos, como Igreja, testemunhas de unidade e amor.

SANTA MISSA COM OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DAS UNIVERSIDADES PONTIFÍCIAS

Basílica de São Pedro

Segunda-feira, 27 de outubro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e queridas irmãs,

estar neste lugar, durante o Ano Jubilar, é um dom que não pode ser considerado dado adquirido, sobretudo porque a peregrinação para atravessar a Porta Santa nos lembra que a vida é viva somente se estiver em movimento, se souber fazer algumas “passagens”, ou seja, se for capaz de celebrar a Páscoa.

Desse modo, é bonito pensar que ao celebrar o Jubileu nestes meses, a Igreja experimenta este estar em caminho, lembrando-se de que precisa constantemente de se converter, de seguir Jesus sem hesitações e sem a tentação de querer ultrapassá-lo, que precisa sempre da Páscoa, isto é, de “passar” da escravidão à liberdade, da morte à vida. Espero que cada um de vós sinta sobre si o dom desta esperança e que o Jubileu seja uma ocasião através da qual a vossa vida possa recomeçar.

No entanto, hoje gostaria de me dirigir a vós que fazeis parte das instituições universitárias e àqueles que, a vários títulos, se dedicam ao estudo, ao ensino e à investigação. Que graça pode tocar a vida de um estudante, de um investigador, de um estudioso? Gostaria de responder assim a esta pergunta: a graça de uma visão de conjunto, uma visão capaz de captar o horizonte, de ir além.

Podemos tirar essa sugestão precisamente da página do Evangelho que acabámos de proclamar (Lc 13, 10-17), na qual se nos apresenta a imagem de uma mulher encurvada que, curada por Jesus, pode finalmente receber a graça de um novo olhar, um olhar mais amplo. A condição de ignorância, que muitas vezes está ligada ao fechamento e à falta de inquietação

espiritual e intelectual, assemelha-se à condição desta mulher: ela está toda curvada, dobrada sobre si mesma, e por isso é-lhe impossível olhar além de si. Quando o ser humano é incapaz de ver além de si mesmo, da sua experiência, das próprias ideias e convicções, dos próprios esquemas, então permanece prisioneiro, escravo, incapaz de amadurecer um juízo próprio.

Tal como a mulher encurvada do Evangelho, o risco é sempre o de ficarmos prisioneiros de um olhar centrado em nós mesmos. Na realidade, porém, muitas coisas que importam na vida – podemos dizer, as coisas fundamentais – não as damos a nós mesmos: recebemo-las dos outros. Elas chegam até nós e acolhemo-las dos mestres, dos encontros, das experiências da vida. E esta é uma experiência de graça, porque cura os nossos fechamentos em nós mesmos. Trata-se de uma verdadeira cura que, tal como acontece com a mulher do Evangelho, nos permite voltar a ter uma posição vertical perante as coisas e a vida e vê-las num horizonte mais amplo. Esta mulher curada obtém esperança, porque pode finalmente levantar o olhar e ver algo diferente, ver de uma nova maneira. Isto acontece especialmente quando encontramos Cristo na nossa vida: abrimo-nos a uma verdade capaz de mudar a vida, de nos distrair de nós mesmos, de nos tirar dos nossos fechamentos.

Quem estuda eleva-se, amplia os seus horizontes e as suas perspectivas, para recuperar um olhar que não se fixa apenas no chão, mas é capaz de olhar para o alto: para Deus, para os outros, para o mistério da vida. Esta é a graça do estudante, do investigador, do estudioso: receber um olhar amplo, que sabe ir longe, que não simplifica as questões, que não teme as perguntas, que vence a preguiça intelectual e, assim, derrota também a atrofia espiritual.

Recordemos sempre: a espiritualidade precisa deste olhar, para o qual o estudo da teologia, da filosofia e de outras disciplinas contribuem de maneira especial. Hoje, tornámo-nos especialistas em detalhes infinitesimais da realidade, mas somos incapazes de ter novamente uma visão de conjunto, uma visão que una as coisas através de um significado maior e mais profundo. Ao contrário, a experiência cristã quer ensinar-nos a olhar para a vida e a realidade com um olhar unificador, capaz de abraçar tudo, rejeitando qualquer lógica de parcialidade.

Com efeito, exorto-vos – digo isto a vós, estudantes, e a todos aqueles que se dedicam à investigação e ao ensino – a não esquecer que a Igreja de hoje e de amanhã precisa desta visão unificadora. E olhando para o exemplo de homens e mulheres como Agostinho, Tomás de Aquino, Teresa de Ávila, Edith Stein e muitos outros – que souberam integrar a investigação na sua vida e no seu caminho espiritual – também nós somos chamados a levar adiante o trabalho intelectual e a busca da verdade sem os separar da vida. É importante cultivar esta unidade, para que o que se faz nas salas de aula da universidade e nos ambientes educativos de todos os níveis e graus não permaneça um exercício intelectual abstrato, mas se torne uma realidade capaz de transformar a vida, de nos fazer aprofundar a nossa relação com Cristo, de compreender melhor o mistério da Igreja e de nos tornar testemunhas audazes do Evangelho na sociedade.

Caríssimos, ao estudo, à investigação e ao ensino está associada uma importante tarefa educativa e gostaria de exortar as Universidades a abraçarem com paixão e empenho esta vocação. Educar assemelha-se ao milagre narrado por este Evangelho, porque o gesto de quem educa significa levantar o outro, colocá-lo de pé como Jesus faz com esta mulher encurvada, ajudá-lo a ser ele mesmo e a amadurecer uma consciência e um pensamento crítico autónomos. As Universidades Pontifícias devem poder continuar este gesto de Jesus. Trata-se de um verdadeiro ato de amor, porque há uma caridade que passa precisamente pelo alfabeto do estudo, do conhecimento, da busca sincera do que é verdadeiro e por aquilo que vale a pena viver. Saciar a fome de verdade e de sentido é uma tarefa necessária, porque sem verdade e significados autênticos pode-se cair-se no vazio e até morrer.

Neste caminho, cada um pode também encontrar o maior dom de todos: saber que não está sozinho e que pertence a alguém, como afirma o apóstolo Paulo: «Todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai!» (*Rm* 8, 14-15). Portanto, o que recebemos enquanto buscamos a verdade e nos dedicamos ao estudo ajuda-nos a descobrir que não somos criaturas lançadas por acaso

no mundo, mas pertencemos a alguém que nos ama e que tem um projeto de amor para a nossa vida.

Queridos irmãos e queridas irmãs, convosco peço ao Senhor que a experiência de estudo e investigação na aventura universitária que estais a viver vos torne capazes deste novo olhar; que o percurso académico vos ajude a saber dizer, contar, aprofundar e anunciar as razões da esperança que há em nós (cf. *1 Pe* 3, 15); que a universidade vos forme para serdes mulheres e homens que nunca vos curvaís sobre vós mesmos, mas que permaneçais sempre de pé, capazes de viver e levar aos lugares onde ireis a alegria e a consolação do Evangelho.

A Virgem Maria, Sede da Sabedoria, vos acompanhe e interceda por vós.

JUBILEU DO MUNDO EDUCATIVO

SANTA MISSA E PROCLAMAÇÃO DE SÃO JOHN HENRY NEWMAN COMO «DOUTOR DA IGREJA»

Basílica de São Pedro

Solenidade de Todos os Santos - Sábado, 1 de novembro de 2025

[Multimedia]

Nesta solenidade de Todos os Santos, é uma grande alegria inscrever São John Henry Newman entre os Doutores da Igreja e, ao mesmo tempo, por ocasião do Jubileu do Mundo Educativo, nomeá-lo co-padroeiro, com Santo Tomás de Aquino, de todos os agentes que participam no processo educativo. A imponente estatura cultural e espiritual de Newman servirá de inspiração para as novas gerações com o coração sedento de infinito, disponíveis a realizar, através da pesquisa e do conhecimento, aquela viagem que, como diziam os antigos, nos faz passar *per aspera ad astra*, ou seja, através das asperezas até aos astros.

Com efeito, a vida dos santos testemunha-nos que é possível viver com paixão no meio da complexidade do tempo presente, sem deixar de lado o mandato apostólico: brilhar «como astros no mundo» (*Fl* 2, 15). Nesta solene ocasião, desejo repetir aos educadores e às instituições educativas: “Brilhai hoje como astros no mundo”, graças à autenticidade do vosso empenho na busca conjunta da verdade, na sua partilha coerente e generosa, através do serviço aos jovens, em particular aos pobres, e na experiência quotidiana de que «o amor cristão é profético, realiza milagres» (Exort. ap. Dilexi te, 120).

O Jubileu é uma peregrinação na esperança e todos vós, no vasto campo da educação, sabeis bem o quanto a esperança é uma semente indispensável! Quando penso nas escolas e nas universidades, penso nelas como laboratórios de profecia, onde a esperança é vivida e continuamente narrada e reproposta.

Este é também o sentido do Evangelho das Bem-aventuranças hoje proclamado. As Bem-aventuranças trazem consigo uma nova interpretação da realidade. São o caminho e a mensagem de Jesus educador. À primeira vista, parece impossível declarar bem-aventurados os pobres, aqueles que têm fome e sede de justiça, os perseguidos ou os que promovem a paz. Mas o que parece inconcebível na gramática do mundo, enche-se de sentido e luz na proximidade do Reino de Deus. Nos santos, constatamos este reino a aproximar-se e a tornar-se atual entre nós. Com razão, São Mateus apresenta as Bem-aventuranças como um ensinamento, representando Jesus como Mestre que transmite uma nova visão das coisas e cuja perspectiva coincide com o seu caminho. Porém, as Bem-aventuranças não são um ensinamento entre tantos: são o ensinamento por excelência. Da mesma forma, o Senhor Jesus não é um entre tantos mestres, é o Mestre por excelência. Mais ainda, é o Educador por excelência. Nós, seus discípulos, encontramos-nos na sua escola, aprendendo a descobrir na sua vida, ou seja, no caminho por Ele percorrido, um horizonte de sentido capaz de iluminar todas as formas de conhecimento. Possam sempre as nossas escolas e universidades ser lugares da escuta e da prática do Evangelho!

Os desafios atuais podem parecer, por vezes, superiores às nossas forças, mas não é assim. Não permitamos que o pessimismo nos vença! Recordo o que sublinhou o meu amado predecessor, Papa Francisco, no seu discurso à Primeira Plenária do Dicastério para a Cultura e a Educação: devemos trabalhar juntos para libertar a humanidade da escuridão do niilismo que a rodeia e que é, talvez, a doença mais perigosa da cultura contemporânea, pois ameaça «anular» a esperança (Discurso aos participantes na Plenária, 21 de novembro de 2024). A referência à noite que nos rodeia recorda-nos um dos textos mais conhecidos de São John Henry, o hino *Lead, kindly light* (“Luz terna, suave, leva-me mais longe”). Nessa linda oração, percebemos que estamos longe de casa, que temos pés vacilantes, que não conseguimos decifrar claramente o horizonte. Mas nada disso nos detém, porque encontramos o nosso Guia: «Conduze-me, terna Luz [...] a noite é escura e estou distante de casa, conduze-me tu, sempre mais avante» - «*Lead, kindly Light. The night is dark and I am far from home. Lead Thou me on!*».

É tarefa da educação oferecer esta Luz Terna àqueles que, de outra forma, poderiam permanecer aprisionados pelas particularmente insidiosas sombras do pessimismo e do medo. Por isso, gostaria de vos dizer: desarmemos as falsas razões da resignação e da impotência e façamos circular no mundo contemporâneo as grandes razões da esperança. Contemplemos e apontemos constelações que transmitam luz e orientação neste tempo presente obscurecido por tantas injustiças e incertezas. Portanto, encorajo-vos a fazer das escolas, das universidades e de todas as realidades educativas, mesmo informais e de rua, limiares de uma civilização de diálogo e paz. Através das vossas vidas, deixai transparecer aquela «multidão enorme» – da qual nos fala o Livro do Apocalipse na liturgia de hoje – «que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas» e que estava «de pé [...] diante do Cordeiro» (7, 9).

No texto bíblico, um dos seres vivos, observando a multidão, pergunta: «Estes, [...] quem são e donde vieram?» (Ap 7, 13). A tal respeito, também no âmbito educativo, o olhar cristão se fixa naqueles «que vêm da grande tribulação» (v. 14), reconhecendo neles os rostos de tantos irmãos e irmãs de todas as línguas e culturas, que através da porta estreita de Jesus entraram na vida em plenitude. Devemos, então, perguntar-nos de novo: «Os menos dotados não são seres humanos? Os mais fracos não têm a nossa mesma dignidade? Aqueles que nasceram com menos possibilidades valem menos como seres humanos e devem limitar-se apenas a sobreviver? A resposta que damos a estas perguntas determina o valor das nossas sociedades e dela também depende o nosso futuro» (Exort. ap. *Dilexi te*, 95). Desta resposta – acrescentemos – depende também a qualidade evangélica da nossa educação.

Neste sentido, entre a duradoura herança de São John Henry encontram-se alguns contributos muito significativos para a teoria e a prática da educação. «Deus – escreveu ele – criou-me para lhe prestar um serviço específico. Confiou-me uma tarefa que não confiou a outros. Tenho uma missão: talvez não a chegue a conhecer nesta vida, mas ela ser-me-á revelada na vida futura» (*Meditations and Devotions*, III, I, 2). Nestas palavras, encontramos expresso, de um modo esplêndido, o mistério da dignidade de cada pessoa humana e também o da variedade dos dons distribuídos por Deus.

A vida ilumina-se não porque somos ricos, bonitos ou poderosos. Ela ilumina-se quando uma pessoa descobre dentro de si esta verdade: sou chamado por Deus, tenho uma vocação, tenho uma missão, a minha vida serve para algo maior que eu próprio! Cada criatura tem uma função a desempenhar. O contributo que cada um tem para oferecer é de um valor único, e a tarefa das comunidades educativas é encorajar e valorizar este contributo. Não o esqueçamos: no centro dos percursos educativos não devem estar indivíduos abstratos, mas pessoas de carne e osso, especialmente aquelas que parecem não render, segundo os parâmetros de uma economia que exclui e mata. Somos chamados a formar pessoas, para que brilhem como astros em toda a sua dignidade.

Portanto, podemos afirmar que a educação, na perspectiva cristã, ajuda todos a tornarem-se santos. Nada menos do que isso. O Papa Bento XVI, por ocasião da sua Viagem Apostólica à Grã-Bretanha, em setembro de 2010, durante a qual beatificou John Henry Newman, convidou os jovens a tornarem-se santos, com estas palavras: «O que Deus mais deseja para cada um de vós é que vos torneis santos. Ele ama-vos muito mais do que podeis imaginar, e deseja o máximo para vós» (Discurso aos alunos, 17 de setembro de 2010). Trata-se do chamamento universal à santidade que o Concílio Vaticano II fez parte essencial da sua mensagem (cf. Lumen gentium, capítulo V). A santidade é proposta a todos, sem exceção, como um caminho pessoal e comunitário delineado pelas Bem-aventuranças.

Rezo para que a educação católica ajude cada um a descobrir a sua vocação à santidade. Santo Agostinho, que São John Henry Newman tanto apreciava, disse uma vez que todos nós somos companheiros de estudo com um único Mestre, cuja escola se encontra na terra, mas cuja cátedra está no céu (cf. *Sermão* 292,1).

COMEMORAÇÃO DE TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS

Cemitério do Verano, Roma

Domingo, 2 de novembro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e irmãs,

Reunimo-nos neste lugar para celebrar a comemoração de todos os fiéis defuntos, em particular aqueles que estão aqui sepultados e, com carinho especial, os nossos entes queridos. Eles deixaram-nos no dia da sua morte, mas trazemo-los sempre conosco na memória do coração. E esta memória permanece viva, todos os dias, em tudo o que vivemos. Frequentemente, encontramos algo que nos faz lembrar deles, imagens que nos remetem para o que com eles vivemos. Tantos lugares, e até mesmo os aromas das nossas casas, nos falam daqueles que amamos e que nos deixaram, mantendo viva em nós a sua memória.

Porém, hoje não estamos aqui simplesmente para lembrar aqueles que já partiram deste mundo. A fé cristã, fundada na Páscoa de Cristo, ajuda-nos a viver a memória não apenas como uma lembrança do passado, mas sobretudo como uma esperança futura. Não se trata tanto de olhar para trás, trata-se antes de olhar para a frente, para a meta do nosso caminho, para o porto seguro que Deus nos prometeu, para a festa sem fim que nos espera. Lá, em torno do Senhor Ressuscitado e dos nossos, saborearemos a alegria do banquete eterno. Naquele dia – ouvimos na leitura do profeta Isaías – «no monte Sião, o Senhor do universo preparará para todos os povos um banquete de carnes gordas. [...] Aniquilará a morte para sempre» (Is 25, 6.8).

Esta “esperança futura” anima a nossa memória e a nossa oração no dia de hoje. Não se trata de uma ilusão que serve para aplacar a dor da separação das pessoas amadas, nem de um simples otimismo humano. É a esperança fundada na ressurreição de Jesus, que venceu a morte e abriu, também a nós, a passagem para a plenitude da vida. Ele – como recordava

numa catequese recente – é «o ponto de chegada do nosso caminho. Sem o seu amor, a viagem da vida tornar-se-ia um perambular sem meta, um erro trágico com um destino fracassado. [...] O Ressuscitado garante a meta, conduz-nos para casa, onde somos esperados, amados, salvos» (Audiência Geral, 15 de outubro de 2025).

E esta meta final, o banquete em torno do qual o Senhor nos reunirá, será um encontro de amor. Por amor, Deus nos criou; no amor do seu Filho, Ele nos salva da morte; na alegria do amor com Ele e com os nossos, Ele deseja que vivamos para sempre. Por isso mesmo, só quando vivemos no amor e praticamos o amor uns para com os outros, em particular para com os mais fracos e os mais pobres, caminhamos em direção à meta e antecipamo-la, num vínculo inquebrantável com aqueles que nos precederam. Com efeito, Jesus convida-nos com estas palavras: «Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo» (Mt 25, 35-36).

A caridade vence a morte. Na caridade, Deus reunir-nos-á com os nossos entes queridos. Se caminhamos na caridade, a nossa vida torna-se uma oração que se eleva ao Céu e nos une aos defuntos, aproxima-nos deles, esperando reencontrá-los na alegria da eternidade.

Queridos irmãos e irmãs, enquanto a dor da ausência de quem já não está entre nós permanece gravada nos nossos corações, confiemo-nos à esperança que não engana (cf. *Rm* 5, 5); olhemos para Cristo Ressuscitado e pensemos nos nossos falecidos revestidos já da sua luz; deixemos ressoar em nós a promessa da vida eterna que o Senhor nos faz. Ele aniquilará a morte para sempre. Ele a venceu para sempre, abrindo uma passagem de vida eterna – isto é, fazendo Páscoa – no túnel da morte, para que, unidos a Ele, também nós possamos entrar nele e atravessá-lo.

Ele espera por nós e, quando O encontrarmos, no final desta vida terrena, alegrar-nos-emos com Ele e com os nossos queridos que nos precederam. Que esta promessa nos sustente, enxugue as nossas lágrimas e volte o nosso olhar para a frente, para aquela esperança futura que não morre.

SANTA MISSA EM SUFRÁGIO DO PAPA FRANCISCO E DOS CARDEAIS E BISPOS FALECIDOS DURANTE O ANO

CAPELA PAPAL

Segunda-feira, 3 de novembro de 2025

[Multimedia]

Caríssimos irmãos Cardeais e Bispos,
queridos irmãos e irmãs!

Hoje renovamos a bela tradição, por ocasião da Comemoração de todos os fiéis defuntos, de celebrar a Eucaristia em sufrágio dos Cardeais e Bispos que nos deixaram durante o ano que passou, e com grande afeto a oferecemos pela alma eleita do Papa Francisco, que faleceu depois de ter aberto a Porta Santa e concedido a Roma e ao mundo a Bênção pascal. Graças ao Jubileu, esta celebração – para mim a primeira – adquire um sabor característico: *o sabor da esperança cristã*.

A Palavra de Deus que ouvimos ilumina-nos. Em primeiro lugar, fá-lo com uma grande imagem bíblica que, poderíamos dizer, resume o sentido de todo este Ano Santo: a narração lucana dos discípulos de Emaús (*Lc 24, 13-35*). Nela está representada de forma plástica a peregrinação da esperança, que passa pelo encontro com Cristo ressuscitado. O ponto de partida é a experiência da morte, e na sua forma pior: a morte violenta que mata o inocente e deixa assim desanimados, desencorajados, desesperados. Quantas pessoas – quantos “pequeninos”! – também nos nossos dias sofrem o trauma desta morte assustadora porque desfigurada pelo pecado. Por esta morte não podemos e não devemos dizer “*laudato si*”, porque Deus Pai não a quer e enviou o seu Filho ao mundo para nos libertar dela. Está escrito: Cristo tinha de sofrer estas dores para entrar na sua glória (cf. *Lc 24, 26*) e dar-nos a vida eterna. Só Ele pode levar sobre si e dentro de si esta morte corrupta sem ser corrompido por ela. Só Ele tem palavras de vida eterna (cf. *Jo 6, 68*) – confessamo-lo com trepidação aqui, ao lado do túmulo de São

Pedro – e estas palavras têm o poder de reacender a fé e a esperança nos nossos corações (cf. v. 32).

Quando Jesus toma o pão nas suas mãos que foram pregadas na cruz, pronuncia a bênção, o parte e o oferece, os olhos dos discípulos abrem-se, a fé floresce nos seus corações e, com a fé, uma nova esperança. Sim! Já não é a esperança que tinham antes e que perderam. É uma nova realidade, um dom, uma graça do Ressuscitado: é a esperança pascal.

Assim como a vida de Jesus ressuscitado já não é a de antes, mas é absolutamente nova, criada pelo Pai com o poder do Espírito, assim também a esperança do cristão não é a esperança humana, não é nem a dos gregos nem a dos judeus, não se baseia na sabedoria dos filósofos nem na justiça que deriva da lei, mas única e totalmente no facto de que o Crucificado ressuscitou e apareceu a Simão (cf. *Lc* 24, 34), às mulheres e aos outros discípulos. É uma esperança que não olha para o horizonte terreno, mas para além dele, olha para Deus, para aquela altura e profundidade de onde surgiu o Sol que veio iluminar aqueles que estão nas trevas e na sombra da morte (cf. *Lc* 1, 78-79).

Então, sim, podemos cantar: «Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal».[1] O amor de Cristo crucificado e ressuscitado transfigurou a morte: de inimiga, tornou-a irmã, suavizou-a. E diante dela, «não estamos tristes como os outros que não têm esperança» (*1 Ts* 4, 13). Estamos tristes, certamente, quando uma pessoa querida nos deixa. Ficamos escandalizados quando um ser humano, especialmente uma criança, um “pequenino”, um frágil, é arrancado por uma doença ou, pior ainda, pela violência dos homens. Como cristãos, somos chamados a carregar com Cristo o peso dessas cruzes. Mas não estamos tristes como aqueles que não têm esperança, porque até a morte mais trágica não pode impedir o nosso Senhor de acolher nos seus braços a nossa alma e transformar o nosso corpo mortal, até o mais desfigurado, à imagem do seu corpo glorioso (cf. *Fl* 3, 21).

Por isso, os cristãos não chamam aos lugares de sepultura “necrópoles”, ou seja, “cidades dos mortos”, mas “cemitérios”, que significa literalmente “dormitórios”, lugares onde se descansa, à espera da ressurreição. Como

profetiza o salmista: «Deito-me em paz e logo adormeço, / porque só tu, Senhor, me fazes repousar em segurança» (*Sl* 4, 9).

Caríssimos, o amado Papa Francisco e os irmãos Cardeais e Bispos pelos quais hoje oferecemos o Sacrifício eucarístico viveram, testemunharam e ensinaram esta nova esperança pascal. O Senhor chamou-os e constituiu-os pastores na sua Igreja e, com o seu ministério, eles – para usar a linguagem do Livro de Daniel – «conduziram muitos à justiça» (cf. *Dn* 12, 3), ou seja, guiaram-nos pelo caminho do Evangelho com a sabedoria que vem de Cristo, que se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção (cf. *1 Cor* 1, 30). Que as suas almas sejam lavadas de qualquer mancha e que eles brilhem como estrelas no céu (cf. v. 3). E a nós, ainda peregrinos na terra, chegue no silêncio da oração o seu encorajamento espiritual: «Confia no Senhor, que ainda o hei de louvar, Ele é a alegria do meu rosto. Ele é o meu Deus» (*Sl* 42, 6.12).

[1] S. Francisco de Assis, *Cântico do irmão sol*.

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DA DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DE SÃO JOÃO DE LATRÃO

Basílica de São João de Latrão

Domingo, 9 de novembro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e irmãs,

Celebramos hoje a solenidade da *Dedicação da Basílica de Latrão* – portanto, desta Basílica, Catedral de Roma –, que teve lugar no século IV por obra do Papa Silvestre I. A construção foi realizada por vontade do imperador Constantino, depois de ter concedido aos cristãos, no ano 313, a liberdade de professar a sua fé e de exercer o culto.

Lembramos este evento até ao dia de hoje. Porquê? Certamente para recordar, com alegria e gratidão, um acontecimento histórico muito importante para a vida da Igreja, mas não só. Com efeito, esta Basílica, “mãe de todas as igrejas”, é muito mais do que um monumento e uma memória histórica: é sinal da Igreja «de pedras vivas, edificada sobre o alicerce dos apóstolos, tendo Cristo Jesus como pedra angular» (*Pontifical Romano. Dedicação da igreja e do altar*), e como tal lembra-nos que também nós, formando um templo espiritual, «somos edificados cá na terra como pedras vivas (cf. *1 Pe 2, 5*)» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. Dogm. *Lumen gentium*, 6). Por esta razão, como observava São Paulo VI, surgiu desde muito cedo na comunidade cristã o uso de atribuir o «nome de Igreja, que significa a assembleia dos fiéis, ao templo que os reúne» (*Angelus*, 9 de novembro de 1969). É a comunidade eclesial, «a Igreja, sociedade dos crentes, [que] demonstra em Latrão a sua estrutura exterior mais sólida e evidente» (ibid.). Portanto, ao olharmos para este edifício, refletamos com a ajuda da Palavra de Deus sobre o nosso ser Igreja.

Em primeiro lugar, podemos refletir sobre os seus alicerces. A sua importância é evidente, de tal forma que, em certos aspectos, chega a ser inquietante. Se quem a construiu não tivesse escavado bem fundo até

encontrar uma base suficientemente sólida sobre a qual erguer tudo o resto, há muito que toda a construção teria ruído ou a qualquer momento correria o risco de ceder, de tal forma que também nós, estando aqui, nos exporíamos a sério perigo. Felizmente, aqueles que nos precederam deram à nossa Catedral bases sólidas, escavando em profundidade, com esforço, antes de começarem a erguer as paredes que nos acolhem, e isso faz-nos sentir muito mais tranquilos.

Contudo, isso também nos ajuda a refletir. De igual modo nós, operários da Igreja viva, antes de podermos erguer estruturas imponentes, devemos escavar em nós mesmos e à nossa volta, para eliminar todo o material instável que possa impedir-nos de alcançar a verdadeira rocha de Cristo (cf. *Mt* 7, 24-27). São Paulo fala-nos explicitamente disso na segunda leitura, quando diz que «ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo» (*1 Cor* 3, 11), o que significa voltar constantemente a Ele e ao seu Evangelho, dóceis à ação do Espírito Santo. Caso contrário, o risco seria sobrecarregar com estruturas pesadas um edifício com bases frágeis.

Por isso, queridos irmãos e irmãs, ao trabalharmos com todo o empenho ao serviço do Reino de Deus, não sejamos nem precipitados nem superficiais: escavemos em profundidade, livres dos critérios do mundo, que demasiadas vezes exige resultados imediatos, porque desconhece a sabedoria da espera. A história milenar da Igreja ensina-nos que só com humildade e paciência se pode construir, com a ajuda de Deus, uma verdadeira comunidade de fé, capaz de difundir a caridade, de favorecer a missão, de anunciar, celebrar e servir o Magistério apostólico, do qual este Templo é a primeira sede (cf. São Paulo VI, *Angelus*, 9 de novembro de 1969).

A tal respeito, é elucidativa a cena que nos é apresentada no Evangelho há pouco proclamado (*Lc* 19, 1-10): Zaqueu, homem rico e poderoso, sente a necessidade de encontrar Jesus. No entanto, percebe que é baixo demais para o poder ver e, por isso, trepa a uma árvore, num gesto invulgar e impróprio para uma pessoa do seu estrato social, habituada a receber o que queria de bandeja, no banco dos impostos, como um tributo devido. Porém, aqui, o caminho revela-se mais longo e subir aos ramos duma árvore

significa para Zaqueu reconhecer os seus limites e superar os freios inibidores do orgulho. Desta forma, ele pode encontrar Jesus, que lhe diz: «Hoje tenho de ficar em tua casa» (v. 5). A partir daí, a partir deste encontro, começa para ele uma nova vida (cf. v. 8).

Jesus transforma-nos e convida-nos a trabalhar no grande estaleiro de Deus, moldando-nos sabiamente segundo os seus desígnios de salvação. Nos últimos anos, a imagem do «estaleiro» foi frequentemente utilizada para descrever o nosso caminho eclesial. É uma imagem bonita, que fala de atividade, criatividade, empenho, mas também de esforço, de problemas – por vezes, complexos – a resolver. Ela expressa o esforço real, palpável, com que as nossas comunidades crescem todos os dias, na partilha dos carismas e sob a orientação dos Pastores. Em particular, a Igreja de Roma é testemunha disso nesta fase da implementação do Sínodo, na qual o que amadureceu ao longo de anos de trabalho pede para passar através do confronto e da verificação “na prática”. Isto implica um caminho íngreme, mas não devemos desanimar. Pelo contrário, é bom continuar a trabalhar, com confiança, para crescermos juntos.

Na história do edifício majestoso em que nos encontramos, não faltaram momentos críticos, pausas, correções de projetos em andamento. No entanto, graças à tenacidade de quem nos precedeu, podemos reunir-nos neste lugar maravilhoso. Em Roma, ainda que com muito esforço, há um grande bem em crescimento. Para alimentar e renovar o nosso entusiasmo, não permitamos, pois, que o cansaço nos impeça de o reconhecer e celebrar. Afinal, a caridade vivida também molda o nosso rosto de Igreja, para que se manifeste cada vez mais claramente a todos que ela é «mãe», «mãe de todas as Igrejas», ou antes «mamã», como disse São João Paulo II ao falar às crianças, precisamente nesta festa (cf. *Discurso pela ocasião da Dedicação da Basílica de Latrão*, 9 de novembro de 1986).

Por fim, gostaria de mencionar um aspecto essencial da missão de uma Catedral: a liturgia. Ela é o «a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 10). Nela, podemos encontrar todos os temas que mencionámos: somos edificados como templo de Deus, como sua morada no Espírito, e recebemos força para pregar Cristo no mundo (cf.

ibid., 2). Por essa razão, o cuidado posto na celebração da liturgia, no lugar da Sé de Pedro, deve ser tal que possa servir de exemplo para todo o povo de Deus, no respeito pelas normas, na atenção às diversas sensibilidades de quem participa, segundo o princípio de uma sábia inculturação (cf. *ibid.* 37-38) e, ao mesmo tempo, na fidelidade ao estilo de solene sobriedade típico da tradição romana, que tanto bem pode fazer às almas de quantos nela participam ativamente (cf. *ibid.*, 14). Preste-se muita atenção para que, aqui, a beleza simples dos ritos expresse o valor do culto em prol do crescimento harmonioso do inteiro Corpo do Senhor. Santo Agostinho dizia que «a beleza não é senão amor, e o amor é a vida» (*Discurso* 365, 1). A liturgia é um âmbito onde esta verdade se realiza de forma eminente; e desejo que quem se aproxima do Altar da Catedral de Roma possa depois partir cheio daquela graça com a qual o Senhor deseja inundar o mundo (cf. *Ez* 47, 1-2.8-9.12).

SANTA MISSA PEL 125º ANIVERSÁRIO DA DEDICAÇÃO DA IGREJA DE SANTO ANSELMO NO AVENTINO

Igreja de Santo Anselmo no Aventino, Roma

Festa de São Martinho - Terça-feira, 11 de novembro de 2025

[Multimedia]

«Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja» (*Mt 16, 18*). Caríssimos irmãos e irmãs, ouvimos estas palavras de Jesus ao comemarmos o 125º aniversário da Dedicção desta igreja, tão desejada pelo Papa Leão XIII, que incentivou a sua construção.

Nas suas intenções esta edificação, juntamente com a do *Colégio Internacional* anexo, devia contribuir para o fortalecimento da presença beneditina na Igreja e no mundo, através de uma unidade cada vez maior no seio da *Confederação Beneditina*, objetivo para o qual foi também instituído o Ofício do *Abade Primaz*. Fê-lo porque estava convicto de que a vossa antiga Ordem poderia ser de grande auxílio para o bem de todo o Povo de Deus num tempo repleto de desafios, como a transição do século XIX para o século XX.

De facto, o monasticismo, desde os seus primórdios, tem sido uma realidade “de vanguarda”, inspirando homens e mulheres corajosos a estabelecer centros de oração, trabalho e caridade nos lugares mais remotos e inacessíveis, muitas vezes transformando áreas desoladas em terras férteis e ricas, do ponto de vista agrícola e económico, mas sobretudo espiritual. O mosteiro tornou-se, assim, cada vez mais um lugar de crescimento, paz, hospitalidade e unidade, mesmo nos períodos mais sombrios da história.

Também no nosso tempo não faltam desafios para enfrentar. As mudanças repentinas a que assistimos provocam-nos e questionam-nos, levantando problemáticas até agora inéditas. Esta celebração recorda-nos que, tal como o Apóstolo Pedro, e com ele Bento e tantos outros, também nós só podemos responder às exigências da vocação que recebemos colocando Cristo no centro da nossa existência e da nossa missão,

começando por aquele ato de fé que nos faz reconhecer n'Ele o Salvador e traduzindo-O em oração, estudo e compromisso com uma vida santa.

Aqui, tudo isto se realiza de diversas formas: primeiro na liturgia, depois na *Lectio divina*, na investigação, no cuidado pastoral, com o envolvimento de monges vindos de todo o mundo e com a abertura a clérigos, religiosos, religiosas e leigos das mais diversas origens e condições. O mosteiro, o Ateneu, o Instituto Litúrgico, as atividades pastorais ligadas à igreja, de acordo com os ensinamentos de S. Bento, devem, por isso, crescer cada vez mais sinergicamente como uma autêntica «escola do serviço do Senhor» (SÃO BENTO, *Regra*, Prólogo, 45).

Por isso, pensei no complexo em que nos encontramos como uma realidade que deve aspirar a tornar-se um coração pulsante no grande corpo do mundo beneditino, centrado, segundo os ensinamentos de São Bento, na igreja.

A primeira leitura (cf. *Ez* 43, 1-2.4-7a) apresentou-nos a imagem do rio que brota do Templo. Ela harmoniza-se muito bem com a do coração, que bombeia o sangue vital por todo o corpo, para que cada membro receba alimento e força para benefício dos outros (cf. *1 Cor* 12, 20-27); assim como com a do edifício espiritual de que nos falou a segunda leitura, fundado na rocha sólida que é Cristo (cf. *1 Pd* 2, 4-9).

Na laboriosa colmeia de Santo Anselmo, que este seja o lugar de onde tudo começa e para onde tudo regressa, a fim de encontrar verificação, confirmação e aprofundamento diante de Deus, como recomendou São João Paulo II durante a sua visita ao Pontifício Ateneu por ocasião do Centenário de fundação. Referindo-se ao seu santo padroeiro, disse: «Santo Anselmo recorda a todos [...] que o conhecimento dos mistérios divinos não é tanto uma conquista do génio humano, mas antes um dom que Deus concede aos humildes e aos crentes» (*Discurso*, 1 de Junho de 1986).

Referia-se, como foi dito, aos ensinamentos do Doutor de Aosta, mas queremos desejar que tal seja também a mensagem profética que desta Instituição chegue à Igreja e ao mundo, como cumprimento da missão que todos recebemos, de ser um povo que Deus conquistou para Si, para que

possamos proclamar as maravilhas d'Aquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (cf. *1 Pd* 2, 9).

A Dedicção é o momento solene na história de um edifício sagrado, no qual ele é consagrado como ponto de encontro entre o espaço e o tempo, entre finito e infinito, entre homem e Deus: uma porta aberta para o eterno, na qual a alma encontra resposta à «tensão entre as circunstâncias do momento e a luz do tempo, do horizonte mais amplo [...] que nos abre para o futuro como causa final que nos atrai» (FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 222) no encontro entre plenitude e limite que acompanha o nosso caminho terreno.

O Concílio Vaticano II descreve tudo isto numa das suas mais belas páginas, quando define a Igreja como «humana e divina, visível, mas dotada de realidades invisíveis, fervorosa na ação e dedicada à contemplação, presente no mundo e, contudo, peregrina; [...] de tal modo, porém, que o que é humano seja ordenado e subordinado ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, a realidade presente à cidade vindoura, para a qual caminhamos» (Constituição *Sacrosanctum Concilium*, 2).

É a experiência da nossa vida e da vida de cada homem e mulher neste mundo, em busca daquela resposta última e fundamental que “nem carne nem sangue” podem revelar, mas somente o Pai que está nos céus (cf. *Mt* 16, 17); em última análise, necessitados de Jesus, «o Cristo, o Filho do Deus vivo» (v. 16). Somos chamados a procurá-l'O e somos chamados a levar até Ele todos aqueles que encontramos, gratos pelos dons que Ele nos concedeu e, sobretudo, pelo amor com que nos precedeu (cf. *Rm* 5, 6). Este templo tornar-se-á, então, cada vez mais, também um lugar de alegria, no qual experimentamos a beleza de partilhar com os outros o que recebemos gratuitamente (cf. *Mt* 10, 8).

IX DIA MUNDIAL DOS POBRES JUBILEU DOS POBRES

Basílica de São Pedro

XXXIII Domingo do Tempo Comum, 16 de novembro de 2025

[Multimedia]

Queridos irmãos e irmãs,

Nos últimos domingos do ano litúrgico somos convidados a olhar para a história nos seus desfechos finais. Na primeira leitura, o profeta Malaquias vislumbra na chegada do “dia do Senhor” a entrada num novo tempo. Este é descrito como o tempo de Deus, em que, como um amanhecer que faz surgir um sol de justiça, as esperanças dos pobres e dos humildes receberão do Senhor uma resposta final e definitiva, e serão erradicadas, queimadas como se fossem palha, as obras dos ímpios e a sua injustiça, sobretudo em detrimento dos indefesos e dos pobres.

Como sabemos, esse sol de justiça que surge é o próprio Jesus. O dia do Senhor, com efeito, não é apenas o último dia da história, mas é o Reino que se aproxima de cada homem no Filho de Deus que vem. No Evangelho, usando a típica linguagem apocalíptica de seu tempo, Jesus anuncia e inaugura esse Reino: na realidade, Ele mesmo é o senhorio de Deus que se faz presente em meio aos acontecimentos dramáticos da história. Por isso, eles não devem assustar o discípulo, mas torná-lo ainda mais perseverante no testemunho e consciente de que a promessa de Jesus é sempre viva e fiel: «não se perderá um só cabelo da vossa cabeça» (*Lc* 21, 18).

Irmãos e irmãs, esta é a esperança à qual nos agarramos, mesmo diante das vicissitudes nem sempre felizes da vida. Ainda hoje, «a Igreja prossegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus, anunciando a cruz e a morte do Senhor até que Ele venha» (*Lumen gentium*, 8). E, onde todas as esperanças humanas parecem esgotar-se, torna-se ainda mais firme a única certeza, mais estável do que o céu e a terra, de que o Senhor não deixará que se perca nem um único cabelo da nossa cabeça.

Deus não nos deixa sozinhos nas perseguições, nos sofrimentos, nas dificuldades e nas opressões da vida e da sociedade. Ele manifesta-se como Aquele que toma partido por nós. Toda a Escritura é atravessada por este fio condutor que narra um Deus que está sempre do lado dos mais frágeis, dos órfãos, dos estrangeiros e das viúvas (cf. Dt 10, 17-19). E a proximidade de Deus atinge o ápice do amor em seu filho Jesus: por isso, a presença e a palavra de Cristo tornam-se júbilo e jubileu para os mais necessitados, pois Ele veio para anunciar aos pobres a boa nova e proclamar *o ano da graça do Senhor* (cf. Lc 4, 18-19).

Neste ano de graça, também nós participamos, precisamente hoje, de modo especial, ao celebrarmos o Jubileu dos Pobres com este Dia Mundial. Toda a Igreja exulta e se alegra, e em primeiro lugar a vós, queridos irmãos e irmãs, desejo transmitir com força as palavras irrevogáveis do próprio Senhor Jesus: «*Dilexi te* - Eu te amei» (Ap 3, 9). Sim, diante da nossa pobreza e pequenez, Deus olha-nos como ninguém mais e ama-nos com amor eterno. E a sua Igreja, ainda hoje, talvez especialmente neste nosso tempo tão ferido por antigas e novas pobreza, quer ser «mãe dos pobres, lugar de acolhimento e justiça» (Exort. ap. *Dilexi te*, 39).

Quantas pobreza oprimem o nosso mundo! Trata-se, primordialmente, de pobreza materiais, mas também existem inúmeras situações morais e espirituais, que muitas vezes afetam sobretudo os mais jovens. E o drama que as atravessa todas, transversalmente, é a solidão. Ela desafia-nos a olhar para a pobreza de forma integral, certamente porque às vezes é necessário responder às necessidades urgentes, mas, de modo mais geral, é uma cultura da atenção que devemos desenvolver, justamente para quebrar o muro da solidão. Por isso, queremos estar atentos ao outro, a cada um, ali onde estamos e onde vivemos, transmitindo essa atitude já na família, para vivê-la concretamente nos locais de trabalho e de estudo, nas diferentes comunidades, no mundo digital, em toda parte, indo até aos confins e tornando-nos testemunhas da ternura de Deus.

Hoje, o nosso estado de impotência parece ser confirmado, em primeiro lugar, pelos cenários de guerra que infelizmente estão presentes em várias regiões do mundo. Mas a globalização dessa impotência nasce de uma mentira: da crença de que a história sempre foi assim e não pode mudar. O

Evangelho, de modo diverso, diz-nos que é precisamente nas grandes perturbações da história que o Senhor vem salvar-nos. E nós, comunidade cristã, devemos ser hoje sinal vivo dessa salvação no meio dos pobres.

A pobreza interpela os cristãos, e também todos aqueles que têm funções de responsabilidade na sociedade. Exorto, portanto, os Chefes de Estado e os Responsáveis das Nações a ouvirem o clamor dos mais pobres. Não poderá haver paz sem justiça, e os pobres recordam-nos isso de muitas maneiras: com a sua migração, bem como com o seu grito muitas vezes abafado pelo mito do bem-estar e do progresso que não tem todos em conta e que, em vez disso, esquece muitas criaturas, abandonando-as ao seu destino.

Aos agentes da caridade, aos muitos voluntários, a todos aqueles que se ocupam de aliviar as condições dos mais pobres, expresso a minha gratidão e, ao mesmo tempo, o meu encorajamento a terem cada vez mais consciência crítica na sociedade. Vós sabeis bem que a questão dos pobres remete ao essencial da nossa fé, que para nós eles são a própria carne de Cristo e não apenas uma categoria sociológica (cf. *Dilexi te*, 110). É por isso que «a Igreja, como mãe, caminha com os que caminham. Onde o mundo vê ameaça, ela vê filhos; onde se erguem muros, ela constrói pontes» (ivi, 75).

Comprometamo-nos todos. Como escreve o apóstolo Paulo aos cristãos de Tessalónica (cf. 2 Ts 3, 6-13), enquanto aguardamos o glorioso regresso do Senhor, não devemos viver uma vida voltada para nós mesmos e num intimismo religioso que se traduz no descompromisso para com os outros e a história. Pelo contrário, buscar o Reino de Deus implica o desejo de transformar a convivência humana num espaço de fraternidade e dignidade para todos, sem excluir ninguém. Está sempre à espreita o perigo de viver como viajantes distraídos, indiferentes ao destino final e desinteressados por aqueles que partilham o caminho conosco.

Neste Jubileu dos Pobres, deixemo-nos inspirar pelo testemunho dos Santos e das Santas que serviram Cristo nos mais necessitados e o seguiram no caminho da pequenez e do despojamento. Em particular, gostaria de propor novamente a figura de São Bento José Labre, que com a sua vida de “vagabundo de Deus” tem as características para ser o padroeiro de todos os

pobres sem-abrigo. Que a Virgem Maria, que no *Magnificat* continua a recordar-nos as escolhas de Deus e se faz voz dos que não têm voz, nos ajude a entrar na nova lógica do Reino, para que na nossa vida de cristãos esteja sempre presente o amor de Deus que acolhe, perdoa, cuida das feridas, consola e cura.

JUBILEU DOS COROS

Praça de São Pedro

Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo

Domingo, 23 de novembro de 2025

[Multimedia]

Queridas irmãs e queridos irmãos,

no salmo responsorial, cantámos: «Iremos com alegria à casa do Senhor» (cf. *Sl* 121). Por isso, a liturgia de hoje convida-nos a caminhar juntos no louvor e na alegria ao encontro do Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, Soberano manso e humilde, Aquele que é o princípio e o fim de todas as coisas. O seu poder é o amor, o seu trono é a Cruz e, por meio da Cruz, o seu Reino irradia-se sobre o mundo. «Da Cruz ele reina» (cf. Hino *Vexilla Regis*) como Príncipe da paz e Rei de justiça que, na sua Paixão, revela ao mundo a imensa misericórdia do coração de Deus. Este amor é também a inspiração e o motivo do vosso canto.

Queridos coristas e músicos, hoje celebrais o vosso jubileu e agradeceis ao Senhor por ter-vos concedido o dom e a graça de o servir, oferecendo as vossas vozes e os vossos talentos para a sua glória e para a edificação espiritual dos irmãos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 120). A vossa responsabilidade é envolvê-los no louvor a Deus e torná-los mais participantes da ação litúrgica através do canto. Hoje expressais plenamente o vosso “*iubilum*”, a vossa exultação, que nasce do coração inundado pela alegria da graça.

As grandes civilizações nos deram a música para que pudéssemos expressar o que sentimos no fundo do coração e que nem sempre as palavras conseguem transmitir. Todos os sentimentos e emoções que nascem no nosso íntimo a partir de uma relação viva com a realidade podem encontrar voz na música. De modo particular, o canto representa

uma expressão natural e completa do ser humano: a mente, os sentimentos, o corpo e a alma se unem para comunicar as grandes coisas da vida. Como nos lembra Santo Agostinho: “Cantare amantis est” (cf. *Sermo* 336,1), ou seja, “o canto é próprio de quem ama”: quem canta expressa o amor, mas também a dor, a ternura e o desejo que habitam no seu coração e, ao mesmo tempo, ama aquele a quem dirige o seu canto (cf. *Enarrationes in Psalmos*, 72,1).

Para o Povo de Deus, o canto expressa a invocação e o louvor, é o “cântico novo” que Cristo Ressuscitado eleva ao Pai, fazendo com que todos os batizados participem dele, como um único corpo animado pela Vida nova do Espírito. Em Cristo, tornamo-nos cantores da graça, filhos da Igreja que encontram no Ressuscitado a causa do seu louvor. A música litúrgica torna-se assim um instrumento preciosíssimo através do qual prestamos o serviço de louvor a Deus e manifestamos a alegria da Vida nova em Cristo.

Santo Agostinho exorta-nos, ainda, a caminhar cantando, como viajantes afadigados, que encontram no canto uma antecipação da alegria que sentirão quando alcançarem o seu destino. «Canta, mas caminha [...] avança no bem» (*Sermo* 256, 3). Com efeito, fazer parte de um coro significa avançar juntos, tomando os irmãos pela mão, ajudando-os a caminhar conosco e cantando com eles o louvor a Deus, consolando-os nos sofrimentos, exortando-os quando parecem ceder ao cansaço, dando-lhes entusiasmo quando a fadiga parece prevalecer. Cantar lembra-nos que somos Igreja em caminho, autêntica realidade sinodal, capaz de partilhar com todos a vocação ao louvor e à alegria, numa peregrinação de amor e esperança.

Santo Inácio de Antioquia também usa palavras comoventes ao relacionar o canto do coro com a unidade da Igreja: «no acordo de vossos sentimentos e na harmonia de vosso amor, vós podeis cantar a Jesus Cristo. A partir de cada um, que vos torneis um só coro, a fim de que, na harmonia de vosso acordo, tomando na unidade o tom de Deus, canteis a uma só voz, por meio de Jesus Cristo, um hino ao Pai, para que ele vos escute e vos reconheça por vossas boas obras» (S. Inácio de Antioquia, *Ad Ephesios*, IV). Realmente, as diferentes vozes de um coro harmonizam-se entre si,

dando vida a um único louvor, símbolo luminoso da Igreja, que no amor a todos une numa única melodia suave.

Pertenceis a coros que desenvolvem as suas atividades principalmente no serviço litúrgico. O vosso é um verdadeiro ministério que exige preparação, fidelidade, compreensão mútua e, acima de tudo, uma vida espiritual profunda, de modo que, se rezais cantando, ajudais todos a rezar. É um ministério que requer disciplina e espírito de serviço, especialmente quando é necessário preparar uma liturgia solene ou algum evento importante para as vossas comunidades. O coro é uma pequena família de pessoas diferentes, unidas pelo amor à música e pelo oferecimento do próprio serviço. Lembrai-vos, porém, que a comunidade é a vossa grande família: vós não estais à frente, mas fazem parte dela, empenhados em torná-la mais unida, inspirando-a e envolvendo-a. Como em todas as famílias, podem surgir tensões ou pequenos desentendimentos, coisas normais quando se trabalha em equipe e se esforça para alcançar um resultado. Podemos dizer que o coro é um pouco um símbolo da Igreja que, voltada para o seu destino, caminha na história louvando a Deus. Embora, às vezes, esse caminho seja repleto de dificuldades e provações, e os momentos de alegria se alternem com outros mais difíceis, o canto torna a viagem mais leve e traz alívio e consolo.

Portanto, empenhai-vos em transformar cada vez mais os vossos coros num prodígio de harmonia e beleza, sede cada vez mais uma imagem luminosa da Igreja que louva o seu Senhor. Estudai atentamente o Magistério, que indica nos documentos conciliares as normas para desempenhar da melhor forma o vosso serviço. Acima de tudo, sede capazes de fazer com que o povo de Deus participe sempre, sem ceder à tentação da exibição que exclui a participação ativa de toda a assembleia litúrgica no canto. Sede, desta forma, um sinal eloquente da oração da Igreja, que através da beleza da música demonstra o seu amor a Deus. Vigiai para que a vossa vida espiritual esteja sempre à altura do serviço que prestais, para que este possa refletir autenticamente a graça da liturgia.

Coloco-vos todos sob a proteção de Santa Cecília, a virgem e mártir que, aqui em Roma, com a sua vida, elevou o mais belo canto de amor, entregando-se totalmente a Cristo e oferecendo à Igreja o seu luminoso

testemunho de fé e amor. Continuemos cantando e façamos nosso, uma vez mais, o convite do Salmo responsorial da liturgia de hoje: «Vamos com alegria para a casa do Senhor».